

Jaqueline A M. Zarbato Schmitt

TRABALHANDO EM FLORIANÓPOLIS...
(As Práticas de Trabalho e as Memórias de Trabalhadores e Trabalhadoras.)
1900-1920

Mestrado: História

Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis

2001

Jaqueline A M. Zarbato Schmitt

TRABALHANDO EM FLORIANÓPOLIS...
(As Práticas de Trabalho e as Memórias de Trabalhadores e Trabalhadoras.)
1900-1920

Dissertação apresentada como exigência parcial
para obtenção do grau de Mestre em História, à
Comissão Examinadora da Universidade Federal de
Santa Catarina, sob orientação da Profª Drª Cristina
Scheibe Wolff

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis

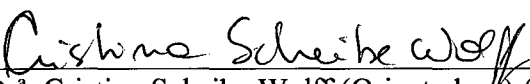
2001

TRABALHANDO EM FLORIANÓPOLIS...
(AS PRÁTICAS DE TRABALHO E AS MEMÓRIAS DE TRABALHADORES
E TRABALHADORAS.) 1900-1920

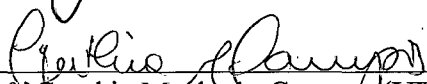
JAQUELINE APARECIDA MARTINS ZARBATO SCHMITT

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de
MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

BANCA EXAMINADORA


Prof.^ª. Dr.^ª. Cristina Scheibe Wolff (Orientadora) (UFSC)


Prof.^ª. Dr.^ª. Bernardete Wrubleviski Aued (CSO/UFSC)


Prof.^ª. Dr.^ª. Cynthia Machado Campos (UFSC)

Prof. Dr. Élio Cantalício Serpa - Suplente (UFSC)

Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 21 de fevereiro de 2001.

Dedico este trabalho aos meus amores....
Ao Flávio e ao Bernardo.

A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.

(Hannah Arendt- A condição Humana)

AGRADECIMENTOS

Ao longo da dissertação, quando as palavras faltavam, quando as fontes eram escassas, eu pensava nas muitas pessoas que fizeram parte de minha trajetória e que, compartilharam alegrias, tristeza, sonhos, frustrações, realizações. Para cada uma das “almas generosas” com quem convivi, as palavras sempre serão poucas.

Pensar em como cada pessoa têm sua trajetória na vida, seu caminho a trilhar parece ser óbvio, mas quando se têm amigos, desejamos que, nossos caminhos não se percam na multidão. Por isso, sei que cada uma das pessoas com quem convivi seguirá um caminho, mas mesmo assim, espero que numa das encruzilhadas da vida, a gente se encontre.

Gostaria de agradecer aqueles que contribuíram para a pesquisa. Aos funcionários do Arquivo Público do Estado, aos funcionários da Biblioteca Pública do Estado, da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina, aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em História, em especial à Nazaré e aos professores do Programa de Pós Graduação em História, em especial o Prof. Dr. Artur César Isaia, ao Prof. Élio Serpa, a Profª Maria Bernardete Ramos Flores.

À CAPES, pelo incentivo financeiro que possibilitou essa pesquisa.

Agradeço também aos entrevistados, Sr Nicolau, Sr Francisco, D Elza, D Irene, D Hercília, Sr. Assis, Sr Alcides, Sr Mário, D. Laurita, Sr. Doralécio porque me deixaram investigar suas vidas, trazendo à tona, algumas vezes, momentos conflituosos de suas trajetórias. Algumas dessas pessoas faleceram durante a pesquisa, mas deixo o agradecimento por terem construído comigo esse estudo.

À orientadora, Profª Drª Cristina Scheibe Wolff, a qual tem me legado muitos ensinamentos para o decorrer de minha trajetória profissional.

Agradeço à Profª Drª Cíntia Machado Campos pela leitura atenciosa da dissertação.

Agradeço em especial à Profª Drª Joana Maria Pedro, com quem compartilhei muitas inquietações ao longo de minha vida acadêmica e cujas sugestões, contribuições, conversas mostraram que sempre se tem algo a aprender.

Agradeço à Profª Drª Bernardete Aued, uma grande amiga, por compartilhar mais esse momento de minha trajetória, e espero que isso aconteça outras vezes.

Gostaria de agradecer uma amiga, a Rose, uma pessoa com quem espero compartilhar muitos momentos de felicidade, tristeza, apreensões, mudanças. Eu aprendi com essa amiga, a aliar o ser humano ao ser profissional.

Agradeço ao Flávio de quem recebi apoio, amor, carinho e compreensão, e que me ajudou a superar momentos difíceis, as vezes escutando, outras vezes falando, mas sempre acreditando em mim. Agradeço por compreender minhas angústias e compartilhar as emoções.

Agradeço à minha mãe, que da sua maneira de viver, sua força de viver, sua garra me ensinou a enfrentar os problemas, me incentivando a seguir em frente.

Agradeço à Cris e Vivi que para mim são iguais, na delicadeza, no carinho, na força de vida. Com a Vivi tenho uma gratidão eterna.

Agradeço ao Fabiano pelos livros, pelas caronas e pela amizade e a D. Gertrudes, a Bia e a Raquel pela ajuda diária.

Quero registrar também o meu agradecimento aos amigos que estiveram presentes em momentos que ficaram marcados para sempre em minha vida. À Maristela, que depois de uma breve pausa, voltou mais “brilhante” que uma estrela. À Célia, pessoa “seríssima”, que aprendi a admirar. À Silvana, uma amiga muito estimada. À Juçara, cuja amizade foi uma descoberta maravilhosa. À Alexandra, uma doce e

querida companheira de desabafos. À Scheila, pelas longas conversas. À Luciana, uma amiga estimada. Ao Léo, pela grande amizade.

Há duas amigas que merecem todo o meu agradecimento, não só porque são amigas, mas porque são confidentes, porque escutam minhas lamentações, porque lêem meus textos, porque me incentivam a continuar e, também porque são muito especiais para mim - Cristiane e Nucia - nem todas as linhas dessa dissertação seriam capazes de dizer o quanto admiro e agradeço vocês.

RESUMO

Nesta dissertação pretendo dar visibilidade as práticas de trabalhadores e trabalhadoras em Florianópolis no início do século XX. Para tanto, utilizei a memória desses sujeitos como principal método de análise, de maneira que contribuísse para compreensão da heterogeneidade das formas de sobrevivência em Florianópolis. Neste sentido, não privilegiei a análise de uma categoria de trabalho, pelo contrário, a partir das várias funções exercidas seja no trabalho formal ou no informal, serão aprofundadas não só as múltiplas formas de trabalho, mas também as trajetórias de trabalhadores e trabalhadoras.

Deste modo, abordo a maneira como a historiografia catarinense se refere ou não aos trabalhadores e trabalhadoras, se há invisibilidade ou não em relação a esses sujeitos. Além disso, através dos discursos impressos nos jornais, nos relatórios de chefes de polícia, dentre outros que representavam os ideais das elites e do poder público, tentei possível perceber como foi se modificando a noção de trabalho na cidade. Já que os ideais das elites e do poder público, buscavam nos aparatos repressivos a contribuição para a instauração de novas práticas de trabalho. Através dos discursos sobre a modernização do trabalho inseriu-se o ideal do “homem trabalhador”, que seria moldado pelo processo de “modernização”.

Logo, contrapondo os discursos de redimensionamento do trabalho com as narrativas dos sujeitos contribui para problematizar e aprofundar o debate em torno das experiências de trabalho em Florianópolis.

ABSTRACT

This work intend to give visibity to the workers' practices in Florianópolis at the beginning of the twenty century. To achieve that, I used the memory of them as a main analysis method. The purpose is to contribute to the understanding of the Florianópolis way of living in its heterogeneity, so that, many activities were brought up to the discussion avoiding the privilege to any working class.

The discourses published in newspapers and the police relatories, among others sources, were also used to perceive the power dimensions and its relationship with the concept of work in the city and the manifested insertion of the "working man" ideal through the modernization process.

Thus, facing the discourses of modrnization and the memories of the workers of that period I aim to help the discussions about the work experiencies in Florianópolis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
------------------------	-----------

CAPÍTULO I

FLORIANÓPOLIS: UMA CIDADE SEM TRABALHO ?.....	17
--	-----------

CAPÍTULO II

NOVAS PRÁTICAS, NORMAS, CONTROLES E ... MUITO TRABALHO.....	60
--	-----------

2.1. Os discursos para a cidade trabalhar.....	61
---	-----------

2.2 ... e as práticas de trabalho.....	77
---	-----------

2.3. Formas de trabalho: as mulheres trabalhadoras.....	98
--	-----------

CAPÍTULO III

NARRAR, MANTER-SE VIVO.....	110
------------------------------------	------------

3.1 Entre o passado e o presente ficam as lembranças.....	143
--	------------

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES.....	150
---	------------

INTRODUÇÃO

Silêncio. Essa palavra caracteriza o estudo sobre a trajetória de trabalhadores e trabalhadoras em Florianópolis, no período de 1900 a 1920; isso porque na historiografia sobre a constituição do espaço urbano, não se faz menção às atividades desenvolvidas, aos caminhos percorridos para o trabalho, às dificuldades, às condições de trabalho, aos espaços de sociabilidade, entre outras questões que compõem o cotidiano da cidade. Para falar, o sujeito tem necessidade de silêncio, um silêncio que é fundamento necessário ao sentido e que ele reinstaura falando.¹

Assim, busco aprofundar as discussões sobre as formas de trabalho em Florianópolis, principalmente algumas indagações que cercam esse tema. Quem eram os trabalhadores e trabalhadoras? Que profissões exerciam? Em que condições trabalhavam? Quais as possibilidades de trabalho na cidade? Enfim, uma série de perguntas aguçavam minha curiosidade sobre as experiências desses homens e mulheres e, acima de tudo, inspiraram meu desejo de perceber o porquê deste silêncio em relação a esses sujeitos sociais.

Por isso, minha atenção foi despertada para as narrativas desses sujeitos, devido a estas remontarem, a todo o momento, o passado de trabalho, sempre relacionando-o com o presente. Isso contribui não só para os estudos históricos, mas também para todos aqueles que convivem diariamente em Florianópolis e somente conhecem a cidade que lhes é apresentada hoje, não tendo, no caso dos mais jovens, memórias sobre um “tempo” em que a cidade estava se modernizando, em que os jardins e praças eram diferentes, em que as ruas não tinham tanto movimento, em que o ritmo da cidade não era tão acelerado. Isso

¹ ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio. No movimento dos sentidos*. SP: editora da UNICAMP, 1997. P 71

acontece porque , quase todos os jovens crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem.²

Deste modo, quando meu “olhar” se voltou em busca das várias formas de trabalho existentes na cidade, nas décadas iniciais do século XX, este estava sendo impulsionado pelo “tempo” das minhas experiências, em que convivo diariamente com as inovações tecnológicas, desenvolvimento industrial e até mesmo com o redimensionamento do “mundo do trabalho” com o fenômeno da globalização. No entanto, desperta minha atenção o fato de que, mesmo com tantas inovações, é notório o crescimento constante do número de vendedores ambulantes, de trabalhos esporádicos, de “camelôs”, enfim de pessoas que exercem atividades, ligadas ao trabalho informal.

Hoje, ser vendedor, “camelô” ou costureira é ser trabalhador e trabalhadora. Entretanto, no início do século XX apenas era considerado trabalhador aquele que exercia atividades nas empresas, nas fábricas e até no comércio, ou melhor, aquele ligado ao trabalho formal. Assim, vendedores, lavadeiras, costureiras, carregadores que engrossavam o número de trabalhadores e trabalhadoras informais não se enquadravam entre as categorias de trabalho. Em Florianópolis, esses homens e mulheres que exerciam atividades ligadas ao setor de “serviços”, e que, por sua vez, não eram entendidos como “produtivos”, não eram considerados trabalhadores e trabalhadoras.

Tanto na contemporaneidade, como no início do século XX, o trabalho desses homens e mulheres apresenta-se, apesar de não ser visto como produtivo, como um fator de contribuição para o processo não só de trabalho, como de crescimento da cidade. E a partir dessa constatação, busquei recuperar, através das falas dos trabalhadores e trabalhadoras, do setor formal e informal, um pouco da história do trabalho em Florianópolis.

² HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos. O breve século XX. 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. SP: Cia das letras, 1995 p 13

Entendendo que o historiador faz seus questionamentos a partir do tempo que vive, pode-se dizer que a temporalidade serve para, expor ou representar, num mesmo tempo, as maneiras pelas quais o historiador satisfaz a dupla demanda de dizer o que existe antes e colocar os fatos onde estão as lacunas³. E mesmo que o meu intuito não seja preencher o silêncio com as falas desses sujeitos, trazer as representações das formas de sobrevivência se faz necessário na medida em que possibilita fazer uma relação entre o presente e o passado do trabalho.

Assim, busquei, com minhas indagações pessoais, confrontar o momento em que presencio a proliferação das mais variadas formas de sobrevivência com aquele em que analiso a trajetória dos trabalhadores e trabalhadoras.

Paul Veyne destaca que os eventos que o historiador busca para narrar são, em sua maioria, selecionados, organizados, simplificados. Nesse sentido, o historiador parte dos mais variados eventos, que trazem peculiaridades, diversidades, particularidades. Parte do presente para questionar o passado, mas, por mais que os eventos do passado e do presente se assemelhem, o ontem e o hoje têm diferenças e são essas diferenças que compõem o trabalho do historiador.

Pensando nas memórias, torna-se extremamente prazeroso visitar e conversar horas a fio com homens e mulheres com uma larga experiência de vida, que repassam não só aquilo que a história escrita relegou, mas que, a cada olhar ou gesto, vão se (re) descobrindo como sujeitos que tiveram uma importante contribuição no cenário urbano.

Deste modo, escutei suas lembranças com a atenção de quem ouvia falar de uma outra cidade, já que a Florianópolis que conheço tem muito pouco daquilo que me contaram, e talvez resida aí a perspicácia desses sujeitos, pois demonstram em suas falas as dificuldades que encontraram em se adaptar às constantes mudanças.

³ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad: Maria de Lourdes Menezes. RJ: Forense Universitária, 1982 p 23

Se as fontes documentais apontam para poucos vestígios sobre a trajetória dos trabalhadores, nas entrevistas pode-se perceber determinados fatos do cotidiano, dos modos de vida, das experiências compartilhadas, das atividades desempenhadas, o que possibilita reconstituir, através de fragmentos da memória, alguns traços de seu cotidiano, já que a evidência oral traz em seus testemunhos elementos que muitas vezes não cabem nos documentos.

Os silêncios que perduram não se restringem apenas às fontes, mas também à história escrita sobre Santa Catarina, mais especificamente sobre Florianópolis. Esta história vai sofrendo algumas modificações e a invisibilidade no que se refere aos trabalhadores e trabalhadoras vai aos poucos deixando de existir na historiografia.

Mesmo que, em Florianópolis na década de 20, esses homens e mulheres não fossem percebidos enquanto trabalhadores e trabalhadoras, pretendo, através de suas memórias, mostrar como exerciam as mais variadas atividades, de que forma vivenciavam os processos de trabalho. Hoje, quando narram, os homens e as mulheres “olham” e descrevem os momentos passados, denominando para si uma identidade: a de trabalhadores e trabalhadoras.

Baseado nesse silêncio que por muito tempo permaneceu na historiografia é que busco no primeiro capítulo desse estudo, realizar uma análise da historiografia relacionada à Florianópolis. Em relação ao processo de trabalho, cabe lembrar que, durante muito tempo, os historiadores que se dedicavam ao estudo sobre os trabalhadores e trabalhadoras guiavam-se pela teoria marxista. Essa vertente teórica aprofundava as questões em torno da exploração do operariado, imerso no processo de produção das fábricas. Os estudos pautados por essa teoria encontravam nas fábricas os elementos de análise: divisão de trabalho, o controle do tempo socialmente necessário para fabricar o produto em larga escala, valor de uso, valor de troca.

Entretanto, no caso específico de Florianópolis, não posso discorrer sobre as experiências de trabalho a partir de uma categoria como o operariado, já que há múltiplas categorias de trabalho, formal e informal, sendo necessário suscitar essas diferentes formas de trabalhar para que seja possível compreender que a diversidade de formas de trabalho coexistem num mesmo espaço.

Ao elucidar a história desses sujeitos, essa análise centra-se na memória, onde busco esclarecer que, ao tentar apreender o cotidiano de trabalho e de vida dos trabalhadores e trabalhadoras através das lembranças, alguns traços da memória são muitas vezes comuns entre os sujeitos que pertencem a um grupo, que mantêm hábitos similares, que freqüentam os mesmos espaços de sociabilidade, o que, por sua vez, reforça a idéia de que através dessas lembranças torna-se possível mapear elementos que faziam parte de suas vidas.

Isso porque as lembranças aparecem num contexto coletivo, mesmo tendo em vista que quem lembra é o indivíduo, dentro de algumas circunstâncias em que várias pessoas experimentaram. No caso dos trabalhadores e trabalhadoras, como afirma Ecléa Bosi, a memória vem acompanhada de uma valorização do trabalho:

*Na velhice quando não há mais lugar para aquele “fazer” é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. Lembrar agora é fazer. Quanto mais a memória revive o trabalho que se fez com paixão, tanto mais se empenha o memorialista em transmitir ao confidente os segredos do ofício*⁴

É a partir do trabalho então, que muitas lembranças vêm à tona, sejam lembranças que reportem ao convívio com os familiares depois do dia de trabalho, ou mesmo na dupla jornada de trabalho, fora e dentro do lar no caso das mulheres. (Ao suscitar as memórias de

⁴ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 2ª ed SP: T.A Queiroz, 1987 p 398

trabalho, outras lembranças emergem, o que possibilita perceber as experiências de cada sujeito social.

A experiência é fomentada nas relações de trabalho, políticas, afetivas, sociais. Os sujeitos constroem suas experiências nos mais variados elementos da vida e lidam com eles através da cultura, como normas, obrigações familiares, como valores, o que leva a crer que, na experiência, tem-se uma reflexão sobre as vivências e que, nesse caso específico, é problematizada pela memória, já que esta vê a experiência à luz de experiências posteriores.

Assim, baseio as problematizações sobre os discursos que fomentam as experiências a partir da análise de Joan W. Scott, que busca historicizar a experiência, trazendo os inúmeros discursos que forjam as identidades para os sujeitos, não no sentido de capturar a realidade dos objetos vistos, mas de tentar compreender as operações dos processos discursivos complexos e mutáveis, pelos quais as identidades são afirmadas, resistidas ou acatadas, e cujos processos não são marcantes e, na verdade, atingem seus efeitos porque não são notados.⁵

Além da contribuição de Joan Scott sobre a experiência, utilizo as contribuições de E. P Thompson, o qual inovou nos estudos sobre a classe trabalhadora, mostrando que esta se constitui num processo amplo, diverso, múltiplo. Por isso, ao agrupar as experiências de trabalhadores na Inglaterra do século XVIII os quais exerciam profissões variadas com religiões, costumes, práticas diferentes, demonstra que, no geral, vivenciam questões muito próximas.

Quando busco analisar o cotidiano de trabalhadores e trabalhadoras em Florianópolis, procuro atentar para esta diversidade, pois era dessa variedade de ocupações que se constituía a classe trabalhadora na Inglaterra. Assim, ao analisar as dificuldades enfrentadas com a instabilidade cíclica, o trabalho temporário e a alternância dos trabalhadores e

⁵ SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. In: *Revista Projeto História*. Cultura e Trabalho. SP: PUC/SP, nº 16, fevereiro de 98 p 318/319

trabalhadoras, pretendo dar vazão às várias formas de trabalho, essas experiências que acabam por constituir a classe trabalhadora. Essa diversidade de formas de trabalho, dificuldades de moradia, sazonalidade de empregos proliferavam-se em todo o Brasil no fim do século XIX e início do XX, em especial as pequenas ocupações autônomas e o trabalho informal, setores que naquele período eram chamados de “economia invisível”.⁶

Nesse sentido, tentar acompanhar as experiências dos trabalhadores nas dimensões do desenvolvimento de suas profissões, nos espaços de sociabilidade, nas relações familiares é mais do que elucidar uma parte da história do trabalho de Florianópolis, que por muito tempo foi relegada ao “esquecimento”. É, acima de tudo, permitir que as “falas” desses homens e mulheres não se percam no imenso emaranhado de “fatos” e “heróis”, mas fazer com que permaneçam presentes suas “memórias” como um capítulo importante da história de Florianópolis.

As memórias desses agentes sociais trazem para essa análise inúmeros aspectos da relação entre os homens mas, principalmente, da construção de um novo modo de viver, que seria o de trabalhar em meio ao processo de “remodelação do espaço urbano”.

Não se pode falar, então, de um tipo de trabalhador urbano, centrado no individual, pois percebi que, na multiplicidade de funções exercidas desenrola-se todo um processo de interação, de valorização das atividades, de socialização de experiências, em que as lembranças muitas vezes relembram caminhos bem semelhantes.

Assim, pretendo trazer para essa análise não uma, mas várias formas de ver e viver o cotidiano de Florianópolis através de suas experiências de trabalho. Deve-se ter em vista que as lembranças são orientadas pelo desejo de reconstruir uma imagem muito particular sobre o passado de cada trabalhador e trabalhadora. Pois, se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se estas parecem emprestar a sua substância, é que nossa

memória não é uma tábua rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos que nos devolveriam a imagem do passado.⁷

Essa busca pela imagem do passado só pode ser vislumbrada com mais nitidez a partir das entrevistas, pois, como já foi dito, há muitos silêncios sobre a trajetória dos trabalhadores e trabalhadoras em Florianópolis. Desta maneira, a história oral entra em cena quando procuro trazer para a análise aqueles momentos que ficaram resguardados no íntimo da memória desses sujeitos, possibilitando “invadir” a subjetividade desses homens e mulheres, onde, além das experiências imediatas, tenho a possibilidade de recuperar acontecimentos de outros momentos.

Uma outra contribuição importante na análise das falas dos trabalhadores e trabalhadoras está no estudo de Antônio Torres Montenegro, o qual argumenta que entre as reflexões orais está o resgate da memória, que, por sua vez, é construída a partir de um universo diversificado de marcas que poderá nos remeter ao relato de imagens, situações, acontecimentos, ou à narração de experiências.⁸

Em relação às narrativas dos homens e mulheres, suas lembranças dos tempos de trabalho trazem inúmeros elementos da sua vivência pessoal, não há uma separação, já que, *“há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar”*.⁹

Ao lembrar, a memória seleciona os acontecimentos, seja quando apagam ou quando relembam, fato que é passível de análise para o historiador, o qual pode suscitar, através da

⁶ Sobre o trabalho no Brasil ver: PINTO, Maria Inês Borges. *Cotidiano e Sobrevivência em São Paulo*. SP: Edusp, 1994. LOPES, José Sergio Leite. (coord) *Cultura e Identidade Operária*. Aspectos da cultura da classe trabalhadora. RJ: marco zero, 1982. Entre outros.

⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. S.P: Vértice, 1990 p 26

⁸ MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral, caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História* SP. V. 13, nº 25-26, setembro 1992-agosto de 1993 p 60

história oral a tensão entre o passado e o presente. Nesse sentido, *a memória gira em torno da relação passado - presente e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado*¹⁰.

Desta forma, as falas das pessoas mais velhas, trabalhadores e trabalhadoras, suscitadas através da história oral, permitem representar a realidade, dando vazão às diferentes visões do espaço urbano, isso porque se *a memória não é um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas*¹¹.

Assim, ao problematizar as memórias através da história oral percebe-se que o processo de relembrar está intimamente ligado à experiência vivida, sendo que a memória é pensada como a constante presença do passado, ou como *uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional*¹².

As entrevistas foram feitas com pessoas que trabalharam como lavadeiras, carregadores, conferidores de carga, costureiras, pescadores, buscando perceber como desenrolava-se o dia a dia de trabalho de cada entrevistado, sem deixar de perceber a relação com as mudanças que estavam sendo implantadas na cidade, até porque quando eram indagados sobre as mudanças, alguns desses trabalhadores e trabalhadoras destacaram que nesse período modificaram-se as suas práticas de trabalho.

A maioria dos entrevistados tinha entre 87 e 92 anos, exceto o Sr Nicolau que tinha 99 anos. As perguntas seguiram um roteiro, no qual eram indagados sobre as experiências

⁹ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História- História em Quadro Negro*. V 9, nº 19, 1989-1990 p 230

¹⁰ THONSON, Alistair. Reconstituindo a Memória: Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Revista Projeto História*. PUC- SP, 1981 p 57

¹¹ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Revista Projeto História*. PUC-SP, 1981 p 16

¹² AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. RJ: FGV, 1996 p 94

de trabalho, os horários, a família, os espaços de sociabilidade, as mudanças nas formas de trabalho, as relações de trabalho. O contato entre os trabalhadores e trabalhadoras facilitou o andamento da pesquisa, pois alguns mencionavam nomes de pessoas que trabalhavam no centro da cidade. Além dessas indicações, busquei entrevistar algumas pessoas que viviam em asilos, como D. Irene (vendedora) e D Hercília (lavadeira).

Na entrevista do Sr Francisco (conferidor de carga), a sua esposa, D Elza (costureira) contribuiu quando o mesmo não lembrava de alguma questão. As entrevistas do Sr Francisco e do Sr Nicolau (pescador, trabalhador da construção da ponte) foram as que se diferenciavam das demais, pois eles trabalhavam sob um regime de trabalho formal. Mesmo assim o Sr Nicolau, oscilava entre o trabalho formal e informal.

Além das entrevistas, procurei perceber nas fontes escritas, se revelam (ou não) as trajetórias de trabalho. Por isso, a pesquisa nos jornais forneceu importantes elementos para a análise sobre o cotidiano da cidade e, através deste, possibilitou perceber a inserção dos trabalhadores e trabalhadoras no mercado de trabalho. O mesmo se dá quando se tem as notícias de acidentes ou desastres, de proibições, de fatos sociais, de eventos políticos. Ou seja, se não tratam diretamente dos problemas vivenciados pelos trabalhadores e trabalhadoras possibilitam, a partir de outras notícias, perceber a participação dos trabalhadores e trabalhadoras no cotidiano urbano.

Entendo que os jornais são também portadores de discursos dominantes na época, pois representavam, muitas vezes, interesses políticos. Joana Maria Pedro, em seu estudo sobre a imprensa em Desterro argumenta que:

observar, mais de perto, os períodos em que surgem inúmeros jornais, permite-nos perceber a especificidade local das lutas partidárias que envolviam todo o país e, ainda, as possibilidades que a cidade de Desterro possuiu para o

*desenvolvimento de uma esfera de pessoas privadas
reunidas num público.*¹³

Deste modo, busquei nas notícias dos jornais, as referências que denotassem a inserção dos trabalhadores e trabalhadoras na constituição de obras públicas, bem como através das notícias dos melhoramentos advindos com os ideais modernizadores e civilizadores, com o intuito de perceber se eram publicizadas, ou não, suas práticas cotidianas

Analisei, também, fontes escritas oficiais, tais como relatórios de chefes de polícia, Mensagens do governador à Câmara de Deputados, relatórios apresentados ao governador, entre outras. Essas fontes tratam da legislação sobre a proibição da venda de produtos, dos horários estabelecidos para o comércio, bem como das pessoas que eram presas, fator bastante presente nas décadas iniciais do século XX, em que havia a descrição das pessoas, o nome, nacionalidade, instrução, profissão, idade, entre outros aspectos ligados àqueles que eram presos.

Deste modo, tentei agrupar as memórias dos trabalhadores e trabalhadoras com as fontes escritas oficiais, de modo que fosse possível confrontar os discursos sobre as questões que se referem ao trabalho na cidade.

No primeiro capítulo, intitulado **Uma cidade sem trabalho?** procuro mostrar as diferentes perspectivas de análise sobre os trabalhadores e trabalhadoras na historiografia catarinense. Procuro fazer uma análise historiográfica que abarque os estudos clássicos, os estudos com abordagem social, cultural, para que fosse possível perceber não só as diferentes formas de abordagem, mas também para mostrar como o silêncio sobre os trabalhadores e trabalhadoras vai deixando de existir.

¹³ PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado. A imprensa em Desterro no século XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995. P 34-35

No segundo capítulo, **“Normas, novas práticas, controles... e muito trabalho a ser feito”**, busco, através de relatórios, de notícias de jornais, bem como de outras fontes documentais perceber que mesmo a invisibilidade presente nas fontes pode denotar certos problemas no que se refere ao cotidiano de trabalho da cidade, na medida em que a mesma passava por intensas modificações que, por sua vez, atingiram e, os trabalhadores e trabalhadoras como sujeitos sociais, modificando suas vidas.

Assim, pretendo problematizar o porquê das prisões, como se davam os “desastres”, a necessidade e posterior construção da Ponte Hercílio Luz , o desempenho das mais variadas atividades. Objetivo, através de vários elementos que se reportem, ou não, aos trabalhadores e trabalhadoras, entender como se constituía o cotidiano, como mantinham suas práticas de trabalho em meio aos ideais de “ transformação” da cidade.

Já no terceiro capítulo, **“Narrar, manter-se vivo”**, analiso as memórias dos trabalhadores e trabalhadoras, tendo as narrativas das experiências como um dos seus principais elementos. Tento também tecer a trajetória de trabalho e de vida dos narradores, com os fragmentos do cotidiano, das relações de família, de amizade, dos espaços de sociabilidade, a trajetória de trabalho e de vida dos narradores.

Assim, através das falas é possível compreender como estes trabalhadores e trabalhadoras interpretam seus modos de vida, os desejos, as tristezas, as dificuldades, os lugares de trabalho, os momentos de lazer em seu passado, recuperando, através das lembranças, a sua importância no desenvolvimento da cidade.

Deste modo, através da análise historiográfica, bem como dos relatórios de secretários e presidente de província, procuro apreender a construção dos discursos sobre a “incapacidade” do povo de Florianópolis para o trabalho, percebendo, além disso, a “invisibilidade” dos trabalhadores e trabalhadoras. Logo, alguns estudos terão uma análise mais extensa, de forma até mesmo descritiva, pois a intenção é a que o leitor apreenda

através da temporalidade de cada um dos estudos, como a noção de trabalho vai se modificando, possibilitando diferentes visões dos trabalhadores e trabalhadoras na história.

Não tentei fazer um estudo que abarque todas as categorias de trabalho existentes nas décadas iniciais do século XX, mas busquei mostrar a efetiva participação dos trabalhadores e trabalhadoras do setor informal no mercado de trabalho de Florianópolis.

I CAPÍTULO: FLORIANÓPOLIS: UMA CIDADE SEM TRABALHO ?

A quem tenha procurado desvendar as causas do nosso atraso em relação a outros povos, não deve ter passado despercebida a insignificante capacidade de trabalho da nossa raça, atribuída geralmente a um fator fisiológico, isto é, a uma indolência nativa e a um fator físico, isto é a uberdade do nosso solo, de onde resulta a facilidade de obter os meios de subsistência, a necessidade da luta pela vida.¹⁴

No relatório apresentado pelo secretário geral de negócios do Estado, Dr Fulvio Aducci, sobre os problemas enfrentados na busca pelo desenvolvimento do país, bem como do Estado de Santa Catarina, este menciona a “*incapacidade de trabalho*” de nosso povo, entre eles os habitantes da ilha de Florianópolis, procurando justificar essa incapacidade através de fatores biológicos, como se fosse uma doença incurável. O secretário utiliza esse discurso no relatório destinado ao governador do Estado para afirmar que era necessário instaurar os “melhoramentos” na cidade. Assim, explicando que o homem brasileiro não era um “vadio”, e sim um “doente”, baseia seu discurso sobre a “indolência” e “decadência”.

O que se percebe é que em meio a essas falas que atribuem indolência ao povo, ou seja, do homem do litoral não ser apto para determinadas atividades¹⁵, foi se intensificando, um tipo de discurso, a nível nacional, contribuindo com os “ideais de modernizar” a cidade, bem como de segregar algumas práticas cotidianas da população.

¹⁴ Arquivo Público do Estado. Relatório apresentado ao governador Dr. Felipe Schmidt pelo Dr Fulvio Aducci, secretário geral dos negócios do Estado. 1915 (grifo meu)

¹⁵ Sobre a questão da “indolência” do homem do litoral, ver ARAÚJO, Hermes dos Reis. *A invenção do Litoral. Reformas Urbanas e Reajustamento Social em Florianópolis na primeira República*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1989

Assim, busco aprofundar as discussões sobre os aspectos da “incapacidade de trabalho” em Florianópolis, até porque esta, emergiram nas décadas iniciais do século XX discursos que consideravam os “cidadãos não aptos para o trabalho”. Talvez, pelo fato de ser a capital do Estado, a cidade concentrava grande quantidade de funcionários públicos e serviços, o que contribuiu para a disseminação da visão de uma cidade que “não produz”.

Neste sentido, tento romper com esse tipo de discurso, mostrando que homens e mulheres de Florianópolis exerciam diversas atividades e relembram sua vida como uma vida de trabalho, se vêem como trabalhadores e trabalhadoras.

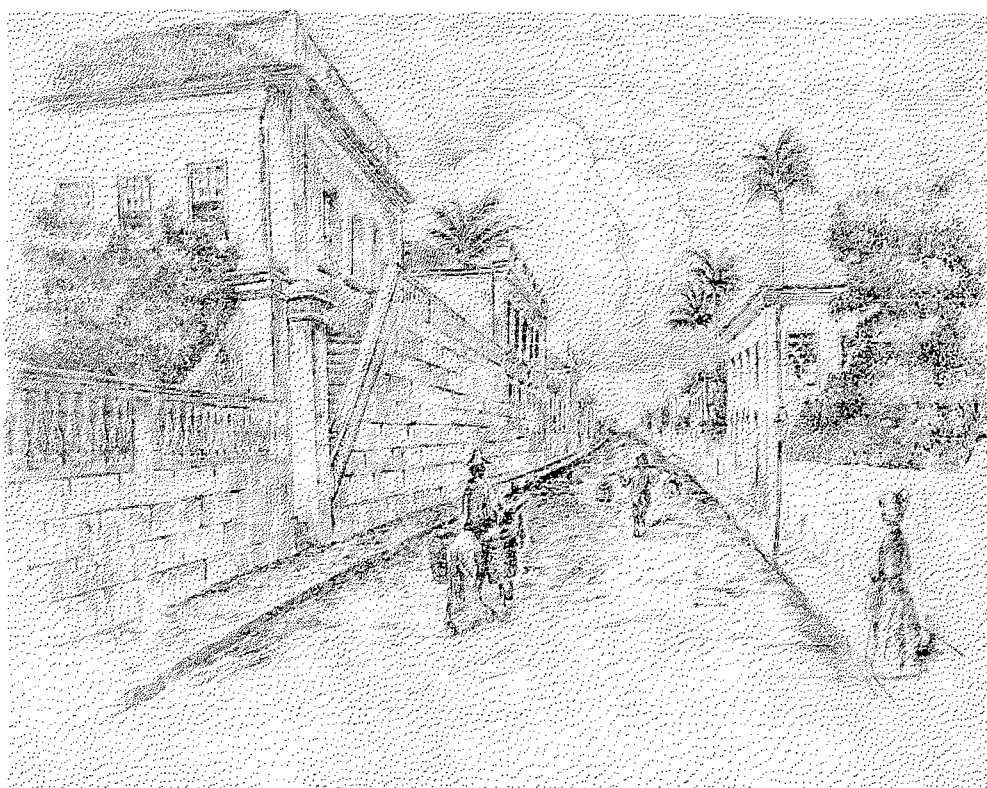
Pensar a cidade nas décadas iniciais do século XX, requer estar atento às modificações das práticas cotidianas da população, porém, nesse anseio em caracterizar a população como incapaz, não se dá ênfase às inúmeras questões que estavam presentes no cotidiano, como a área de improvisação de papéis informais, novos e de potencialidades, de conflitos e confrontos em que se multiplicam formas peculiares de resistência e luta.¹⁶

Apesar da propalada “incapacidade para o trabalho”, no cotidiano da cidade de Florianópolis tem-se uma gama de trabalhadores, dos ambulantes com expedientes esporádicos aos trabalhadores formais. As memórias de D. Irene trazem à tona a presença de alguns vendedores que passavam na sua rua:

*Os pombeiros não vendiam comida. Vendiam frutas, vinham de caminhão, então eles paravam na frente das casas e tinha um negócio de boi, gritavam e a gente já sabia. Então descia para comprar laranja, cebola, tangerina na época vergamota.*¹⁷

¹⁶ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. SP: Brasiliense, 1995 p 14

¹⁷ Entrevista com D Irene Maria da Silva, 91 anos, em janeiro de 2000



Fonte: FOSSARI, Domingos. Florianópolis de Ontem. UDESC, 1978

Além da lembrança sobre o trabalho dos vendedores com expedientes esporádicos, havia também os trabalhadores que cumpriam uma jornada de trabalho com horários estabelecidos, como o Sr Francisco, que trabalhava das oito horas da manhã até às cinco da tarde na empresa de navegação Hoepcke, ou mesmo como o Sr Dorálecio, que trabalhava na escola de Aprendizes Artificies, ou o Sr Assis, que trabalhava como encarregado numa madeireira. Esses e outros trabalhadores, com suas estratégias de sobrevivência e seus modos de vida, mostram os vários elementos culturais imersos em seu cotidiano, nesse embate contínuo, entendendo as possibilidades da cultura como um processo social constitutivo, a qual incorpora não só as novas questões, mas também as contradições através das quais se desenvolveu¹⁸

Neste sentido, os elementos culturais imersos no cotidiano de cada trabalhador e trabalhadora têm ainda outras peculiaridades a serem consideradas, pois na década de 20, a

cidade passava por intensas mudanças -como já foi argumentado e- uma delas, que talvez tenha sido um dos motivos dos incessantes discursos de modernização, dá-se pelo fato de muitas vezes haver uma dificuldade em caracterizar o que seria “urbano”.

Durante muito tempo havia uma diversificação de atividades, que iam de pescador, do pequeno agricultor, marítimos, encarregados, trabalhadores da construção e, principalmente, onde algumas atividades eram desenvolvidas no centro da cidade, mas outras ainda estavam ligadas ao interior da ilha de Florianópolis, criando uma linha tênue entre o campo e a cidade. Porém, é importante salientar que o campo e a cidade são realidades históricas em transformação, tanto em si próprias quanto em suas inter-relações¹⁹.

Diante disso, pode-se argumentar que mais do que tornar a cidade moderna, era preciso suscitar o desejo de se viver em uma cidade urbanizada, ou melhor, de romper com alguns laços que mantinham a sociedade ligada aos trabalhos e ao viver do campo. Isso porque, o que convencionalmente chamamos de cidade, ligada a constantes transformações, é na verdade, uma construção histórica e, portanto, o que essa visão funde é uma realidade contraditória: de vício e protesto, de crime e vitimização, de desespero e independência.²⁰

O que se percebe então, é que, mais do que dimensionar suas práticas cotidianas, os trabalhadores e trabalhadoras teriam que “apreender” um modo diferente de trabalhar. Um exemplo é a Ponte Hercílio Luz, *que agrupou na sua construção cerca de 1000 trabalhadores, muitos dos quais eram habitantes de Florianópolis e que mantinham suas atividades ligadas à pesca.*²¹

Portanto, quando se fala em trabalhadores urbanos, inúmeras questões emergem, pois além de estar sendo constituído um espaço urbano, os próprios sujeitos estavam começando a se inserir nesse processo de mudança de trabalho. Cabe ressaltar, então, que os marítimos,

¹⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Trad. Waltensir Dutra. RJ: Zahar editores, 1979. p 17-18

¹⁹ WILLIAMS. *O campo e a cidade na História e na Literatura*. Trad. Paulo Henrique Britto. SP: Cia das Letras, 1989. p 307.

²⁰ WILLIAMS, 1989. Op cit p 203

vendedores, professoras, costureiras, lavradores, lavadeiras, pescadores, entre outras profissões, faziam-se presentes em Florianópolis, mesclando várias formas de trabalho. A delimitação do trabalho formal e informal torna-se, por vezes, complicada. Pode-se dizer que estas mudanças no processo de trabalho estavam acontecendo gradativamente em todo o país. As ocupações autônomas e os expedientes esporádicos dividiam espaço com o trabalho nas fábricas, no comércio, nos portos.

Maria Inês Pinto, ao analisar a situação das ocupações autônomas e do trabalho informal em São Paulo, dá algumas pistas quanto a isso, pois, segundo ela, a maioria expressiva da população pobre era composta por trabalhadores que viviam à base das pequenas ocupações independentes, do trabalho temporário de baixa remuneração, como também das funções marginais.²² Este estudo vem mostrar que, apesar de serem dadas as especificidades de cada cidade naquele momento histórico, a informalidade perpassava várias categorias de trabalho, indiferente do lugar onde desenvolviam suas atividades e que, portanto, as dificuldades enfrentadas no cotidiano de trabalho eram questões que ultrapassavam as fronteiras dos centros urbanos.

Nesse sentido, pode-se dizer que fica explícito a existência de ocupações autônomas, de vendedores ambulantes entre outros. Nos jornais, os trabalhadores e trabalhadoras são mencionados por ocasião de algum problema, quando devem pagar impostos ou mesmo quando são acusados de cometerem excessos. Nas notícias abaixo percebe-se que os trabalhadores e trabalhadoras ganham destaque no espaço público quando ocorre algum problema:

Há dias inúmeros vendedores ambulantes percorrem as ruas, oferecendo a venda grande quantidade de pêssegos verdes. A fiscalização municipal deve proibir, terminantemente, não só

²¹ Entrevista realizada com o Sr Nicolau Tolentino Martins, 99 anos, em setembro de 1999.

²² PINTO, Maria Inês Borges. *Cotidiano e Sobrevivência*. S.P: Edusp, 1994 p 110

a venda de pêssegos verdes como de todas as frutas que não estejam em condições de serem aproveitadas. A saúde pública assim o exige...

Sábado à noite o indivíduo Quirino Prudêncio da Silva, brasileiro, de cor branca, engraxate, residente nesta capital decerto para se refrescar após uma semana inteira de trabalho e calor, ingeriu grande quantidade de bebidas alcóolicas, que o deixaram em completo estado de embriaguez.

Enquanto experimentava os efeitos tóxicos do álcool, antes mesmo que pudesse externar a sua satisfação foi convidado por um soldado da Força Pública, para ir à cadeia onde lhe estava preparada ótima hospedagem. Quirino não fez questão e acompanhou o soldado, tendo saído no Domingo pela manhã, depois de passada a carraspana.²³

Essas notícias demonstram que determinados trabalhadores eram, muitas vezes, alvos da fiscalização, bem como da chefatura de polícia, cujo objetivo se não era segregar, era pelo menos “controlar” as práticas dos trabalhadores e trabalhadoras.

Nas leis municipais apresentavam-se a fiscalização sobre o trabalho na cidade, onde se definiam as tarifas a serem pagas por cada categoria de trabalho. Na lei nº 678, de 5 de setembro de 1905, tem-se uma classificação das profissões, por “classes”. Destaco algumas com o intuito de mostrar a diferenciação das profissões:

²³ Jornal A República Frutas Verdes p. 01 Coluna 04 de 05/12/1918 e A República Chefatura de Polícia p 04 col. 01 de 04/02/1919

Na 1ª classe- Advogados, joalheiros, ourives, droguista, médico.

Na 2ª classe- Agrimensor, alfaiate, barbeiro, dentista, engenheiro, estivador, pequeno mercador de relógios, mercador de roupa.

Na 3ª classe- avaliador, asfaltador, alugador de carroça, costureira, ferreiro, sapateiro que tinham estoques fabricados na própria oficina, tipógrafos.

Na 4ª classe- Amolador, calafate, carpinteiro, mercador de cebolas, mascate sem gêneros alimentícios, mercador de roupa usada²⁴.

Essa classificação servia como uma forma de regulamentar as atividades que estavam sendo desenvolvidas, bem como uma forma de obrigar o pagamento das taxas. Algumas atividades, como os pombeiros, as vendedoras de doces e as lavadeiras não estão inseridas nesta lei, talvez porque a lista procurasse abarcar as atividades ligadas ao setor formal, pois visava, principalmente, trabalhadores e trabalhadoras com emprego fixo, com local de trabalho estabelecido.

Nas lembranças dos trabalhadores, alguns elementos mostram a versatilidade em relação às atividades desenvolvidas, como relembra Sr. Nicolau, que era pescador, mas que trabalhou também na construção civil, na fabricação de cal, bem como na construção da Ponte Hercílio Luz:

Eu perdia noite, eu trabalhava de dia no cal, chegava em casa nem tomava banho, porque eu ia para o mar, pescar(...) Eu vinha do cal de trabalhar...eu comia e saía para o mar, quando estava escurecendo, voltava uma hora, duas horas da madrugada, pescava peixe, camarão.²⁵

²⁴ Arquivo Público do Estado. Código de Posturas. Lei Municipal, nº 678. 5 de setembro de 1905.

²⁵ Entrevista realizada com Sr. Nicolau Tolentino Martins, 99anos, em setembro de 1999

Apesar da historiografia raramente mencionar os trabalhadores e as trabalhadoras, as memórias, como as do Sr Nicolau, trazem o exercício de suas atividades no cotidiano da cidade, envolvendo-se em várias ocupações para manter sua sobrevivência, como fabricar cal. Segundo ele, uma atividade importante para a construção civil:

(...) saía de casa às 6 horas da manhã, andava quase dois quilômetros a pé, trabalhava o dia todo. Tocava fogo nos caixotes, pegava lenha, queimava. Daí batia com a água para dissolver o cal. Era um trabalho importante, o cal lindo, branco que era uma beleza, berbigão queimado. A casca era lavada para tirar a areia, um tal de João Pereira trazia as cascas a 200 réis o caixote.

As lembranças do Sr Nicolau destacam uma forma de trabalho que, apesar de ser utilizado em várias construções na cidade, raramente é mencionado. Além disso, a maneira como ele descreve a extinção do trabalho com o cal denota as mudanças que começavam a se instaurar em Florianópolis, já que mesmo a fábrica sendo registrada na prefeitura, e tendo campo de trabalho, *acabou o material, ninguém mais queria trabalhar*. Desta forma, buscar fragmentos da memória desse trabalhador contribui para recompor não só o seu cotidiano, mas também o cotidiano do trabalho na cidade, isso porque, *“se existe uma memória voltada para a ação, feita de hábitos e uma outra que revive o passado, parece ser esta a dos velhos, já libertos das atividades profissionais e familiares.”*²⁶

As diversas formas de trabalho existentes na cidade são suscitadas a partir das lembranças dos trabalhadores e trabalhadoras, que trazem as experiências sobre como o trabalho formal e o informal na cidade. Mesmo para aqueles que não se dedicavam ao trabalho no centro, havia uma ligação com o trabalho desenvolvido nessa área da cidade, como lembra o Sr Alcides, que morava em Canasvieiras, interior da ilha, e que vendia seus produtos para o Mercado Público:

Era difícil, a gente botava na embarcação e levava o peixe, às vezes com vento, às vezes com chuva ou às vezes não tinha vento, mas não tinha motor, levava-se tempo para ir à cidade. Ia vender no Mercado. (...) a cebola, no princípio vendia em resta(um feixe).

A lembrança do tempo em que vendia peixe e cebola para o mercado denota que havia uma interdependência entre o campo e a cidade, ou melhor, ambos estavam ligados através das várias formas de trabalho.

Entretanto, se nas lembranças dos trabalhadores e trabalhadoras torna-se possível historicizar as várias formas de trabalho em Florianópolis, o mesmo não se dá na história oficial. Neste sentido, considero importante analisar as formas de abordagem historiográfica sobre as questões que envolvem os trabalhadores e as trabalhadoras. Nessa análise, pretendo suscitar as várias perspectivas teóricas, situando esses estudos de maneira que seja possível entender como consideravam o trabalho em alguns períodos históricos. Desejo perceber se havia visibilidade, ou não, dos trabalhadores e trabalhadoras e, além disso, apreender as formas de representação do trabalho na historiografia. Pois, pode-se dizer que há vários “tempos” na análise historiográfica: tempo dos homenageados, das grandes obras, do desenvolvimento econômico e o tempo da visibilidade dos sujeitos sociais, como mulheres, negros, velhos, entre outros.

Neste sentido, concordo com Angela de Castro Gomes, quando argumenta que esse procedimento através dos vários “tempos” possibilita a formação de subgrupos na amostra, todos analiticamente arbitrários, *mas funcionais quando o que se deseja é demonstrar a*

²⁶BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. SP: Cia das Letras, 1994 p 39

*existência de um espaço -físico e cronológico- onde os intelectuais examinados constróem relações organizacionais e simbólicas por meio de suas trajetórias individuais.*²⁷

Início a análise com uma obra, que é considerada clássica, ainda muito utilizada na atualidade. Osvaldo Rodrigues Cabral, intelectual de elite, médico-sanitarista, que como membro da elite descrevia os aspectos relacionados ao viver da cidade, entretanto, mostra também com um “olhar” carregado de estereótipos, outros personagens e modos de vida: os açorianos, os escravos, as mulheres. A sua **Nossa Senhora de Desterro**, de Osvaldo Rodrigues Cabral tem servido de fonte de informações para muitos historiadores compreenderem os aspectos relacionados à história de Florianópolis. Ele traz para o debate elementos que constituem e reconstituem questões presentes no desenvolvimento da cidade. Antes de analisar alguns pontos referentes aos trabalhadores, não se pode negar a importância desse tipo de análise, porque, mesmo querendo contemplar todas as questões que se fazem presentes no desenrolar do cotidiano da cidade, esse estudo lança inúmeros pontos para debate, tendo muito a dizer.

Segundo o próprio Cabral, essa seria a obra que sempre pensou em escrever, agrupando os temas, buscou “os fatos históricos”, pois, segundo ele, “os caminhos da história são todos balizados profundamente, com marcos dos mais estranhos aos mais inesperados-mas todos ligados entre si”. Neste sentido, busco analisar a obra por um viés que mais interessa, ou melhor, a partir dessa obra tento entender como o autor relacionou os trabalhadores e as trabalhadoras.

Nessa obra, Cabral preocupa-se em descrever os principais “fatos” que marcaram a história da cidade: sua fundação, governantes, a Independência e a Proclamação da República. Descreve os bailes, as comemorações, o dia-a-dia da cidade. Porém, encontra-se muito pouco em sua análise que reporte aos trabalhadores e trabalhadoras. Em um dos

²⁷ GOMES, Angela de Castro. História e Historiadores. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1999 p 44

textos extrai um pequeno trecho para exemplificar como aparecem o relato alguns trabalhadores:

(...) não me arreceio em afirmar que, toda a melhoria verificada no sistema de vida do ilhéu, resultou do intenso comércio, que se processou através do nosso porto. Qualquer gênero alimentício, que fosse trazido do interior para ser vendido na vila ou na cidade era, obrigatoriamente encaminhado à praça...., deveria descansar até as 9 horas. (...) expostos em esteiras, antes da existência do mercado e mesmo depois dele, verifica-se uma espécie de feira-livre. As 9 horas tocava o sino da câmara, era a vez dos atravessadores, dos pombeiros, dos vendedores ambulantes, que então ficavam livres para adquirir tudo o que estivesse à venda e, depois, saírem pelas ruas, a revendê-los de porta em porta.”²⁸

As relações de trabalho sofriam algumas modificações neste período, até porque estava sendo erigida, na transição do Império para a República, uma nova ética do trabalho, ou melhor dizendo, o novo conceito de trabalho que buscava uma série de modificações nas práticas dos trabalhadores e trabalhadoras, onde os discursos dominantes apontavam que, um “cidadão de bem” deveria ser ligado ao trabalho, sendo assim um membro útil da sociedade.

Cabral descreve algumas atividades que começavam a despontar no cenário urbano em meados de 1880; atividades próprias do viver urbano e que atendiam às necessidades urbanas, “como os 19 sapateiros, 8 alfaiates, artífices e operários contavam-se, de ferreiros 4, de marceneiros 2 e de serralheiros, tanoeiros, entalhadores e pintores, um de cada”²⁹. Somente pelo fato de enumerar algumas atividades que estavam despontando na cidade pode-se perceber que em Florianópolis naquele momento, havia um pequeno

²⁸CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *Nossa Senhora de Desterro*. Florianópolis: UFSC, 1972. Notícia II p 9

contingente de trabalhadores e trabalhadoras, que não se concentravam apenas nas atividades administrativas.

Acima, o autor traz algumas atividades e no trecho a seguir nota-se uma preocupação em destacar a pesca como principal atividade do habitante da ilha, em que Cabral definia com uma identidade étnica estabelecida, o açoriano:

“O açoriano era pescador, acima de tudo; e à plantação de que entendia era o seu pequeno quintal, nos fundos da casa, mesmo porque as ilhas de onde vieram não eram tão grandes assim para admitir uma agricultura intensiva. Além do mais,(...) o que mandavam que ele plantasse aqui ‘não dava’... O que dava aqui, com fartura era a mandioca, própria das terras arenosas, que não exige grandes coisas, nem faz questão de adubagem. E esta deu mesmo....

Só em 1798 fabricavam-se mais de 200 mil alqueires de farinha em toda a Capitania de Santa Catarina, 65 mil só na Ilha....(...) E, não costumavam tirar os governadores aos lavradores de suas terras, recrutando-os para servir nas tropas, muitas vezes quando, terra plantada, esperavam eles a época da farinhada? Certamente não. O melhor era pescar, que minhoca não faltava para isca, trocar o excedente pela farinha que outros produzissem e lhes sobrasse, de vez em quando ir à caça, para variar a etapa, e ir fazendo biscate para conseguir o resto: trabalho nas olarias, nos barcos, nos cortumes, nos paióis, nos açougues, nas padarias, como vendedores ambulantes, coisas(...) que não complicavam a vida dos que a exerciam.”³⁰

Ao afirmar que o açoriano era pescador, Cabral parece naturalizar as práticas desses sujeitos sociais, bem como desqualificá-los para certas atividades. Além disso, contribui

²⁹CABRAL, 1979. op cit p 9

para uma visão de que o mesmo não se enquadrava numa ética de trabalho, regida pelo sistema capitalista. Quando fala na troca de excedente, parece lembrar a época do escambo.

Se de um lado, mostra um certo rompimento em relação às atividades agrícolas, por outro pode-se perceber que essa atividade continuou sendo exercida mesmo depois da urbanização. No entanto, segundo Cabral se o dito “açoriano” apenas trabalhava esporadicamente em outras atividades além da pesca, quem trabalhava ininterruptamente no comércio, nos açougues, nas padarias, nas olarias, nas fábricas e demais espaços de trabalho? O que podemos perceber é que essas e outras questões sobre as atividades desenvolvidas pelos “açorianos” contribuíram, durante muito tempo, para descrevê-los como “não dados ao trabalho”.

Como demonstra Maria Bernardete Ramos Flores, essa forma de designar os “açorianos” está intrinsecamente ligada a uma questão etno-política: a comparação entre descendentes de açorianos e luso-brasileiros em geral, que ocuparam o litoral de Santa Catarina, e os descendentes de imigrantes alemães e italianos, principalmente, que ocuparam extensas áreas do interior do Estado, especialmente o Vale do Itajaí, as regiões de Joinville, Criciúma e Extremo Oeste.

Nestas regiões desenvolveram-se a indústria têxtil, metal-mecânica, do carvão e, ainda, a produção agro-industrial de derivados animais. Para muitos estudiosos, ainda hoje o desenvolvimento dessas indústrias tem um caráter étnico, pois estaria relacionado à “maior capacidade de trabalho”, dos imigrantes estrangeiros, bem como ao caráter inovador e empreendedor de seus empresários.³¹

Nos discursos sobre o que é considerado trabalho, o pescador é visto como extrativista. Ele dispõe dos recursos naturais, sem produzir alguma mercadoria. Mesmo

³⁰ CABRAL, *ibidem* p 207/208

assim, através da memória desses sujeitos, pode-se perceber a importância desse tipo de atividade no contexto da cidade em 1920.

Devo esclarecer que o estudo de Cabral é datado, tendo sua historicidade relacionada ao tempo em que escreveu, bem como à maneira como “leu” suas fontes. Se hoje sua obra é considerada uma fonte, isso se deve também pela quantidade de informações que contém. Mas também, pode-se pensar nesta obra como uma fonte sobre o pensamento da época em que Cabral viveu e a escreveu.

Dentro de uma perspectiva tradicional, mas no campo da Geografia, porém trazendo alguns elementos para a historiografia de Florianópolis, tem-se o artigo de Victor Antonio Peluso Júnior, intitulado, **Crescimento Populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura da cidade**. Neste estudo, o autor traz a preocupação com “o atraso” da cidade, principalmente quando diz que.... *“a cidade não teve facilidade para se expandir, porque os ricos não queriam se desfazer das áreas de recreação e os agricultores em trocar seu meio de vida agrícola pelo cidadão.”*³² Nesse artigo, Peluso Júnior tenta mapear o plano urbano da cidade, desde o fim do século XIX até a década de 70. Faz um estudo geral, onde reforça certos estereótipos da cidade e de seus habitantes analisando de modo genérico as situações ocorridas no centro da cidade e relacionando assim a ampliação do número de habitantes, dos “melhoramentos” nas ruas à constituição de aparatos “modernos” no espaço urbano. No que se refere aos trabalhadores, descreve que a produção da cidade centrava-se em bens e serviços:

Um núcleo urbano, para sobreviver, necessita de mandar para fora de seu limites, parte de sua atividade, a fim de poder importar bens e serviços que não produz, pois se não

³¹ Ver PIAZZA, W. F. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Lunardelli. P 405 a 437 e FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Autoridade do Passado In: A Farra do Boi*. Florianópolis: Ed UFSC, 1997

exportar não entram recursos financeiros para seu abastecimento. Dessa forma, uma parte da população trabalha 'para fora', conseguindo recursos para adquirir bens e serviços que não produz, enquanto a outra trabalha para atender à própria população”³³

Quando Peluso Júnior traz esse tipo de caracterização para as cidades parece buscar elementos para justificar que o setor de “serviços” comprometia o crescimento da cidade. Algo parecido acontece quando o autor descreve o aparecimento de algumas atividades no centro da cidade, destacando que na praia do mercado, no meio de “compradores e vendedores estava o povo, arranjando seu meio de vida, vendendo também alguma coisa, transportando o que pessoas de mais posses adquiriam, auxiliando qualquer trabalho.”³⁴

Em outro momento, ao delimitar quem eram “os abastados” e “os pobres”, bem como suas respectivas atividades no processo de desenvolvimento da cidade, Peluso Júnior mostra uma separação entre as “classes”:

*“Os membros das firmas exportadoras e importadoras; os agricultores que abasteciam ao mercado dos produtos exportáveis e de consumo da vila; os armadores que mantinham as relações entre a vila e o restante do país, além dos funcionários públicos e os militares eram as pessoas abastadas; os artífices e pequenos empregados e a massa da população sem meio de vida definido, sempre pronta a acorrer a qualquer lugar em que surgisse possibilidade de ganho, constituíam o povo, os pobres.”*³⁵

³² JUNIOR, Victor Antonio Peluso. Crescimento Populacional de Florianópolis e suas repercussões na Plano e na Estrutura da cidade In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 3ª fase, n 3, Florianópolis, 1981 p13

³³ PELUSO JÚNIOR, op cit, p 21

³⁴ PELUSO JÚNIOR, ibidem p 22

³⁵ PELUSO JÚNIOR, ibidem, p 23

A medida que afirma que estavam prontos “a acorrer a qualquer lugar em que surgisse possibilidade de ganho”, o autor mostra que havia uma linha divisória entre o trabalho formal e o informal, pois se de um lado há trabalhadores com horários estabelecidos, trabalhando no comércio, nas repartições públicas, de outro existem inúmeros homens e mulheres que tentam manter sua sobrevivência das mais variadas formas, sempre ligados ao setor informal de trabalho.

Torna-se possível perceber a heterogeneidade presente não só no exercício das atividades, como nas experiências de cada trabalhador. Aliás esta é uma caracterização das cidades brasileiras no período em que se urbanizavam e em que se reforçavam os trabalhos urbanos. Como coloca Maria Célia Paoli, a *heterogeneidade nas experiências de proletarização, vindas de processos de trabalho muito distintos, no interior de uma divisão técnica de trabalho que vinculava, desigualmente, todos os níveis de qualificação e habilidades*³⁶

No campo da sociologia, mas com uma perspectiva de análise que pretende abarcar a totalidade na história da cidade, tem-se o estudo **Cor e Mobilidade Social em Florianópolis**, no qual Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni analisam as relações entre negros e brancos desde o século XVIII até o século XX. Esse estudo tem sido largamente utilizado, principalmente no que se refere às fontes. Nesse sentido, cabe destacar que, apesar de extenso na parte das fontes, a forma de abordagem tem inúmeros problemas, pois lista muitos aspectos, mas problematiza poucos.

Os autores trazem elementos sobre a transição do trabalho escravo para o livre em que destacam a cidade como centro administrativo, porém assinalam a presença de pequenos agricultores e de pescadores, bem como de algumas atividades desempenhadas pelos escravos juntamente com os brancos pobres.

³⁶PAOLI, Maria Celia. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros In: LOPES, José Sérgio Leite. *Cultura e Identidade Operária Aspectos da Cultura da classe trabalhadora*. RJ: Marco Zero, 1982 p 63

Esses autores também fazem uma análise da economia catarinense, relacionando as condições de crescimento populacional com a produção de bens de consumo, argumentando que, tornando-se livres e assalariados, os negros raramente conseguiram ascender, assim como os brancos das camadas sociais dependentes. A relação entre brancos e negros aparece como a tônica desse estudo, no entanto, transitam pelo cotidiano, recuperando para a análise a ideologia racial e os estereótipos, o que, conseqüentemente, denota a presença do negro, mesmo que em número menor que em outros centros.

Aparecem no texto citado algumas tabelas, que mesmo não sendo aprofundadas permitem perceber a coexistência de brancos e negros no exercício de variadas atividades. Além disso, com o auxílio de um questionário mostram que proporcionalmente o número de negros em relação ao brancos não era tão ínfimo como se pressupunha. Assim, nesse estudo, mesmo que imersos em gráficos, tabelas, pode-se perceber a presença dos trabalhadores, sejam eles brancos ou negros.

Na década de 70, as perspectivas de análise histórica trazem em demasia a utilização de métodos estatísticos, demográficos, onde os nomes de governadores e presidentes se sobressaem, bem como as “melhorias” implantadas. Nesse sentido, alguns estudos analisados vão ao encontro dessa perspectiva, já que, mesmo sendo datados e com objetivos definidos, trazem para a análise dados, fatos, empreendedores, ressaltando aspectos econômicos e sociais. No entanto, o social é entendido a partir das obras que foram construídas para o “bem estar” da cidade.

Nos estudos de Maria de Fátima Piazza et ali, de Laura Machado Hubener e de Djanira de Andrade percebe-se uma perspectiva historiográfica que não se distancia da vertente tradicional, embora as autoras se utilizem de técnicas da história econômica, quantitativa, ou de cultura material, trazendo a importância econômica da fábrica de pontas, do comércio no porto, bem como da construção da Ponte. Cristina Wolff, ao se referir a estes trabalhos, argumenta que *alguns estudos da história econômica tendem a colocar nas*

*tabelas de dados numéricos toda a ênfase, muitas vezes deixando de apresentar outras possibilidades de interpretação de dados e mesmo de descrever como foram obtidos.*³⁷

O estudo de Maria de Fátima Piazza et ali, **A Fábrica de Pontas Rita Maria**³⁸, mostra que essa empresa teve extrema importância no desenvolvimento econômico da cidade, sendo sua produção basicamente de pregos, abarcando o mercado interno e externo. O estudo do prédio, inaugurado em 1896, mostrou que foram realizadas muitas reformas, adaptações e acréscimos no decorrer do século, apesar do estudo se concentrar e a proposta já alertava para isso na arqueologia industrial, onde estão presentes todos os componentes do processo da fábrica. Em relação ao contingente de trabalhadores na fábrica, a única menção diz respeito à vila habitada por operários. A proposta da autora nesta obra não busca focalizar os sujeitos sociais, como os operários. No entanto, em meio aos gráficos, e até mesmo a partir do acervo de fotografias, poderiam ser lançadas algumas questões sobre esses sujeitos.

Mesmo que o número de estabelecimentos industriais em Florianópolis não fosse de grande proporção, nas lembranças de alguns trabalhadores estão presentes as fábricas que existiam na cidade naquele momento, como lembra D. Irene:

*No Rita Maria, ali tinha fábricas, às vezes quando passo ali, ainda me lembro. Tinha fábrica de sabão, de arame, de gelo, até eu tinha um concunhado que trabalhava na fábrica de gelo e tinha uma fábrica de peixe. A de peixe parece que ainda tem.*³⁹

³⁷ WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate In: *Revista Catarinense de História*, nº 2, 1994 p 12

³⁸ PIAZZA, Maria de Fátima et ali. *A fábrica de Pontas Rita Maria. Um estudo da Arqueologia Industrial*. Florianópolis: Edeme, 1980

³⁹ Entrevista com D Irene Maria da Silva, 91 anos em Novembro de 1999

Na mesma linha de análise que Maria de Fátima et ali, porém focalizando o desenvolvimento da cidade através do comércio no porto, tem-se o livro **O Comércio em Desterro no Século XIX**, no qual Laura Machado Hubener⁴⁰ realizou um estudo local a nível econômico, integrando-o a uma estrutura nacional. Analisando a atividade comercial e seus resultados muito mais em termos quantitativos, a autora traça os aspectos gerais da economia mundial no século XIX, afirmando que essa criou possibilidades de ampliação dos mercados tanto para matérias primas como para alimentos.

A autora reafirma a idéia de que Desterro seria uma cidade “sede dos órgãos oficiais como o do governo, junta da fazenda, Alfândega, Juiz de Foro e Regimento de Infantaria”⁴¹, porém acaba por deixar uma certa lacuna, já que não destaca outras atividades desenvolvidas na cidade, já que se pode considerar que uma cidade que despontava como centro urbano haveria de concentrar não só órgãos administrativos, mas também atividades que surgiam em meio à ótica “moderna.”

A afirmação da “cidade administrativa” torna-se extremamente comum, não só na análise de Hubener. Percebo que também em outras abordagens essa caracterização é reforçada, como nos estudos de Maria de Fátima Piazza et alli e Djanira Andrade. Isso porque esse tipo de afirmação segue uma linha de pensamento de que Florianópolis não era uma cidade que aglutinava um número expressivo de trabalhadores urbanos do setor privado. Mesmo entendendo que a autora se deteve mais sobre o fim do século XIX, ainda encontramos nas décadas iniciais do século XX a permanência de discursos sobre a “capital administrativa”, onde a população não era “dada ao trabalho”⁴².

Quando então Laura Hubener traça as características sobre a zona comercial, diz que essa estava localizada próxima ao porto, ou melhor, à Alfândega. “Próxima também

⁴⁰HUBENER, *O Comércio em Desterro no século XIX*. Florianópolis: UFSC, 1979

⁴¹HUBENER, op cit, p 18

desenvolvia-se uma regular atividade de construção naval”⁴³. Porém, se havia, como Hubener afirma, uma atividade de construção naval, onde estariam os trabalhadores que desenvolviam essa atividade? Mais uma vez, estes raramente aparecem nessas análises.

Em meio a gráficos sobre as exportações e sobre a vinda de produtos de outras capitais, sobre o estado precário do cais do porto, Laura Hubener traz um aspecto da importância do porto. A autora aponta, através das falas do Presidente da Província, de 1860, alguns dados sobre o número de trabalhadores no porto :

*A importância do porto pode ser testada pela população marítima ali existente. Para uma população de cerca de 11000 habitantes em toda Desterro, a população marítima, de acordo com o número registrado na Capitania dos Portos, até dezembro de 1859 chegava a 1774 indivíduos, espalhados pelas mais variadas atividades, como mestres, contramestres, praticantes, patrões de hiates, marinheiros, carpinteiros, calafates, etc. Portanto, cerca de 16% da população dedicavam-se à atividade marítima”.*⁴⁴

Tem-se, então, inúmeras questões a serem discutidas sobre a dita “população que se dedicava à atividade marítima”, primeiro porque se 16% da população se dedicava às atividades no porto, isso mostra que havia um grande contingente de trabalhadores.

Em relação à movimentação no porto no fim do século XIX e início do XX, tem-se algumas evidências sobre a instalação de estaleiros nos arredores do porto, os trabalhadores que carregavam madeira, os estivadores, bem como os trabalhadores das empresas de

⁴²Sobre a questão de Florianópolis não ser uma cidade de trabalho, Hermetes dos Reis Araújo analisa os discursos sobre a colonização açoriana que por muito tempo justificaram a inexistência de trabalhadores devido a essa colonização.

⁴³HUBENER, ibidem p 23

⁴⁴HUBENER, ibidem p 35

navegação, como Hoepcke, Arataca, Barbosa & Veiga, entre outros,⁴⁵ que agrupavam uma série de atividades, como conferidores de carga, despachantes, estivadores, operários.

Mesmo afirmando a existência de uma concentração de trabalhadores, Laura Hubener no entanto não discorre sobre a importância desses sujeitos sociais no processo de produção do porto, pois se os navios aportavam, tinham seus produtos descarregados e isso pressupõe que alguém teria que fazê-lo.

Em algumas memórias encontrei referências sobre a circulação de trabalhadores nos arredores do porto, seja de trabalhadores locais, ou mesmo de alguns que aportavam temporariamente na cidade. Conviviam diariamente trabalhadores de madeiras, os estivadores terrestres, os estivadores marítimos, conferidores de carga, entre outros, como lembra o Sr Assis, encarregado numa madeira e que depois trabalhou em órgãos públicos:

(...) eu tinha mais contato com o pessoal da madeira e os estivadores terrestres. Tinha 10 homens sob meu comando, casados, solteiros. A gente levava a madeira para o porto, descarregava, daí vinha os “bagrinhos”, pessoal da estiva terrestre que levavam a carga até a ponta do trapiche. Dali para frente era por conta dos estivadores terrestres. Então, se tratasse eles bem, o serviço era bem feito⁴⁶

Essa lembrança do Sr Assis sobre o processo de trabalho, desde trazer a madeira para o porto e depois levá-la até a ponta do trapiche, denota que o incremento de produtos ligados ao porto fazia com que houvesse um movimento contínuo, por onde transitavam várias categorias de trabalhadores, como os estivadores.

O porto era considerado um importante entreposto comercial. Segundo o Sr. Francisco, que trabalhou durante muito tempo na Companhia Hoepcke, ali eram

⁴⁵ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma questão de classe*. Tese de Doutorado/ USP, 1992 p 23

transportados os mais variados tipos de mercadorias: *Vários produtos de Florianópolis e da região eram transportados para o Rio de Janeiro, Santos, pelos navios Ana, Carl, Max, como também o transporte para pessoas era intenso.* Já o Sr Nicolau, lembra que : *os navios estrangeiros aportavam na Ilha de Ratoeas e só depois vinham para o porto, com embarcações menores*⁴⁷, isso devido a pouca profundidade do canal, fato que constantemente é recuperado para explicar o declínio do porto.

Entendendo que o porto concentrava um expressivo contingente populacional, acredito que havia a manutenção das mais variadas práticas, já que entravam e desciam dos “paquetes” pessoas de todos os credos, raças, classes, etc. No entanto, o que se percebe é que, na década de 20, o porto passou a ser alvo das preocupações de autoridades públicas, como a chefatura de polícia. Essas preocupações provavelmente ocorriam devido ao número de pessoas que circulava pelo porto, desde aquelas que embarcavam e desembarcavam dos navios, dos estivadores, dos carregadores, bem como dos possíveis “maus elementos” que poderiam transitar naquele local. Tanto que num dos relatórios do chefe de polícia, nota-se a preocupação em estabelecer um aparato policial no porto, cujo intuito era bem claro: preservar aqueles que trabalhavam e coibir a vadiagem:

*“A ociosidade - já o disse em o meu anterior relatório e ora o repito - é incontestavelmente uma causa geradora de crimes; ‘é a fonte de todos os males’; o ocioso é mal em começo que não merecia nascer.”*⁴⁸

Na mesma perspectiva de análise de Maria de Fátima et alli e Laura Hubener - porém ligada ao desenvolvimento econômico da cidade e voltando-se principalmente para os fatos e

⁴⁶ Entrevista com Sr Eidi de Assis Correa, 76 anos, em agosto de 1999

⁴⁷ Entrevista com Sr Francisco e Sr Nicolau, em setembro de 1999

⁴⁸ Arquivo Público do Estado. Relatório apresentado ao Exmo Sr. Dr. Joel Luiz M Callado, secretário do Interior e Justiça, pelo desembargador Antero de Assis, chefe de polícia. Dezembro de 1922

para os feitos políticos na cidade - tem-se o livro **Hercílio Luz: Uma ponte integrando Santa Catarina**. Nesta obra, Djanira de Andrade analisa a construção da Ponte e suas benfeitorias como um fator de suma importância para a vida econômica, social e política de Florianópolis. Além disso, discorre sobre a necessidade de uma ponte em Florianópolis, indicando as dificuldades de comunicação, de transações comerciais da Ilha de Santa Catarina, fazendo um apanhado geral desde o século XVII até o momento de construção da ponte, em 1922. Ela afirma que *“a construção não foi fácil, uma vez que as dificuldades eram muitas, principalmente no que dizia respeito à condição financeira. Na época da contratação dos financiamentos, o orçamento de Santa Catarina era de 7 milhões, 274 mil e 326 contos de réis.”*⁴⁹

Com esse tipo de análise, a autora segue em todo o livro discorrendo sobre os custos, a importância da Ponte, a benfeitoria do governador Hercílio Luz, a profundidade, o transporte das estruturas. A descrição abaixo dá uma ideia da análise que permeia o estudo:

A execução do projeto de Robinson & Steimann em nada foi alterado. A ponte possuiria as seguintes dimensões: 818 m de comprimento; 10,5 de largura, 340 m de vão central, 3,8 de altura das pilastras, abaixo do nível da água e 69,76 m de altura das torres sobre o nível médio da água.

*O início da construção atrasou-se devido à demora do empréstimo que ocorreu com a falência do primeiro projeto. Foi contratada, em 1919, a construtora Byngton & Sundstron, para, em 1920, iniciar a construção, com um prazo de 24 meses para o término da obra. Somente com um novo empréstimo, que foi acertado em novembro de 1922, pode-se edificar a ponte.”*⁵⁰

⁴⁹ ANDRADE, Djanira Maria Martins de. *Hercílio Luz: Uma ponte integrando Santa Catarina* Florianópolis: UFSC, 1981 p73

⁵⁰ ANDRADE, op cit, p 76/77

Nesse sentido, na análise de Djanira Andrade não aparecem as trajetórias e experiências dos trabalhadores responsáveis pela construção da Ponte. A sua importância como geração de empregos e fator de atração de trabalhadores para Florianópolis é desconsiderada pela autora.

Se no livro de Djanira Andrade poucas questões levavam aos trabalhadores da construção da Ponte, recorri aos jornais, folheando aquelas páginas amareladas pelo tempo e muitas vezes, a angústia de não encontrar relatos sobre esses sujeitos sociais me fez acreditar que não encontraria nem uma nota. Porém, ao analisar vários jornais, percebi que a maioria falava da benfeitoria do então governador Hercílio Luz, da importância da Ponte para o desenvolvimento da cidade, etc. Mas, em uma pequena notícia sobre a construção da Ponte encontrei uma menção sobre os trabalhadores:

(...) sabemos que grande parte dos materiais da ponte já se acha no Rio a espera de transporte. O representante do Sr. Byngton nesta capital. foi quem deu esta agradável informação. A empresa construtora brevemente publicará editais por este jornal, chamando pessoal para trabalhar na construção da importantíssima obra”⁵¹

Esta foi uma das poucas notícias que evidenciavam a presença de trabalhadores e trabalhadoras no processo de construção da ponte, sendo, então, segundo os discursos dominantes, personagens secundários nesse processo. Todavia, cabe destacar que um grande contingente de trabalhadores foi empregado como força de trabalho nesta construção, garantindo assim a sua subsistência.

Em relação aos editais, cabe destacar que, até onde foi possível pesquisar nos jornais, eles não foram encontrados. No entanto, nas páginas recentes dos jornais encontrei algumas

⁵¹ Jornal A República 04/11/1922 A construção da ponte do Estreito

notícias que se referiam à homenagem aos construtores, uma das quais aparece em 1997, por ocasião da comemoração do aniversário da ponte, dizia:

*Na solenidade de ontem em comemoração aos 71 anos da Ponte Hercílio Luz estavam presentes duas pessoas que acompanharam toda a história do monumento, desde antes de sua inauguração. Cândido Marcos Machado, 93 anos e Nicolau Tolentino Martins, 97 anos, são os únicos operários que trabalharam na construção da ponte ainda vivos.*⁵²

Essa notícia vai de encontro às análises de Djanira Andrade, justamente porque traz “dois operários” que trabalharam na construção da ponte, mostrando que estes se constituem uma parcela dos que ajudaram na construção:

Assim, nos estudos de Djanira Andrade, Laura Hubener e Maria de Fátima Piazza et alli em meio a gráficos, tabelas, custos, cifras persiste o silêncio em relação aos trabalhadores e trabalhadoras, pois nem mesmo nos dados numéricos houve espaço para discorrer sobre os responsáveis pelo trabalho.

Entretanto, a perspectiva de análise desses autores segue uma vertente largamente utilizada nas décadas de 70. Nessas abordagens, busca-se trazer as “obras”, as “melhorias” para a cidade. As questões econômicas guiavam esses estudos, de modo que o contingente de trabalhadores e trabalhadoras era incorporado nesses números. Deste modo, entendendo que em cada período histórico as análises seguem uma perspectiva teórica, além de terem um objeto de estudo delimitado, busquei perceber que nessas análises ainda perdurava a invisibilidade no que se refere aos trabalhadores e trabalhadoras.

Se as abordagens teóricas realizadas na década de 70 eram, em sua maioria, regidas pelos pressupostos econômicos, tem-se, em meados da década de 80, modificações nas formas de análise. São imagens, narrativas, movimentos populares que irromperam em

⁵²Jornal Diário Catarinense. 14/05/1997 Construtores Homenageados.

“novos” estudos, reivindicando seu lugar na história. Nesse período, como destaca Eder Sader ao suscitar as problematizações sobre as mudanças de perspectivas no estudo dos movimentos sociais, despontam as “novas matrizes discursivas”, ou seja, modos de abordagem da realidade, que implicam diversas atribuições de significado, representações, categorias de nomeação e interpretação.⁵³

Desta maneira, os estudos que suscito foram influenciados pela mudança de abordagem histórica, entretanto, estes não se detêm nos movimentos sociais, mas tratam dos vários agentes sociais, como mulheres, negros, trabalhadores e trabalhadoras. E seguindo essa vertente que buscava estudar os sujeitos, tem-se as análises de Nivaldo Jorge da Silva, Anamaria Beck, Joana Maria Pedro. Esses estudos, dadas as suas especificidades, são marcados pelos paradigmas da história social, já que *o avanço para o social foi estimulado pela influência de dois paradigmas dominantes: o marxismo por um lado e a escola dos “Annales” por outro.*⁵⁴ Dentro dessa vertente historiográfica passaram a haver outras possibilidades de análise antes relegadas, problematizando as questões referentes ao trabalho, aos negros, mulheres, velhos, entre outros.

Num estudo como **A descoberta do Mercado Público**, Nivaldo Jorge da Silva buscou através da recuperação de elementos históricos, reconstituir o espaço do Mercado Público, dando historicidade ao mercados municipais. Apesar de não poder colocá-lo como representante de uma nova historiografia, este estudo aborda elementos que se destacam em relação aos anteriores, fugindo dos aspectos puramente econômicos. O autor mostra que havia em Desterro/Florianópolis dois mercados públicos e, a partir desta análise, constata que antes da construção do mercado várias barraquinhas enfeitavam o centro da cidade. Segundo o autor, concluído e inaugurado o prédio do mercado, em 1851, os “problemas higiênicos e sociais”, que eram inerentes às barraquinhas, persistiram.

⁵³ SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena. Experiências e Lutas de trabalhadores da grande São Paulo* (1979-1980). RJ: Paz e Terra, 1988 p 143

O Mercado Público aglomerava muitos trabalhadores e trabalhadoras, principalmente aqueles vindos do interior com produtos alimentícios, que iam desde a farinha de mandioca até frutas e verduras. Na sua análise, Silva destaca que a *“toailete topográfica foi realizada, mas a toailete social não surtiu efeito, e com isso, a imundície e a vadiagem voltaram a imperar na praça principal da cidade”*⁵⁵

O autor traz, também, as proibições de jogos, tocatas, danças, e o policiamento das pessoas que circulavam pelo mercado. Somente depois de algumas intervenções do poder público no local, *“foi construído um trapiche em 1925 e um pavilhão anexo, onde seria instalado um café elegante.. o café recebeu o nome de Bar Miramar e tornou-se o ponto preferido dos boêmios de Florianópolis”*.⁵⁶

Nas memórias dos trabalhadores e trabalhadoras percebe-se que o bar Miramar constituía-se num dos espaços de lazer da cidade, porém era onde despontavam também as distinções, o que fica claro no relato do Sr. Francisco que lembra que:

*nos domingos ia no Miramar, se reunia a sociedade de Florianópolis para bailes, reuniões sociais. Eu cheguei a participar dessas reuniões com minha mulher. Tudo isso, são coisas do passado muito interessantes. Não era permitido entrar cafajeste, só entrava gente da sociedade, ficava de frente para o mar, mas tinha acesso lateral, a sociedade se reunia, era bacana, era bonito. Música mesmo não tinha, mas era um ambiente social muito simpático, os garçons servindo como gentlemans a todos que estavam ali. Eu ia de terninho branco, de palheta(um tipo de chapéu).*⁵⁷

⁵⁴ HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. trad. Jefferson Luiz Camargo. SP: Martins Fontes, 1992 p 02

⁵⁵ SILVA, Nivaldo Jorge. *A descoberta do Mercado Público*. Fpolis: Mercado Aberto, 1996 p 26

⁵⁶ SILVA, op cit p 34

⁵⁷ Entrevista com Sr Francisco Althoff, 89 anos, em setembro de 1999

Por outro lado, o Sr Mário destaca o Miramar sob outro aspecto, lembrando que *não frequentava bares. No Miramar eu nunca fui, era caro. Havia alguns bares para pessoas mais pobres, mas eu não ia porque quase não saía*⁵⁸

Cabe destacar que o Bar Miramar era um dos locais frequentados pela elite local, alguns funcionários públicos, funcionários da empresa Carl Hoepcke, professores da Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina.

No estudo de Nivaldo Silva, percebe-se implicitamente a presença de trabalhadores e trabalhadoras, pois, quando mostra as modificações realizadas no Mercado em nome de uma mudança no cenário urbano, traz as transformações no processo de compra e venda dentro do Mercado. Se esse estudo ainda não pode ser considerado representante de uma perspectiva de análise que privilegia o social, tem-se a partir do estudo de Anamaria Beck e de Joana Maria Pedro, importantes componentes dessa vertente historiográfica.

Nesse sentido, a preocupação em suscitar a história de outros agentes sociais, como negros, mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, emergem no aprofundamento das discussões que redimensionam a historiografia, em sua maioria vinculadas aos Programas de Pós-Graduação.

No Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, alguns estudos, a partir da década de 80, são influenciados por uma perspectiva de análise que buscava romper com o positivismo. Por isso, pode-se dizer que até mesmo esse Programa teve seus estudos influenciados por novas vertentes, passando por algumas mudanças de abordagem histórica.

Assim, alguns temas passaram a ter mais visibilidade a partir da introdução da história social. Dentre esses estudos, tem-se o livro **Negro em Terra de Branco**, coordenado por Joana Maria Pedro, a qual procurou dar visibilidade aos negros em Florianópolis, buscando perceber o modo pelo qual eram vistos nesta sociedade, fazendo para isso uma análise da dominação a que foram submetidos. A sua análise mostra que a presença dos escravos em

Santa Catarina esteve presa a produção de subsistência, com pequeno excedente. *“Já que as vias de entrada dos elementos da população negra foram especialmente como escravos para uso doméstico, vindos com a elite burocrática e militar”*.⁵⁹

Argumentando sobre o número de escravos em Santa Catarina, Joana Maria Pedromostra que a ausência ou raridade de grandes fortunas impediu a aquisição de expressivo número de escravos. A situação de dificuldade financeira do branco fez com que muitas vezes trabalhasse juntamente com os negros. No que diz respeito às atividades que desempenhavam, a equipe mostra que:

*Considerando-se que as fortunas eram raras, e que, portanto, era incomum a presença de grandes proprietários de escravos, tudo leva a crer que parte considerável das famílias, mesmo as mais pobres, possuía pelo menos um ou dois escravos.(...) assim, escravos negros e livres pobres (estes quase sempre brancos) atuavam paralelamente, na pesca, na venda de alimentos em locais públicos, na prestação de serviços (como era o caso das amas-de-leite,etc)”*⁶⁰

Assim, nota-se que conviviam nas mesmas atividades brancos e negros, desempenhando os mesmos trabalhos, mas que se impunham diferenças quando se referiam à posição social. Porém, é partir do século XIX que se encontrava com mais frequência e abundância as manifestações de preconceito racial. Segundo os autores, isso se daria pelo fato de que *“a cidade passa a contar com instrumentos regulares de comunicação social, como é o caso dos jornais periódicos, que se constituem em importantes fontes de pesquisa histórica”*⁶¹

⁵⁸ Entrevista com Sr Mário Silva, 89 anos, em agosto de 1999

⁵⁹ PEDRO, Joana Maria et al. *Negro em terra de branco: escravidão e preconceito em Santa catarina no século XIX*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988 p 16

⁶⁰ PEDRO, 1988 op cit p 21

⁶¹ PEDRO, 1988 ibidem, p 37

Os jornais seriam responsáveis por inúmeros discursos sobre negros, pois, como ressaltam os autores, buscavam retratar a sociedade a que se destinavam, bem como pela classe que defendiam. Nesse estudo, pode-se dizer que a preocupação centra-se na recuperação das vivências dos sujeitos sociais, trazendo para a análise alguns aspectos das relações de trabalho entre brancos e negros na cidade. Configura-se uma abordagem inovadora, já que retira da invisibilidade não só o trabalho, mas também suscita as trajetórias dos sujeitos sociais.

Os estudos que seguiram uma perspectiva social não se restringiam à história. Em outros campos de saber, como a Antropologia essa vertente foi muito utilizada. Um desses estudos é o de Anamaria Beck **Trabalho Limpo: A renda-de-bilro**, onde a autora realiza um histórico sobre a importância do artesanato, mostrando uma certa “evolução” em seu processo até virar objeto de preocupação de setores governamentais, como o Ministério do Trabalho. Beck faz um estudo recuperando – através de entrevistas feitas no Ribeirão da Ilha, Lagoa da Conceição, Rio Vermelho, Ingleses, Cachoeira, Canasvieiras, Ratones e Pântano do Sul- os elementos presentes no trabalho das mulheres que faziam rendas no interior da ilha. Historicizando a produção da renda de bilro, salienta que essa atividade permitiu “à mulher atender objetivamente as pressões e corresponder à expectativa quanto a sua contribuição para a manutenção da família”⁶²

A autora traz para a sua análise um trabalho que, na atualidade, vem perdendo cada vez mais espaço para o trabalho mecanizado. Porém, um aspecto importante nesse estudo é o fato de a autora dar visibilidade às experiências das rendeiras, não só como trabalhadoras, mas também como mulheres trabalhadoras. A articulação entre as atividade artesanal e o trabalho doméstico indica, claramente, na direção de uma dupla jornada de trabalho:

⁶² BECK, Anamaria (coord) *Trabalho Limpo: A renda-de-bilro e a reprodução familiar*. Florianópolis: UFSC, 1983 p 9

*Seu dia de trabalho começa pelas 5 horas da manhã, preparam o café e vão para a fonte lavar a roupa da família antes que o sol fique quente, voltando para casa tratam da limpeza e arrumação; por volta das 11 horas começam a preparar o almoço e estendem a sesta até por volta das 15 horas, quando retornam à renda até a hora de preparar o jantar. À noite, quando a vista permite, ainda fazem renda antes de dormir.*⁶³

Isso mostra que essa realidade é corrente em outras atividades, já que o trabalho não se restringe a um período apenas, indo além das referidas oito horas de jornada de trabalho. Aprender a fazer renda era um processo de socialização da mulher, considerada atividade adequada para as mulheres, cujo aprendizado começava ainda na infância. O trabalho na renda apresentava considerável demanda, pois cerca de 3000 mulheres estavam ligadas a essa atividade, *mas cabe ressaltar que esse trabalho trazia também um grande desgaste físico, pois o trabalho de renda é uma atividade que, como as domésticas, “desgastam fisicamente a mulher de forma lenta e gradativa”*⁶⁴ Ainda sobre a debilitação física, comenta:

*A fazendeira trabalha sentada no chão, sobre as pernas. Em geral, por uma questão de pudor, cobre os joelhos com uma pequena manta de algodão, no verão, ou de lã, no inverno. Tal postura obriga a um esforço da coluna para manter o tronco reto, bem como a bacia. A dificuldade de locomoção é crescente e se agrava com a idade*⁶⁵

O trabalho da rendeira torna-se importante não só pela divisão do exercício de duas tarefas desgastantes, o trabalho na renda e o trabalho doméstico. Este tipo de informação só vem contribuir com a teoria de que mesmo no trabalho informal, o trabalhador e

⁶³ BECK, op cit p 17

⁶⁴ BECK, ibidem p 22

trabalhadora têm um grande desgaste. Superando certos problemas, o próprio corpo passa a sofrer as consequências do excesso de trabalho. Entretanto, como a pesca, a lavagem de roupas e tantos outros “afazeres”, a confecção artesanal da renda não era vista como um trabalho pela sociedade florianopolitana do período que estou estudando.

No início do século XX, e durante muito tempo, fazer renda não era considerado um trabalho, em primeiro lugar porque não estava imerso no setor formal e em segundo, porque trabalho era aquele que se enquadrava na ótica de mercado, ou seja, no setor produtivo. Entretanto, os estudos de Anamaria Beck, Nivaldo Jorge da Silva, Joana Maria Pedro demonstram a presença dos trabalhadores e trabalhadoras.

Na mesma direção da história social, porém trazendo outros “olhares”, tem-se alguns trabalhos mais recentes, que privilegiam novas abordagens, inserindo-se numa perspectiva histórica que traz para as análises outras linguagens, outros métodos de análise, novas fontes, enfim, *vemos nesses estudos, uma valorização de uma história de fragmentos, muitas vezes vista de baixo, utilizando-se de fontes muito diversificadas.*⁶⁵

Muitos trabalhos historiográficos inserem-se nessa perspectiva, dentre eles estão os estudos de Hermetes dos Reis Araújo, Henrique Luiz Pereira Oliveira, Joana Maria Pedro, Roselane Neckel Kupka, Maria Bernardete Ramos Flores. Esses estudos inovaram as formas de apreensão dos elementos do cotidiano, problematizaram as vivências, as representações, inseriram os sujeitos sociais nas análises, enfim, delimitaram, através de seu “tempo”, a ruptura com certos paradigmas. Modificando as ênfases nos modelos de explicação, *contribuíram de forma mais significativa para a ascensão da história social, passaram por mudança de ênfase, a partir do interesse cada vez maior, tanto dos marxistas, quanto dos adeptos dos Annales pela história da cultura.*⁶⁷

⁶⁵ BECK, *ibidem* p 23

⁶⁶ WOLFF, *op cit* p 13

⁶⁷ HUNT, *op cit* p 05-06

Entre os estudos que se inserem nessa perspectiva tem-se o estudo **A Invenção do Litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**, de Hermetes dos Reis Araújo, o qual busca enfocar aspectos até então inexplorados na historiografia catarinense. Neste estudo, Hermetes Araújo traz a cidade como palco de inúmeras modificações, trabalhando com conceitos como urbanização e modernização, inserindo novos debates sobre as questões que despontavam no cenário urbano. O autor também problematiza os aspectos ligados à legitimação dos discursos que relacionavam a cidade ao atraso, à decadência, de forma a situar esses discursos, bem como as novas determinações que estavam sendo impostas na cidade. Conforme Hermetes Araújo:

(...) verificou-se no decorrer dos três primeiros decênios do século atual, a instauração e a circulação de uma diversificada série de imagens, discursos, valores e práticas que densificaram todo um campo de variados graus de reformas sociais, políticas, urbanísticas, administrativas, sanitárias, etc.⁶⁸

Além dessas questões, observa um diversificado número de intervenções e de tentativas de controle junto à população, especialmente dos segmentos mais humildes. Trabalhando com discursos de agentes sociais dominantes enquanto indicadores destes procedimentos, “no sentido de remodelar, sanear” e ajustar a cidade e a população “aos imperativos e as territorialidades burguesas de organização social”.

Contrapondo-se aos discursos que buscavam justificar as origens do “marasmo”, do abandono e da degenerescência das levas de imigrantes açorianos que colonizaram a Ilha, o autor enfoca “o reerguimento do homem do litoral”, pois, segundo ele, esta imagem

desqualificadora que configurava uma situação de generalizada carência e de total inaptidão da população local, além de ser usada para justificar as tentativas de controle e segregação social, colocava as elites como legítimos agentes para a condução dos rumos da sociedade”.⁶⁹

Hermetes Araújo também enfoca elementos do cotidiano de Florianópolis, onde se evidenciam o viver das pessoas das classes populares, suas relações diárias, com o poder público, com a intervenção sanitária, no ambiente de trabalho, no centro da cidade, enfim, busca perceber os caminhos traçados por esses sujeitos a partir das modificações na cidade. A partir da problematização das questões relacionadas ao cenário urbano, bem como dos ideais de modernização, Araújo insere novos aspectos ao estudo da cidade, aprofunda-se sobre o processo de urbanização, de sanitarismo, de remodelação das práticas, bem como dos espaços da cidade. Enfim, pode-se dizer que, a partir de sua análise, os sujeitos sociais ganharam uma conotação importante na cidade.

Nessa mesma linha está o estudo de Henrique Pereira Oliveira, **Os filhos da falha: Assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro**, no qual busca problematizar a questão das crianças expostas, para tanto discute a remodelação das condutas da população no espaço urbano de Desterro entre 1828 e 1887.

Estudando a questão dos “expostos”, o autor vai mapeando as transformações ocorridas na cidade, de maneira que possa compreender as atitudes em relação às crianças. Recupera as mudanças de forma de conduta em meio ao processo das reformas urbanas, do saber médico-higienista. Neste sentido, não desvinculando o contexto em que estava inserida a prática dos “expostos”, mostra de que forma as condições sócio-econômicas se não influenciaram nessa prática, pelo menos a redimensionaram. Sobre este estudo, detive minha análise sobre o terceiro capítulo, onde é analisada a imigração açoriana, bem como, o

⁶⁸ ARAUJO, Hermetes dos Reis. *A Invenção do Litoral: Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1989. p 10

modelo colonizador pautado pela pequena propriedade rural, onde, no litoral catarinense, teve o intuito de introduzir uma valorização ética do trabalho e a diversificação da produção agrícola.

Henrique Pereira Oliveira destaca que, no século XVIII, o trabalho na cidade era diversificado, pois ao lado dos funcionários civis e militares constituiu-se uma elite nativa, ligada ao comércio, transporte de gêneros, tendo como fonte de riqueza o abastecimento do mercado local.⁷⁰ Deste modo, o autor salienta que havia uma separação entre as atividades rurais e urbanas, onde aqueles que não tinham terras para manter suas atividades, rivalizavam com o trabalho escravo na busca pela sobrevivência. Percebe-se que mesmo falando de um período anterior, o autor já traz a presença de trabalhadores sejam eles escravos, ou brancos livres.

Neste estudo, percebe-se que Oliveira inova ao problematizar as formas de produção capitalista, onde se intensificava o controle social, constituindo um controle do espaço e do tempo. Como no estudo de Araújo, destaca a presença dos médicos-higienistas no controle das práticas cotidianas da população. Além disso, insere em sua discussão a dualidade entre o rural e o urbano, esclarecendo que os padrões impostos esbarravam em algumas estratégias de sobrevivência.

Seguindo a mesma vertente teórica, suscitando as vozes silenciadas na historiografia tradicional, tem-se o livro **Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma questão de classe**, de Joana Maria Pedro, que busca reconstruir as representações sobre as atribuições dadas às mulheres, no final do século XIX e início do século XX, percebendo as imagens idealizadas das mulheres, principalmente através dos jornais e sua correspondência com as práticas. Neste obra, a autora tem por objetivo traçar a situação das mulheres, tentando perceber as disputas entre as elites pelos cargos públicos e a inserção das mulheres de elite

⁶⁹ARAÚJO, op cit p158

no espaço público, no entanto, vai fazendo uma relação das elites e das camadas populares. Mas é principalmente sobre as imagens que concebiam para as mulheres que a autora se detém:

As mulheres que “enfeitam” não poderiam ser as mesmas que eram lavadeiras, vendedoras, costureiras, agricultoras, prostitutas. Que faziam farinha e salgavam o peixe. Tais imagens deviam referir-se àquelas destinadas a demonstrar a distinção familiar.(...) Nos jornais as imagens femininas são de seres “universais”, não possuem classe social, cor e cultura específica.⁷⁰

Baseando sua análise nas relações entre as classes sociais, e entre homens e mulheres, a autora vai mostrando a construção de toda uma imagem da mulher, mãe, esposa, dedicada apenas aos afazeres domésticos, ou seja, “dona” do privado e “estranha” no espaço público. Em relação ao trabalho das mulheres percebe-se que a autora pontuou bem as diferenças, trazendo a inserção destas mulheres no espaço público, não só em eventos sociais, como destacavam os jornais, mas atuando diretamente em diversos setores da sociedade. Esclarece também a infinidade de atividades que desempenhavam, destacando sua atuação no cotidiano, pois “no afã de sobreviverem, concretizavam resistências frente às imagens que eram divulgadas, e que tinham para cada classe social, diferentes implicações”.⁷²

Assim, Joana Maria Pedro vai reconstruindo o cotidiano das mulheres das camadas médias e de elite para as quais, durante muito tempo, a ociosidade esteve presente em seu cotidiano, sendo o bom casamento a sua carreira. A autora vai discutindo que, mesmo que os jornais denotassem algumas imagens idealizadas das mulheres, algumas notícias deixam

⁷⁰ OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. *Os Filhos da Falha: Assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828- 1887)* SP: Puc, 1990. Dissertação de Mestrado p 121

⁷¹ PEDRO, Joana Maria *Mulheres Honestas e Mulheres faladas: Uma questão de classe*. Tese de Doutorado, PUC/SP, 1992. p 94

transparecer que as mulheres estavam ligadas ao espaço público, direta ou indiretamente. Neste sentido, vai destacando algumas profissões que ganharam visibilidade no início do século XX, como costureiras, professoras:

*A presença dessas mulheres nas repartições públicas, movendo processos e nas ruas vendendo, lavando roupas, praticando a prostituição, provendo inúmeras formas de sobrevivência, em suas casas, costurando ou lecionando para as crianças, em casa e na escola, mostram a participação das mulheres no dia a dia de uma cidade, que se urbanizava e cuja elite pressionava o poder público para tornar o espaço urbano livre de “indesejáveis”*⁷³

Mas, seja de elite ou das camadas populares, a autora conclui que as mulheres conviveram com uma profusão de imagens estereotipadas, idealizadas, que na maioria das vezes mostravam um tipo de mulher que não condizia com a realidade da cidade.

Na mesma linha de indagações e problematizações do viver urbano, tem-se o estudo **Tensões e Imagens do Viver Urbano** de Roselane Neckel Kupka, que discute as formas, estratégias que as classes populares utilizavam em meio ao processo de saneamento e modernização. Nesse sentido, os trabalhadores e trabalhadoras pertencentes às classes populares despontam em sua análise, quando esta lança alguns dados sobre o cotidiano da cidade.

Kupka se propõe a dar visibilidade às tensões sociais que constituíram o viver urbano em Florianópolis entre 1910 a 1930, procurando ir além das imagens, bem como dos discursos que descrevem a cidade e a população, penetrando na heterogeneidade de costumes, práticas, hábitos, etc. Nesse sentido, dá vazão às improvisações que “as classes

⁷² PEDRO, 1992 op cit p 173

⁷³ PEDRO, 1992, ibidem, p 187

populares” constituíam, talvez como contraponto capaz de evidenciar o dinamismo da vida social, aprendendo as várias faces do cotidiano da cidade.

Ao discorrer sobre a intervenção do poder público nas condições e higiene da cidade, vai mostrando toda a instauração de aparatos para “alterar a paisagem urbana, reformando as condutas”. *Em meio às ditas reformas de condutas, traz à cena um dos principais “alvos” da preocupação do poder público: mulheres, negros, menores, idosos, populações mais humildes, os chamados “desqualificados sociais”*⁷⁴

Assim, como a própria autora argumenta, “volta seu olhar para o outro”, para sujeitos sociais que viveram em Florianópolis, e cujos comportamentos, manifestações e condições de vida foram desconsiderados e, principalmente percebendo como esses sujeitos vivenciaram o processo de transformação do espaço urbano. Também recupera os discursos que apontam medidas efetivas em busca da “modernidade”, alterando a paisagem urbana, bem como os modos de vida da população. Segundo a autora, não bastava “modificar o cenário, também era necessário alterar comportamentos e maneiras de viver”. Deste modo, foram se delimitando os espaços onde os ambulantes, as cartomantes, os jogadores de bicho, as prostitutas poderiam circular.

A autora mostra que, em Florianópolis, o caráter das operações urbanas efetuadas serve para, mais do que resolver o problema da insalubridade, afastar dos “olhos” das elites as parcelas pobres e incômodas da população, bem como os riscos e ameaças que representavam. Esse estudo trouxe grandes contribuições para essa análise, já que recupera as trajetórias dos sujeitos sociais.

No estudo **Farra do boi. Palavras, sentidos, ficções**, Maria Bernardete Ramos Flores analisa as várias conotações sobre a farra do boi, revelando as questões implícitas na cultura popular, os discursos da mídia, os discursos de defesa do animal, enfim, através das

⁷⁴KUPKA, Roselane Neckel. *Tensões e Imagens do Viver Urbano em Florianópolis 1910/1930* Dissertação de Mestrado PUC/SP: 1993 p 10

várias imagens que despontam, vai desconstruindo as interpretações e trazendo novas representações sobre a farra do boi. Através das variações sobre a farra do boi, seja como brincadeira, festa, hábito e costumes, a autora vai mostrando as maneiras pelas quais a população, descendentes de açorianos, assimilaram e reinventaram essa manifestação.

Nesse sentido, focalizo o capítulo em que a autora suscita as falas de alguns “velhos” e “velhas” com o intuito de perceber as construções culturais, das festas, brincadeiras e mais ainda, para dar vez e voz a esses sujeitos. No capítulo, *Se me deixam falar*, a autora buscou, através das lembranças, perceber o cotidiano de trabalho, de sociabilidade, de convivência. Utilizando referenciais da memória, vai mostrando as mudanças da conotação de tempo, do trabalho e das festas. Como destaca:

*Não há uma extrema demarcação entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho. A produção de subsistência, as diversões, a comunicação, os ritos religiosos, o namoro, nas trocas de experiências estão imbricadas na jornada, dada pelo que é necessário fazer, necessidade proveniente do tempo regular das safras e das épocas.*⁷⁵

Além da análise das várias temporalidades existentes nos convívios em grupos, a autora traz as lembranças de vários homens e mulheres, em que situam a realização dos trabalhos, a participação nas festas, as mudanças na cidade, enfim, traz para a análise as vozes daqueles que, como classifica, são verdadeiros “*documentos vivos da história*”.

Entendendo que os trabalhadores e trabalhadoras são “*documentos vivos da história*”, analisei algumas autobiografias e memórias, das quais destaco duas, nas quais percebi as caracterizações do trabalho, citadas pelos trabalhadores e trabalhadoras da cidade.

⁷⁵ FLORES, 1997, op cit, p 150

No livro **Um largo, Sete Memórias**, de Adolfo Boss Júnior, traz através de uma obra de ficção, algumas lembranças sobre Florianópolis durante a transição do regime de trabalho escravo para o livre. As lembranças contidas no livro tratam de algumas profissões, como os acendedores de lampiões, sapateiros, lavadeiras. Trazendo os costumes de uma época, o autor vai descrevendo o dia a dia de trabalho, os laços de solidariedade, as mudanças nas relações familiares.

Adolfo Boos Júnior destaca sete personagens que vão narrando as vivências, mudanças na cidades, porém cada personagem assume um ponto de vista. Através da história de Cida, a empregada doméstica vai mostrando como se davam as relações de trabalho. Nesse sentido, utiliza as memórias de Manoel Joaquim da Silveira Bittencourt, um dos sapateiros mais conhecidos da cidade e que ajudava a alforriar escravos.

Através da memória de Miguel Ferreira dos Santos, Manoel Joaquim da Silveira Bitencourt, Cida, Bartolomeu, Miguel Gaudêncio, Dona Gaudência, Pedro, o autor vai mostrando a trajetória de cada personagem, seus “olhares” sobre a cidade, sobre o trabalho, sobre a vida.

As lembranças de Miguel sobre Dona Gaudência, destaca como esta era uma mulher que “*nunca deu parte de fraca*”, trabalhando junto com ele e com Pedro no interior da ilha de Desterro:

(...) jamais alegou a condição de mulher, ombreou-se a mim e a Pedro e, se nutriu algum tipo de carência ou decepção, guardou-o na mesma gaveta dos sonhos(...) como capitanear uma embarcação (baleeira, canoa bordada ou simples batelão) substituta do pai nas viagens ao Desterro e, conforme me contou, no dia em que me viu pela primeira vez, enquanto ajudava a pôr a mesa, perguntara a mãe onde

*ficava Sant'Anna da Caieira e dera-se por satisfeita ao saber que era perto do mar.*⁷⁶

Percebe-se que as memórias estão entrelaçadas pelo cotidiano da cidade, mas as representações sobre os acontecimentos são díspares, já que o fazendeiro que possui escravos tem sua trajetória de vida diferente da escrava Cida, ou mesmo do sapateiro Miguel. Em suma, apesar do autor trazer as memórias desses personagens como uma forma de evidenciar o período de transição da abolição para o trabalho livre, permanecem em sua narrativa alguns “preconceitos” em relação à condição da mulher, ou mesmo no enaltecimento de personalidades da cidade.

Um outro livro de memórias, **Caminhos**, de Manoel Alves Ribeiro (Mimo), traz as experiências de trabalho do autor, as redes de solidariedade, as estratégias de sobrevivência e a militância política. No livro, Sr Mimo, como preferia ser chamado, narra sua história desde que saiu de Imaruí, pacata vila de pescadores, onde o pai era carpinteiro e a mãe costureira. Começou a trabalhar cedo e com 17 anos foi trabalhar nas minas de carvão em Lauro Muller, onde destaca as dificuldades de trabalhar a 18 metros abaixo do solo, quase sem ar.

*Logo que cheguei fui trabalhar em baixo do chão, como montador de trilhos. Era uma coisa horrível aquele ambiente. Um pequeno lampião de carbureto que, de vez em quando, apagava por falta de oxigênio, iluminava o local de trabalho.*⁷⁷

⁷⁶ JÚNIOR, Adolfo Boos. Um Largo, sete memórias (e mais uma, coletiva, inquisitorial, contraditória e, muitas vezes, perturbadora). Florianópolis. Ed UFSC, 1997 p 144

⁷⁷ RIBEIRO, Manoel Alves. Caminhos. Edeme, 1980 p 06

Ao descrever o cotidiano de trabalho, o Sr Mimo repassa aos leitores as dificuldades de ser operário, principalmente, porque passa a fazer parte dos movimentos grevistas. Como afirma, *a greve é a festa do trabalhador*.

Depois de trabalhar nas minas, Sr Mimo foi trabalhar em Tijucas, vindo para Florianópolis para trabalhar na construção da Ponte Hercílio Luz. Ele diz que, em Florianópolis, conheceu o estivador Álvaro Ventura, com quem trocava idéias sobre a Revolução Russa. Nesse período, foi criada em Florianópolis a Liga Operária e a União Operária. Essas associações eram recreativas e beneficentes, sendo espaço para os operários participarem de peças de teatro, a maioria de cunho político.

Ao terminar a construção da ponte Hercílio Luz, Sr Mimo trabalhou em outras atividades, mas reforça que sua história foi marcada pelo socialismo, indo conhecer a União Soviética. Desta maneira, seu livro traz, a todo momento, as experiências do operário militante, salientando que esse livro, escrito por um operário, é o início de um longo caminho.

Ao contrapor os estudos de uma vertente tradicional com outras vertentes, como a social e cultural, foi possível perceber que esses estudos são datados; há vários “tempos” nas análises. Mostram que, é a partir do tempo histórico em que são elaborados que constituem sua problemática. É a partir das formas de trabalho existentes na cidade que os trabalhadores e trabalhadoras emergem nos estudos históricos. Tempos que negam o trabalho, tempos que o valorizam, tempos que tratam.

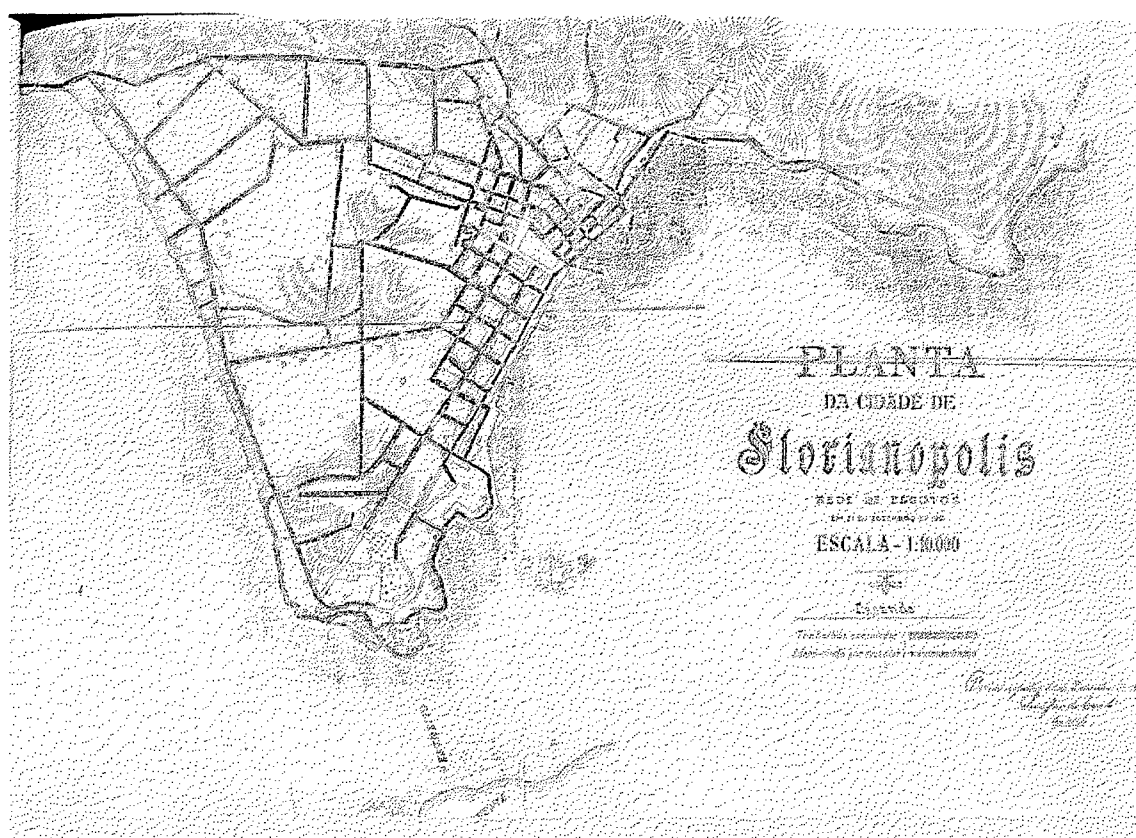
Deste modo, nesse primeiro momento busquei mostrar as diferentes abordagens do trabalho informal, do trabalho da mulher, do negro, enfim, mostrar que ao longo do “tempo histórico” havia diferentes olhares sobre um determinado assunto: o trabalho. Nesta análise pretendi suscitar de que forma os trabalhadores e trabalhadoras eram referenciados pela historiografia, se havia ou não silêncios em relação ao desempenho das suas atividades, e,

contrapondo a isso, a forma como os trabalhadores e trabalhadoras descrevem suas experiências de trabalho e de vida.

Logo, ao buscar dar visibilidade aos trabalhadores e trabalhadoras, percebi que as problematizações, bem como os períodos históricos em que eram realizados os estudos, seguiam uma perspectiva de análise que privilegiava outras questões, mas que aos poucos foi se modificando, devido a emergências de vertentes teóricas que privilegiam o social. Em suma, se nos estudos clássicos percebi uma completa invisibilidade, com a introdução de novas abordagens os trabalhadores e trabalhadoras começam a ser “visíveis”.

II CAPÍTULO: NOVAS PRÁTICAS, NORMAS, CONTROLES E ... MUITO TRABALHO

Esta é a cidade vista antes do barulho do dia do trabalho e também antes da fumaça de uma época posterior.



Mapa de Florianópolis- 1920.

Fonte: APE. Mensagens do Governo.

Neste capítulo pretendo suscitar as mudanças que ocorreram no centro urbano de Florianópolis, que levaram ao redimensionamento do trabalho na cidade. Neste sentido, busco estabelecer um paralelo entre os discursos proferidos pelas elites dirigentes, pelo poder público e as práticas cotidianas dos trabalhadores e trabalhadoras. Esses discursos iam ao encontro da inserção de uma nova noção de trabalho, valorizado, qualificado,

onde buscavam inserir a importância de ser trabalhador e trabalhadora, ou seja, a importância de ser um sujeito “útil”.

Nas décadas iniciais do século XX, a proliferação do trabalho informal era predominante não só em Florianópolis; era um fenômeno nacional. Por isso, quando se fala de trabalho nesse período aparece uma profusão de trabalhadores ocasionais, que abasteciam as famílias, nas portas das casas, no Mercado Público, ou mesmo nas ruas. A carreira destes comerciantes ambulantes era bastante instável e economicamente vulnerável. Sobreviviam à base de uma economia de pequenos ganhos.¹

Trazendo a questão do controle social através das práticas discursivas dos setores dominantes, a utilização de jornais, dos relatórios de chefes de polícia, contribuirá para perceber de que forma tratavam as práticas cotidianas dos trabalhadores e trabalhadoras.

¹ PINTO, Maria Inês Borges. Cotidiano e Sobrevivência em São Paulo. SP: Edusp, 1994 p 131.

2.1 Os discursos para a cidade trabalhar...

A cidade de Florianópolis, na década de 20, era constituída de um centro urbano que estava em crêscente desenvolvimento. Além disso possuía algumas freguesias, onde se produzia na maioria das vezes, gêneros alimentícios e, cuja população, devido à distância, tinha pouco contato com os acontecimentos do centro da cidade. A população, em 1920, era de 41.338² pessoas, em que os trabalhos, seja no setor formal, no setor de serviços, na pesca ou na lavoura, entre outros, dividiam-se entre o interior da ilha e no centro da cidade. Nesse período, intensas mudanças estavam acontecendo no espaço da cidade, a maioria das modificações vinham com o regime republicano, que se consolidava como principal impulsionador.

Como em todo o Brasil, em Santa Catarina o processo de implantação da República foi palco de uma grande disputa política entre as oligarquias regionais que passavam a ter maiores poderes, tendo como destaque, entre os políticos que intensificaram a proposta, os nomes de Hercílio Luz e Lauro Muller, representantes do litoral e do Vale do Itajaí, respectivamente. Unidos inicialmente pelo mesmo objetivo.

- a instauração da República - foram se afastando por uma série de divergências de pensamento, interesses e técnicas de manipulação política, a ponto de se encontrarem em campos extremos.³

Ambos se revezaram no poder em Santa Catarina e, para esse estudo, Hercílio Luz tem grande importância, pois foi em seu governo que aconteceram as maiores obras de transformação urbana da cidade, como a Ponte Hercílio Luz, idealizada por ele, a Avenida Hercílio Luz, também pavimentada em sua gestão, a reforma no mercado público, entre outras.

² IBGE. Departamento de Estatística. SC. Florianópolis. Recenseamento no município de Florianópolis. 1872-1960

³ CORRÊA, Carlos Humberto *Um Estado entre duas Repúblicas*. Ed : UFSC, 1984 p 18

A consolidação da República trouxe consigo o investimento em novas estradas, obras, saneamento, enfim, mudanças que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser. Florianópolis queria enquadrar-se no padrão moderno e para isso precisava seguir os passos indicados pelos grandes centros urbanos da época, paradigmáticos: Paris, em nível mundial, e, no Brasil, Rio de Janeiro.

Esses ideais modernos buscavam inserir, mais do que mudanças no espaço físico das cidades, modificações nos modos, nas práticas cotidianas da população. Sobre essas modificações, Nicolau Sevcenko alerta que no Rio de Janeiro houve um incessante processo de condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional, a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante. Houve também uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que seria praticamente isolada para o desfrute das camadas aburguesadas; um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense⁴

Desta maneira, pode-se dizer que a instauração de remodelação do espaço urbano e das práticas cotidianas era um processo que estava perpassando várias cidades. E junto com as modificações urbanas, uma nova ética do trabalho deveria imperar para que o progresso capitalista pudesse se instalar.

Assim, como destaca Chalhoub, que analisou a mudança da noção de trabalho no Rio de Janeiro, advinda com os ideais capitalistas: *o conceito de trabalho precisava se despir de seu caráter aviltante e degradador característicos de uma sociedade escravista, assumindo uma roupagem nova que lhe desse um valor positivo, tornando-se um dos elementos para a implantação de uma ordem burguesa no Brasil.*⁵

⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. SP: Brasiliense, 1983 p 30

⁵ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim*. SP: Brasiliense, 1986 p 40

Em Florianópolis, assim como no Rio de Janeiro, emergiram discursos destacando novas formas de se pensar a cidade: “limpa”, “urbanizada” e, principalmente, com uma nova ética do trabalho. *O trabalho pelo seu caráter de dever social, regeneraria corrompidos que passariam a ter senso de responsabilidade individual e social.*⁶

Pensar esse momento de mudança, ou melhor, pensar a República requer trazer para a análise a imagem de um público, a população que teria que assimilar essas mudanças e sustentar essa forma de governo. Em todo Brasil, a proposta republicana teve uma grande preocupação com o redimensionamento da noção de trabalho, que se impôs soberana no mundo moderno a partir da afirmação de valores ligados à atividade de comerciantes, proprietários fundiários, sob o ônus da destruição de valores culturais anteriores, que não coincidiam com a intenção burguesa de elaborar a narrativa da epopéia humana fundada na noção de conquista progressiva da natureza pelo homem por meio de um também progressivo processo de aperfeiçoamento tecnológico.⁷

Neste sentido, os discursos sobre a modificação da noção de trabalho começaram a se intensificar, denotando que o “homem de bem” deveria ser ligado ao trabalho, mesmo que fosse comerciante, funcionário público, vendedor, ou que exercesse qualquer trabalho, o que importava era seguir a ética do trabalho e, para reafirmar isso, buscava-se reprimir a vadiagem, a ociosidade, entre outras questões.

A cidade vai então, gradativamente, modificando-se e, apesar de ser um processo lento, algumas obras, como a Ponte Hercílio Luz, inserem na cidade um padrão “moderno”. As lembranças dos trabalhadores e trabalhadoras, seja para aqueles que

⁶ BACKX, Sheila de Souza. A ética do trabalho e a construção social dos trabalhadores urbanos In: *Serviço Social. Reexaminando sua história*. RJ: Ed S.A, 1994 p 42

⁷ BRESCIANNI, Maria Stela M. Lógica e Dissonância- Sociedade e Trabalho: lei, ciência e resistência operária. IN: *Revista Brasileira de História*, vol 6, nº 11- Set-1985- Fev-1986 p 08

trabalharam em sua construção, ou mesmo para aqueles que apreciaram sua utilidade, salientam sua imponência.

Assim, aos poucos, o cotidiano de trabalho da cidade vai se modificando, bem como as práticas dos trabalhadores e trabalhadoras. Começam a ser condicionados os espaços, as vivências, os lugares, por uma nova ética de trabalho, em que muitas modificações na cidade seguiam os preceitos dos centros urbanos regrados pela industrialização. Como em Londres e Paris do século XIX, em Florianópolis, nos anos 20, a invenção da questão urbana e o triunfo da concepção funcional da “cidade-máquina” incitam uma estratégia sanitária, indissociável da toaleta social, que a limpeza das ruas e a instalação dos locais de confinamento atestam.⁸

O trabalho torna-se um componente que favorece essa nova compreensão de cidade, pois, ao modificar o espaço urbano, as práticas e os costumes da população também sofreriam mudanças, até porque não estavam completamente estabelecidos os limites entre o urbano e o rural. Para tanto, insere-se no cotidiano da cidade, através dos discursos dos médicos-sanitaristas ligados ao poder público, a necessidade de instaurar a higiene pública⁹.

Deste modo, a preocupação com a higiene e com a limpeza tornaram-se pontos importantes na nova caracterização da cidade, o que leva a supor que implicitamente os objetivos eram incutir outras formas de viver e trabalhar, relegando os elementos culturais dos trabalhadores e trabalhadoras.

Porém, cabe lembrar que antes da construção da Ponte, havia uma atividade largamente difundida na cidade, sobre a qual se tem evidências nos jornais, que era o

⁸ CORBIN, Alan. *Saberes e Odores O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Trad. Lígia Watanabe. SP: Cia das Letras, 1987 p 119

⁹ Hermes dos Reis Araújo destaca em sua dissertação de mestrado que Hercílio Luz, ao assumir pela segunda vez o Governo do Estado, fez do saneamento um dos pontos principais da sua administração, constituindo uma série de intervenções e de controles que foram erigidos de enfáticos discursos e de manifestações que se disseminaram na cidade. O que mais caracterizou os discursos e as práticas

transporte em lanchas, no trajeto entre o continente e a ilha. Além dos jornais, há evidências desse trabalho nas caricaturas da época, que traziam algumas lanchas de transporte de pessoas e mercadorias:

A empresa Valente que dirige os serviços da passagem do estreito, suspendeu no Sábado as viagens das suas lanchas, devido estas terem de sofrer reparos(...) as viagens ficaram então obedecendo a seguinte ordem: O rebocador fará 2 viagens pela manhã para a condução de operários e demais pessoas, umas às 9 hs e a tarde tráfegará das 16 as 18 hs¹⁰



Fonte: FOSSARI, Domingos. Florianópolis de Ontem. UDESC: 1978.

higienistas neste período, foi a sua extensão ao conjunto da sociedade, passando a atingir mais amplamente as classes pobres da cidade.

¹⁰ Jornal República 23-03-1921

Percebe-se que eram constantes as dificuldades na travessia do estreito, principalmente porque eram altos os custos da passagem, e desse modo, os discursos pautaram-se na necessidade da Ponte, cuja construção fez com que o trabalho de transporte deixasse de existir.

A construção da Ponte, iniciada em 1922 no governo de Hercílio Luz, foi considerada um dos marcos da modernização na cidade e impressionou os moradores pela grandeza. D. Irene lembra que, quando menina, gostava de ir para a beira da ponte ver os operários trabalharem. Já o Sr Alcides, que morava longe do centro, sempre quis passar pela ponte e um dia arranhou um motivo e foi ao continente. No caso do Sr Nicolau, a lembrança é diferente, já que trabalhou na construção, ficando presentes em sua memória fragmentos dos dias de trabalho, dos colegas, da inauguração, e na atualidade, o dia da comemoração.¹¹

Além das notícias sobre os “melhoramentos” na cidade com a construção da Ponte, outros “melhoramentos” ganham destaque nos jornais. Poucas notícias se referem aos trabalhadores e trabalhadoras. Em uma notícia que não trata diretamente sobre eles, mas de seu bem-estar, percebi que a principal preocupação era tornar o espaço urbano “higienizado”:

(...) o Exmo Sr Dr Hercilio Luz, velando carinhosamente pela sorte do proletariado, uma das grandes forças do nosso engrandecimento, pensa em construir uma vila para operários nas proximidades da Trindade, em terreno já destinado para este fim.

Essa vila contará com 400 a 500 habitações. As habitações para os operários e suas proles serão

¹¹ Entrevista D Irene, Sr Alcides, Sr Nicolau, lembranças sobre a ponte

*confortáveis e higiênicas. Cada habitação será separada uma da outra por longa faixa de terrenos.*¹²

A preocupação do governador em construir uma vila operária parece ter outros fins do que o bem estar dos operários. O discurso sobre casas confortáveis e higiênicas já é um indício de que a preocupação era mais para sanear o espaço urbano, fato que se tornava muito frequente em todo o país no período republicano. Com algumas diferenças no geral, mas com intuitos muito próximos, pois se em Florianópolis o governador buscava construir casas para sanear e tornar “higiênico” o centro da cidade, em outros Estados, como no Rio de Janeiro, a destruição do cortiço “Cabeça de Porco” também tinha como preocupação a higienização.¹³

Além disso, são poucos os dados sobre o número de operários. Apenas nas falas dos trabalhadores e trabalhadoras denota-se sua atuação. Como lembra o Sr Nicolau, operário na construção da Ponte Hercílio Luz, era uma forma de trabalho que não era comum na cidade, pois havia um horário regido pela empresa contratante, a divisão de tarefas, além de também um certo controle do tempo da produção, em que, ao final do dia de trabalho, fossem cumpridas todas as etapas desse processo. O “tempo” era regido pela produção:

(...) havia os apontadores, que marcavam e se passasse 5 minutos da hora de entrar, não entrava mais. Tinha um caderninho, se entrava de manhã fazia um risquinho, ele fazia. Quando chegava 9 hs, 9:30, ele fazia outro, aí ganhava 2/4 já, quando chegava 11:00 hs, na hora do

¹² Jornal A República. 18/ 12/1918 O Governo Hercílio Luz: Notáveis melhoramentos. A eletrificação das linhas de bonde, a construção de uma vila operária, o saneamento da ilha e sua colonização.

*almoço ele fazia mais um risco. Quando arriava ele fechava o quadro, quatro riscos num dia. Ele controlava a turma.*¹⁴

Dessa forma, na construção da Ponte havia algumas inovações em relação a outras ocupações desenvolvidas no centro da cidade, pois o controle dos horários de entrada e saída, a divisão de atividades, os confrontos entre operários e apontadores, entre outras questões, inseriam uma nova forma de “tempo de trabalho” na cidade, contrastando com o trabalho informal.

Pode-se dizer que a introdução do controle do tempo de trabalho instaurou certas mudanças no desempenho das tarefas a serem realizadas. Desta maneira, como destacou Thompson ao analisar a mudança na concepção de tempo na sociedade inglesa, essa mediação do tempo incorpora uma relação simples. Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo.¹⁵

Nesse sentido, torna-se necessário recuperar as ações desses homens que, através das memórias, mostram as diferenças e a assimilação dessa nova forma de trabalho, que diferia dos expedientes esporádicos, das vendas, da pesca, trabalhos comumente desenvolvidos na cidade.

Além das dificuldades de trabalho que se apresentavam cotidianamente no exercício das atividades, havia a substituição de trabalhadores, pois “*saía muito e entrava, agora nós não. A nossa turma era boa. Pegamos no começo a parte de baixo, perto da fábrica de bordados, trabalhava ali cavando, tirando pedra*”¹⁶. Essas constantes

¹³ Ver CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. SP: Cia das Letras, 1996.

¹⁴ Entrevista Sr Nicolau Tolentino Martins, 99 anos em Setembro de 1999

¹⁵ THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial In: Costumes em Comum. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional. Revisão: Antonio Negro, Cristina Menegello. SP: Cia das letras, 1998 p 272

¹⁶ Entrevista com Sr Nicolau Tolentino Martins, 99 anos, em setembro de 1999

substituições possivelmente se davam pela inadequação dos trabalhadores à disciplina imposta pelo trabalho.

Ainda em nome da “modernização” da cidade, as notícias nos jornais destacavam as mudanças, em que também estavam imersos os trabalhadores e trabalhadoras:

O nosso amigo Sr Capitão João de Oliveira Carvalho, zeloso superintendente municipal, prosseguindo a série de melhoramentos e obras que iniciou, mandou reconstruir em toda a extensão da Rua Anna Schutel e parte da rua Quintino Bocaiuva. Sob a direção do sr tenente João Damasceno, hábil fiscal geral, as turmas de trabalhadores têm feito ali os serviços de aterramento e abaliamento do leito, bem como a construção de regatas. Nas ruas Frei Caneca, Demétrio Ribeiro e Marechal Fardo, turmas de trabalhadores se empregam no alargamento do leito, na suavização de rampas e no aterramento necessário.¹⁷

Essa notícia destaca o quanto é hábil, não o trabalhador, mas sim o fiscal. Mesmo que o trabalho de alargamento, aterramento, suavização tenha sido realizado pelos trabalhadores, estes eram apenas coadjuvantes nessa história.

As formas de trabalho apareciam nos jornais nas ocasiões em que houvesse reclamação, ou mesmo quando fosse necessário referenciar alguma “obra” como importante para a cidade. Talvez, por isso, ficasse a cargo dos jornais, como instrumentos “pedagógicos” das elites, estar a todo instante lembrando que o trabalho tinha um objetivo maior, ou seja, o crescimento da cidade. Para a polícia, instrumento de disciplina, cabia a responsabilidade pelo bem estar da população, prendendo

¹⁷ Jornal A República, 07/02/1919

“vadios”, “vagabundas”, “bêbados”, pessoas que não estavam fazendo aquilo que se esperava que fizessem: trabalhando.

Em Florianópolis, o centro da cidade constituiu-se como principal foco dos ideais de “progresso” e “civilização”, concentrando a maioria das mudanças advindas com o regime republicano. É nesse momento, então, que emerge a preocupação com o futuro do trabalho na cidade, antes costumeiramente vinculada à pesca, lavoura ou, então, como centro administrativo. Rompe por parte dos “letrados”, do poder público, a preocupação com o “*reerguimento do homem do litoral*”, em que o discurso sobre o trabalho seria o edificador da população.

Dessa maneira, fica a cargo dos discursos das elites dirigentes, do poder público inculcar na sociedade a importância da constituição do trabalhador e trabalhadora, isso porque era preciso que esses homens e mulheres inserissem em suas vidas a importância do trabalho não só para eles, como para o crescimento da cidade. Assim, aliavam-se duas preocupações dos governantes: a formação do trabalhador e o desenvolvimento da cidade. No entanto, ficava a cargo dos discursos proferir a edificação do trabalho.

A instrumentalização da palavra expressa em dois discursos normativos: o da lei, para os que resistissem a entrar na sociedade do trabalho ou transgredissem suas regras, e o da economia política, para estruturar num único eixo os mutáveis e diversificados procedimentos do trabalho¹⁸.

Em Florianópolis, pode-se recuperar estes discursos, os quais tinham nos jornais e nos relatórios de chefes de polícia os principais representantes da introdução da nova forma de trabalho. Nesse embate entre discursos e práticas, abria-se um campo de combates e incertezas sobre os quais iam se moldando valores, construindo expectativas de uma nova realidade cotidiana e onde emergia um campo da ação com uma experiência social que aos poucos ganhava novos contornos

Desta forma, pensar o trabalho em Florianópolis requer entender a heterogeneidade das formas de trabalho, as etnias, a preparação ou não para o trabalho, enfim, inúmeros elementos que estavam intimamente relacionados com o trabalho na cidade. E onde estavam presentes também a manutenção de certos costumes por parte da população trabalhadora. Costumes ligados à cultura que se tenta contrapor.

O historiador E.P. Thompson, ao analisar as formas culturais inglesas no século XVIII, traz algumas pistas quanto a forma com que as inovações emergiam no cotidiano. Dessa forma, pode-se dizer que na Florianópolis do início do século XX a inovação também pode ser problematizada, já que a inovação não é um processo técnico-sociológico sem normas e neutro, mas sim onde a plebe o experimenta na maioria das ocasiões em forma de exploração, expropriação dos direitos de aproveitamento tradicionais e separação violenta dos modelos de trabalho e descanso¹⁹.

Nesse caso, ao inserir uma nova noção de trabalho em Florianópolis, emergiam novos conceitos de vida, mudanças de costumes, práticas redefinidas, lugares destruídos, onde “velhas práticas” cediam espaço para as inovações e, principalmente, em que os elementos culturais passavam por restrições e adaptações. Emergiam as preocupações de instaurar ideais modernos em meio à manutenção de práticas da população. É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos, simultaneamente, que emerge e se desdobra a idéia de modernismo e modernização²⁰.

Para sobrepor esses ideais de “modernização” e “urbanização”, os discursos das elites dirigentes e do poder público pregavam a necessidade de uma “nova cidade”. Entretanto, ao suscitar essa propagação dos discursos deve-se esclarecer que, como afirma Michel Foucault, há vários tipos de discursos, os quais estabelecem quem serão

¹⁸ BRESCIANNI Op cit p 15

¹⁹ THOMPSON, E. P. *Lucha de clases sin clases IN :Tradicion, Revuelta y consciencia de clase* Trad Eva Rodriguez. Barcelona: Diagrafic, 1984 p 45

os excluídos e quais relações de poder se estabelecerão a partir da supremacia de um discurso. Assim, a produção de discursos é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade²¹.

No caso específico de Florianópolis, e se tratando de um discurso que emergia atrelado ao poder político, percebe-se não só que as relações de poder despontavam na sociedade, como também, nesse momento, a exclusão das pessoas das camadas populares configurava-se no cotidiano da cidade.

Mesmo que alguns estudos já tenham mostrado a relação de trabalho em Florianópolis a partir de dados estatísticos, demográficos, considero necessário problematizar a presença dos trabalhadores e trabalhadoras imersos nos dados, números e fatos. Na análise de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, por exemplo, tem-se no estudo sobre a cidade, algumas tabelas que veiculam as atividades desenvolvidas em Florianópolis.

Deste modo, selecionei uma dessas tabelas, com o intuito de mostrar a efetiva presença dos trabalhadores e trabalhadoras na cidade. Na tabela a seguir, sobre a nacionalidade presumível de proprietários da Indústria em Florianópolis, no ano de 1920, algumas questões merecem nossa atenção:

Indústria	Brasil-port	Alemã	Italiana	Outras	Total
Texteis	-	1	-	1	2
Metalúrgicos	1	1	-	-	2
Cerâmicas	1	1	-	-	2

²⁰ BERMANN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. Trad: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Iioratti. SP: Cia das letras, 1986 p 17

²¹ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad :Laura Fraga de Almeida Sampaio. SP: Edições Loyola, 1996 p 09

Químicas e análogas	-	3	1	-	4
Alimentação	6	2	2	2	12
Vestuário	2	3	6	1	12
Mobiliário	-	3	-	-	3
Artigos de couro	1	-	-	-	1
Total	11	14	9	4	38

Fonte: CARDOSO, Fernando H. e IANNI, Octavio. Cor e Mobilidade Social em Florianópolis. Aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional. SP, CEN, 1960 p 108

Essa tabela mostra a presença de alguns estabelecimentos industriais que possivelmente eram, em sua maioria, pequenos: a indústria química, por exemplo, poderia equivaler ao que hoje chama-se de “farmácia de manipulação”. Uma indústria do setor “alimentação” poderia ser uma panificadora.

Apesar de poucas evidências em relação aos estabelecimentos industriais, não havia grande desenvolvimento desse setor na cidade. Esse tipo de dado fornece indícios de que o mercado de trabalho em 1920 não se configurava em estabelecimentos consolidados, mas, por outro lado traz para a cena aqueles personagens imersos nos números, os trabalhadores e trabalhadoras. Além disso, cabe destacar que essa tabela fornece outros elementos para a análise sobre o mercado de trabalho em Florianópolis, pois apresenta a origem étnica dos trabalhadores e trabalhadoras, destacando italianos, alemães, portugueses. Assim, pode-se dizer que os descendentes de açorianos trabalhavam juntamente com os descendentes de outras nacionalidades.

Em relação aos estabelecimentos industriais, Florianópolis não se configurava como expoente desse tipo de posto de trabalho, sendo que outras cidades do Estado

despontavam nessa área, como se pode ver no estudo sobre a industrialização em Santa Catarina:

Distribuição dos estabelecimentos industriais por municípios-1907

Município	Número de estabelecimentos	Capital aplicado em réis	Relação ao total aplicado %	Número operários	%	Valor produção conto de réis	%
Joinville	43	3.349	34,6	479	22,8	3.390	27,8
Blumenau	38	2.401	24,8	642	30,5	3.647	25,8
Brusque	11	795	8,2	177	8,4	516	3,7
Florianópolis	19	1.056	10,6	211	10,0	1.758	12,2
Itajaí	9	345	3,6	125	6,0	641	4,5
Laguna	5	180	1,9	58	2,8	307	2,2
Outras	48	1.548	16,0	41	19,5	3.338	23,8
Total	173	9.674	100	2.102	100	14.137	100

Fonte: BOSSLE, Ondina. História da Industrialização catarinense. FIESC: 1988 p 47

Segundo Ondina Bossle, o levantamento realizado pelo Centro Industrial do Brasil, em 1907, revela que foi na área de colonização alemã que se deu não só a concentração de mão-de-obra, como também de capital e produção.

Deste modo, na tabela aparece a concentração de estabelecimentos industriais em outras áreas, como Florianópolis, geralmente com um capital mínimo e produção basicamente artesanal que contrastavam com os núcleos de colonização alemã. O fato de Florianópolis superar Brusque deve-se, segundo a autora, pela diversificação das

atividades da Empresa Carl Hoepcke, que além de empreendimentos como a fábrica de pontas, dedicou-se ao comércio de exportação e importação através de sua empresa de navegação.²²

Por isso, torna-se importante justapor a análise de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni com a de Ondina Bossle, na medida em que torna possível esclarecer que o número de estabelecimentos industriais em Florianópolis não se configurava em um expoente industrial em Santa Catarina. Apesar disso, fica evidente a sua existência, mesmo que as fontes não denotem uma longa permanência desse tipo de ramo de trabalho.

Os estabelecimentos industriais aparecem nos jornais raramente, exceto quando trazia algumas inovações para os padrões da cidade, como a notícia sobre a fábrica de perfumes:

*O operoso industrial Sr José O'Donnel nosso distinto amigo, acaba de fundar a rua General Bittencourt, nº 29, uma fábrica de perfumarias, que vem demonstrar que o desenvolvimento da indústria nesta capital é uma realidade. As belissimas amostras dos produtos da nova fábrica que fomos mimoseados, bem atestam a inteligência e atividade do Sr O'Donnel, que não tem poupado esforços...*²³

Talvez, esse industrial tivesse sido considerado “operoso” porque trouxe para a cidade uma fábrica, possivelmente uma farmácia de manipulação, ou algo parecido, já que pelas características listadas no jornal seria uma fábrica de pequeno porte. Nesse sentido, o jornal como porta-voz dos ideais de “modernização” exaltava o cidadão que trouxesse “empreendimentos” para Florianópolis.

²² BOSSLE, Ondina P. *História da Industrialização Catarinense. Das origens à integração no desenvolvimento brasileiro*. Florianópolis, FIESC: 1988 p 46

Assim, despontavam naquele momento, na cidade, algumas fábricas, impulsionadas pelos discursos de “modernização e urbanização” que, apesar de terem breve duração, influenciaram na economia da cidade. Já que na cidade, urbana e moderna, negação da natureza, artificial e agressiva a tudo que fosse natural, figura a dimensão mais ampla do maquinismo²⁴. No entanto, cabe destacar que as menções ao setor industrial na cidade são sempre esparsas, dicotômicas, levando a supor que não tiveram uma continuidade no mercado de trabalho em Florianópolis.

As notícias de jornais destacam, muitas vezes, o crescimento no comércio na cidade, em que o Mercado Público aparece como aglutinador da venda de produtos alimentícios, de peixe. Em uma dessas notícias, aparece a concorrência para o arrendamento das casinhas no Mercado, de maneira que se percebe que, além do controle, havia uma procura por parte dos comerciantes para o arrendamento:

De ordem do superintendente Municipal faço público aos interessados que fica aberta nesta secretaria, com o prazo de 10 dias, a concorrência pública para arrendamento dos compartimentos do Mercado, a saber:

1º ordem. Das respectivas esquinas.

2º ordem. Com quatro portas, cada uma fazendo frente à Rua Conselheiro Mafra.

3º ordem. Fronteiras ao mar.

4º ordem. Com duas portas cada uma.

*O preço máximo de ofertas para cada uma das mencionadas ordens, prevalecerá para todos os demais compartimentos de uma mesma ordem.*²⁵

²³ Jornal A Época 21-10-1916

²⁴ BRESCIANNI, Maria Stela M. *Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)* In *Revista Brasileira de História*. Vol 5, nº 8-9, setembro de 1984- abril de 1985 p 55

²⁵ Jornal A República. 12/01/1919.

Deste modo, pode-se dizer que estavam ocorrendo algumas mudanças no mercado de trabalho, como a introdução de normas, regras, com a proibição ou liberação do que era comercializado, o valor das taxas por profissões. De certa forma, essas evidências mostram que a concentração da força de trabalho em Florianópolis nas décadas de 10 e 20 estavam voltadas principalmente para o comércio. Entretanto, se o crescimento do comércio, bem como da cidade são questões explícitas, as formas de trabalho, até então implícitas, ganharam espaço a partir das práticas de trabalho.

2.2 ... e as práticas de trabalho.

Apesar de enfatizarem a importância do trabalho, de pregarem a criação deste “novo homem trabalhador”, os discursos das elites e do poder público raramente se referiam às práticas de trabalho, aos trabalhadores e trabalhadoras existentes, aos empregos e condições de vida e ao exercício profissional dos trabalhadores e trabalhadoras de Florianópolis. As poucas menções referentes a estes aparecem extremamente vinculadas a fatos policiais, seja nos jornais, ou mesmo nos relatórios dos chefes de polícia, de secretários de Estado. Isto indica, uma vez mais, o caráter disciplinador destes discursos.

Nos relatórios dos chefes de polícia, desde o início do século XX, foram impetradas medidas repressivas, como as prisões de homens e mulheres. Essas pessoas, na sua maioria, não possuíam instrução, o que quer dizer que não sabiam ler nem

escrever. Cerca de 60% desses presos, brasileiros que se constituíam em trabalhadores e trabalhadoras, passavam, às vezes, um ou dois dias na cadeia. Os motivos das prisões eram geralmente embriaguez, desordem, furto, gatunagem, ou até mesmo por frequentarem jogatinas.

Já nos relatórios da secretária da fazenda, não havia evidências sobre as formas de trabalho ou a contratação dos trabalhadores. Enfim, os dados e os números não contemplaram as atividades desenvolvidas na cidade. Apenas no relatório da fazenda, de 1º de maio de 1919, o governador Hercílio Pedro da Luz pede o parecer do Dr Adolfo Konder sobre a utilização de detentos como mão de obra na construção de estradas. Em resposta, o secretário apresentou o parecer:

Cumprindo a solicitação de V Exma.(...) apresso-me em dar o meu parecer sobre a utilização de sentenciados na construção de estradas de rodagem... O aproveitamento dos condenados em um labor qualquer é sempre útil. Em nosso Estado, porém esse aproveitamento é mais do que útil, é um reclamo angustioso da sociedade, que assiste a degradação dos seus semelhantes.(...) Mas, não se tem praças para a vigília.²⁶

A proposta de utilização de detentos para construção de estradas pode ser analisada como uma forma de não dispendir gastos com a força de trabalho especializada. Pois, segundo o relatório, se os detentos trabalhassem nessas obras, suas penas seriam diminuídas. Sendo assim, o governo lucraria dos dois lados: pelo fato de os presos terem uma ocupação e serem integrados à sociedade e, depois, porque economizaria com o não pagamento da força de trabalho. Entretanto, a explicação de

²⁶ Arquivo Público do Estado. Relatório da Fazenda. Governador Dr Hercílio Pedro da Luz ao Dr Adolfo Konder. 1º de maio de 1919.

que faltavam praças para a vigília foi suficiente para que não se levasse adiante a solicitação.

Um outro aspecto a ser analisado diz respeito à classe social a que pertenciam a maioria dos presos, já que, em sua maioria, eram das camadas populares, de tal modo que se pode fazer uma relação com as mudanças que estavam ocorrendo no espaço da cidade. Ou seja, de um lado deveriam ser presos aqueles que não condiziam com o “ideal” do trabalho e, de outro, a cidade deveria ganhar uma nova roupagem, com o ajardinamento da praças, água encanada, energia elétrica, saneamento das ruas, entre outros melhoramentos. Essas mudanças, pensadas num âmbito nacional, tinham certas características, principalmente condicionadas pelas máquinas, multidões, o que causava um constante estranhamento do ser humano em meio ao mundo em que vive, a sensação de ter sua vida organizada em obediência a um imperativo exterior e transcendente a ele mesmo, embora por ele produzido²⁷.

O estranhamento no mundo do trabalho, a organicidade da cidade são alguns elementos com os quais os trabalhadores e trabalhadoras deveriam se acostumar. Havia algumas peculiaridades, principalmente relacionadas ao tempo de trabalho, não sendo, como em outros centros urbanos, regrado pelas máquinas, até porque não se pode falar de um tempo de trabalho, único, determinado para todos os trabalhadores e trabalhadoras, mas sim em várias temporalidades.

Desta forma, os novos contornos da cidade exigiam que houvesse uma população, ou melhor, padrões para que a população estivesse familiarizada com a situação desejada, ou seja, que não transitassem nas ruas “bêbados”, “vagabundas”, “indigentes” e, sim, que fosse permitido o acesso livre apenas para os “homens de bem”, ligados ao trabalho e, principalmente, idealizados pelos discursos republicanos.

²⁷ BRESCIANI, 1985. op cit p 37

Neste sentido, essa nova caracterização da cidade se dá justamente porque não há mais uma definição para os espaços. Os lugares ganham novos contornos, numa elaboração da noção de “lugares de memória”, vivência que transborda de um momento histórico em que vivemos na fronteira do que éramos, num quadro rural-local, e o que somos, num quadro metropolitano-universal²⁸

Deste modo, a noção de espaço vai se modificando com os “melhoramentos”. No cotidiano novas formas de viver e trabalhar vão sendo constituídas. Os trabalhadores e trabalhadoras, apesar de não se guiarem pelo tempo das máquinas, tinham que se familiarizar com uma nova conotação, afinal, o tempo, regido pelo trabalho vai se transformando em componente imprescindível na cidade. Logo, a representação do tempo regido pela natureza perde-se e junto com ela a medida do tempo relacionada às tarefas cíclicas e rotineiras do trabalho²⁹

A partir das modificações do espaço urbano vai se modificando também a noção de trabalho, mas deve-se esclarecer que muitos trabalhadores e trabalhadoras da cidade não se guiavam por esse tempo de trabalho, com horários, com a preocupação com a produção, com a divisão de tarefas. A atenção ao tempo no trabalho depende, em grande parte, da necessidade de sincronização do trabalho³⁰. *Os trabalhadores e trabalhadoras que exerciam suas atividades em casa ou mesmo os que eram ligados a pesca, faziam seu próprio horário de trabalho.*³¹

Percebe-se, então, que fazer o seu próprio horário pode ser entendido também como resistência à imposição das jornadas de trabalho, de um ritmo mais acelerado nas funções. Ou seja, na medida em que se modifica o mercado de trabalho, impõem-se uma

²⁸ NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. *Revista Projeto História*, Puc-SP, Dez-1993

²⁹ BRESCIANNI, 1985 *ibidem* p 38

³⁰ THOMPSON, E.P Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo *In Costumes em Comum*, SP: Cia das Letras, 1998 p 280

³¹ Entrevista com Sr Nicolau Tolentino Martins, 99 anos, em setembro de 1999 e entrevista com D Elza Althoff, 83 anos, em dezembro de 1999.

divisão do trabalho, supervisão do trabalho, multas, sinos, relógios, incentivos em dinheiro, pregações e ensino, supressão das férias e dos esportes, formavam-se novos hábitos de trabalho e impôs-se uma nova disciplina de tempo.³²

Novas práticas, relacionadas ao tempo de trabalho, que necessariamente contribuiriam para a constituição do cenário urbano, seguiam certos preceitos, tinham, enfim, uma lógica a ser seguida. Nesse sentido, na cidade deveriam se desenvolver práticas condizentes com sua “nova” caracterização. Talvez por isso tenha sido corrente a preocupação em segregar algumas práticas, costumes e disseminar a importância do trabalho.

Isso fica mais explícito quando se analisa os ofícios de chefes de polícia, onde constantemente encontra-se a preocupação com os vícios que levavam os homens e mulheres cometerem infrações e, por isso, serem presos. Essa preocupação trouxe uma proposta em relação ao crescimento do número de presos:

A grande freguesia de pessoas que esta delegacia recolhe ao xadrez desta repartição durante o estado de bebedisse e na maior parte todos com algum dinheiro, trouxe-me a idéia que antes de os libertar, isso se fizesse por uma “portaria” selava com 1500 réis, a custo do embriagado, que com isso não sofria ele o castigo como também daria ao Estado o lucro pela muita venda de selos³³

Esta idéia de impor “selos”, como uma multa para aqueles que eram presos, supostamente seria uma forma de enquadrar quem eram esses homens e mulheres recolhidos à cadeia. Além disso, pela quantia a ser cobrada, a preocupação não se dava somente pela manutenção da ordem, mas também pelo interesse financeiro. Estar

³² THOMPSON, *ibidem* p 297

embriagado, e devido a isso fazer arruaças, desordens, pode-se supor que, além das sociabilidades que se faziam em torno do álcool, muitas vezes estava ligado não só à condição social, às modificações em torno do trabalho, mas também porque, com o ritmo fatigante de trabalho, possivelmente buscavam formas de “descarregar” as tensões do dia de trabalho.

Mas, os presos eram vistos pelos órgãos policiais como os indivíduos que não se enquadravam na ordem vigente, onde talvez a repressão fosse um meio de mostrar para aqueles que eram presos - e também para o restante da população- o que acontecia com os sujeitos que não eram úteis.

Dessa maneira, eram constantes os discursos de que o aparato policial favorecia o controle de vagabundos, delinquentes, ou seja, a polícia, juntamente com a ciência, tinha como objetivo “educar” os presos. Como mostra essa notícia de jornal, segundo Othon D’ Eça, a prisão deveria se preocupar não só com a repressão, mas com a educação:

*(...) o cárcere deve ser também uma escola onde o delinquente encontre a assistência que lhe faltou na vida. E, ao invés dos carcereiros brutos e boçais - professores cultos, educados e humanos. Educar para reprimir e nunca reprimir para castigar. Só a penitenciária com seu sistema racionalíssimo de educações positivas, achará o x dessa grande equação repressora.*³⁴

Percebe-se que a utilização do aparato policial era um dos suportes para garantir a ordem social, e segundo essa notícia criava-se uma expectativa de que a penitenciária

³³ Arquivo público do Estado. Ofícios de chefe de polícia de julho a dezembro de 1921

fosse não só um lugar de reclusão, mas onde se deveria educar os presos para voltarem à sociedade, como bons cidadãos. Ao mesmo tempo em que se tem esse tipo de notícia, os relatórios de chefes de polícia alertam para a dificuldade de policiamento:

As ações da polícia, principalmente da polícia preventiva, exige muitas vezes seriedade e a mínima demora pode acarretar graves prejuízos sociais. (...) Conhece perfeitamente V. Exa a dificuldade com que se tem lutado para encontrar nas comarcas pessoas aptas para os cargos policiais. Em geral são estes ocupados, ou por homens sobrecarregados de trabalho e por isso quase impossibilitados de empregar grande atividade para o bom desempenho da missão policial.³⁴

Percebe-se que de 1911 a 1916, o aparato policial ganha grande repercussão na cidade, seja pelas prisões ou pela falta de policiais. Nesse sentido, os discursos sobre o controle daqueles que se excediam nas bebidas, que não estavam dentro da “ordem” vigente, talvez tenha se intensificado com a nova noção de trabalho, regrado, disciplinado, qualificado. Tanto que a polícia tinha como preocupação a ocupação dos cidadãos, como se percebe numa nota de 1920:

Na delegacia de polícia desta capital foi aberto, a 9 do corrente um livro de duzentas páginas onde se fará o lançamento de termos de exames dos chauffeurs, boleiros e carroceiros. Os termos de abertura e encerramento do dito livro foram feitos pelo Sr. Dr. João de Deus Faustino

³⁴ Jornal A Nota. 28/09/1919. Educar para reprimir.

³⁵ Arquivo Público do Estado. Relatório de Chefes de Polícia. 1911

*da Silva, delegado auxiliar no exercício do cargo de chefe de polícia.*³⁶

Assim, a regulamentação de algumas profissões ficava a cargo do aparato policial, entretanto, algumas notícias de jornais mostram que não eram tão eficazes como atestavam as autoridades:

Deu-se, há dias no morro entre o Lapão e a Trindade, um grande desastre, saindo feridas 4 pessoas, sendo uma delas João Alexandre, gravemente.

*O desastre foi devido a teimosia dos condutores desse gênero de veículos que conduzem o seu carro sentados num dos varais guiando o animal com uma cordinha.(...) chamamos a atenção da polícia e das autoridades municipais para o abuso dos condutores de veículos.*³⁷

Deste modo, o aparato policial era um dos agentes encarregados para que os homens e mulheres da cidade tivessem atividades produtivas, não causassem problemas, enfim, que seguissem os preceitos da ordem social. Faziam isso a partir do controle à vadiagem, brigas, entre outros. Pode-se dizer que isso ocorre devido a presença de maior número de pessoas no centro da cidade. Um dos processos analisados traz uma briga entre dois homens, na qual emerge a preocupação em exaltar o “mal” causado pela embriaguez:

José Francisco Loundes morava no beco do diabo, português, marítimo, casado e com 45 anos de idade. Vicente Cesário Coelho dono da venda localizada a Rua João Pinto, 43 onde ocorreu o crime. José Francisco esfaqueou Antonio Gonçalves dos Santos. Disse que José

³⁶ Jornal A República. 20/01/1920. Delegacia de Polícia.

*Loundes quando se embriagava portava-se muito mal e dirige insultos a todos.*³⁸

A partir desse crime percebe-se que eram constantes as brigas, as desordens, ou seja, que os problemas sociais invadiam aos poucos o cotidiano da cidade. No caso em questão, o réu não emite sua justificativa pelo crime, no entanto, também é pego em flagrante e depois solto. A voz autorizada para falar do crime é o dono da venda, um comerciante que seria idôneo neste caso, que conhecia bem os comportamentos do réu e da vítima. Tanto que ele afirma que o réu portava-se mal quando estava embriagado, fato que, com certeza, deve ter pesado na avaliação da polícia.

Pode-se perceber, então, como a questão da correção, da repressão de certas práticas intensifica-se quando se fala de trabalhadores e trabalhadoras, pois estes seriam como portadores da desordem. Como argumenta Sidney Chaloub, ao analisar as classes pobres no Rio de Janeiro, essas seriam, segundo os discursos dos governantes, portadoras de todos os males, pois os pobres carregam os vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade, juntando os extremos da cadeia, temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos.³⁹

Ainda em relação às prisões de trabalhadores e trabalhadoras, os relatórios de chefes de polícia dão conta dos inúmeros presos recolhidos à cadeia. Em 1906, os presos eram brasileiros, com profissões ligadas ao setor informal. Belarmino Barbosa e Antônio Severino, por exemplo, eram sapateiros que ficaram 30 anos presos.

Já a partir de 1911, percebe-se uma mudança nas penas sofridas, pois a maioria dos presos ficava entre 1 e 2 dias na cadeia. A maioria era presa por embriaguez, desordem. No dia 10/05/1911, José Gomes, André Erichm, Zomer Kaspin, Jen Spertim,

³⁷ Jornal *A República*. 19/02/1921 Desastre.

³⁸ Fórum Municipal de Florianópolis. Processos-inquéritos. Auto crime, 15-02-19113

Menjein Wapgast, Floriano Wagner, marítimos ingleses que chegaram à cidade foram presos por embriaguez. Já no relatório de 1º de janeiro de 1916, foram presos Maria Jesuma, lavadeira; Olímpio Teodoro, carroceiro; Izaltino Santiago, estivador; José Porto, sapateiro; Antônio Seravins, alfaiate.⁴⁰

A preocupação em reprimir, controlar, passou a tomar consistência e, por outro lado, houve uma despreocupação com o ser humano, tanto que impressionam as crescentes notícias sobre acidentes de trabalho, o que, por sua vez, demonstram as más condições de trabalho. Entre as várias notícias destaquei uma delas que dá a dimensão de alguns acidentes:

*O Sr major Fernando Machado delegado de polícia terminou o inquérito policial sobre o acidente no trabalho ocorrido no dia 18 do corrente, no morro das trincheiras, em que é patrão a firma Carneiro Junior e Cia e vítimas os seus empregados Ambrosio C de Oliveira e João Valgas que ficaram seriamente queimados com a explosão de uma lata de 4Kg de pólvora, quando trabalhavam na ferraria daquela firma.*⁴¹

No período de 1920 a 1924, as notícias de jornais dão conta dos “desastres” no trabalho, de forma que leva a supor que não eram fatos isolados, mas possivelmente aconteciam pela falta de condições de trabalho, falta de segurança ou de especialização do trabalhador. No entanto, as notícias limitam-se a discorrer sobre o fato, sem entrar em detalhes de como ocorreu, em que circunstâncias. Além disso, somente são detalhadas as notícias que trazem denúncias de alguma pessoa de renome na cidade, como a que se segue:

³⁹ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. SP: Cia das letras, 1996 p 22

⁴⁰ Arquivo Público do Estado Relatórios de Chefes de Polícia. 1906 a 1916.

⁴¹ Jornal República 24-01-1924 Notas Policiais

Estiveram ontem em nosso escritório os sr capitão Chystiano de Vasconcelos e tenente Elias Lopes. Esses oficiais contaram que passando ao meio dia pelas imediações do Hospital de Caridade, escaparam por um triz de serem vítimas de um possante bloco de pedra arrojada contra a rua sem prévio aviso.

Os operários que estão trabalhando nas obras da ladeira do Hospital puseram demasiado cargo de dinamite na pedreira, razão porque esse fato se deu. Adiantaram-nos os referidos oficiais que toda a vizinhança se mostra

apreensiva pelo modo porque é feito o trabalho naquele local, com grande perigo para os transeuntes, notadamente para as crianças imprevidentes.⁴²

Nota-se então que a notícia traz as reclamações a partir da fala dos oficiais que sentindo-se ameaçados em sua segurança, resolveram expor o problema. Talvez por isso tenha sido veiculada no jornal, ressaltando a imperícia dos operários, os quais ganhavam visibilidade somente quando realizavam um trabalho que oferecia perigo à população, ou mesmo em caso de acidentes de trabalho.

Uma outra notícia mostra como havia descaso por parte dos empregadores em relação aos trabalhadores, sem contar que havia, no cotidiano de trabalho da cidade, muitas crianças trabalhando. – o que traz inúmeras questões para a análise-. Pois, além das dificuldades de manter sua sobrevivência através de atividades, possivelmente sua remuneração não era condizente com o trabalho desenvolvido. Além disso, percebe-se um grande número de acidentes de trabalho:

(...) esteve ontem em nossa redação uma criança de 15 anos, moradora no lugar Saco Grande, que nos mostrou horrendas queimaduras ao longo de todo o peito, até perto da região umbilical; uma das orelhas secou ficando a boca num rito doloroso, devido ao repuxamento da pele do pescoço. Empregado numa venda, Virgílio Chrispiniano, na noite de 24 de dezembro auxiliava seu patrão na fábrica de aguardente. Devido a um excesso, cujas chamas atingiram o menor envolvendo-o em parte. Na desorientação do desastre, Virgílio caiu, esbarrando em um recipiente de álcool, que tombou-lhe por cima, ocasionando dali queimaduras monstruosas.

(...) Hoje, doente sem poder trabalhar, com o pai atirado ao fundo de uma cama, Virgílio Chrispiniano na sua triste e lamentável pubescência, estende a mão queimada à caridade pública, na esperança de um auxílio abençoado.⁴³

Pelo teor dessa notícia denota-se a falta de cuidados na fábrica e, possivelmente, poderia ter sido evitado esse acidente de trabalho se houvesse condições próprias para o manuseio da aguardente. Outro fato é que o menor, apesar de trabalhar na fábrica, não recebeu nenhum apoio do empregador, tanto que vai aos jornais pedir uma “ esmola” para a população. A partir desse caso, pode-se supor que a manutenção da sobrevivência exigia, principalmente daqueles pertencentes às classes populares, o trabalho desde criança. Isso porque as questões do trabalho ainda não estavam na esfera pública, enquanto regidas e regulamentadas pelas leis do setor público.

Deste modo, apenas ganham a esfera pública nos casos de acidentes, quando inutilizam pessoas, são perigosos, etc. As notícias denotam a precariedade das

⁴² Jornal República 28-01-1920

condições de trabalho, bem como um total desleixo por parte das autoridades no que se refere às formas de trabalho. Ao ponto de um acidente dessa proporção deixar com marcas profundas a vida de Virgílio Chrispiniano, sem contar com a humilhação de pedir “esmola”. Ou mesmo da dita “teimosia” dos condutores.

Uma outra forma em que apareciam nos jornais se dá pelas reclamações sobre o trabalho na cidade. Em meio a essas notícias, destaquei uma, que centra sua preocupação com a Escola de Aprendizes Artificies que, apesar de ser um pouco extensa, mostra certos problemas nos discursos sobre a qualificação do trabalho na cidade:

Muito grato ficaríamos com a publicação das linhas abaixo:

A escola de aprendiz artificies desta capital criada e mantida pelo governo federal, com o louvável intuito de preparar operários competentes nas diversas profissões que nela se ensinam, não está segundo o nosso modo de ver, preenchendo os fins para os quais foi criada.

Há diversos anos que esta escola está dispensando diplomas de tipógrafos, encadernadores, etc. Entretanto tem ela sido encarregada da confecção de um relatório que qualquer oficina particular não teria nenhuma dificuldade em confeccionar, recorre aos tipógrafos, não formados por ela e sim aqueles que aprenderam o ofício em oficinas particulares, oferecendo a estes honorários que as particulares não podem pagar. Quer dizer que em lugar de preparar operários habilitados para suprirem as faltas nas oficinas e nos jornais nos tira os poucos e melhores que temos, provavelmente para poder demonstrar ao governo o progresso e adiantamento da escola, com um trabalho feito por operários que nunca frequentaram.

⁴³ Jornal A República 09-02-1920 Quem dá aos pobres...

Não fosse o prejuízo que causa às oficinas particulares e de jornais a retirada de melhores elementos de artes gráficas(...) não podemos deixar de chamar atenção a quem de direito, tanto mais que todos nós concorremos com os impostos que pagamos e a manutenção desse estabelecimento e temos também direito de viver.⁴⁴

Apesar de extensa, essa notícia revela algumas questões a serem problematizadas, primeiro porque a Escola de Aprendizes Artífices foi criada para qualificar profissionalmente não só tipógrafos, mas outras categorias de trabalho. Entretanto, essa notícia demonstra a insatisfação, mesmo que seja de um proprietário de uma oficina, pelo fato de ser mantida pelo governo e, segundo a denúncia, não formar bons profissionais. Essa reclamação pela má utilização do dinheiro público na verdade nada mais é do que a preocupação pela falta de tipógrafos nas oficinas e jornais. Tanto é que, em um certo momento da história dessa escola, faltavam até mesmo professores, como lembra o Sr Doralécio, natural de Recife, que foi contratado para ministrar aulas nesse estabelecimento de ensino:

(...)Quando cheguei em Florianópolis em 1935, havia sido contratado para instalar um curso de gravura aqui na antiga Escola de Aprendizes Artífices, porque na época não havia ninguém, aliás, em Santa Catarina, não havia nada relacionada com a minha profissão. (...) Assim que cheguei a cidade já fui exercer minhas atividades na escola, ela existia desde 1911 e funcionava onde fica atualmente a prefeitura. Acabei dando aula de desenho aplicado à indústria durante quatro anos, esperando que

⁴⁴ Jornal O Estado 12-01-1922. Escola de aprendizes artífices. Um proprietário prejudicado

*instalassem o curso ao qual eu havia sido convidado para lecionar*⁴⁵

As lembranças do Sr Doralécio vêm ao encontro das queixas daquele proprietário de oficina, isso porque ele foi contratado para dar curso de foto-técnica, que é fotografia e foto gravura e, como mesmo lembra, ficou ministrando outro curso, esperando que o curso de foto-técnica fosse instalado. Além de perceber que alguns problemas estavam presentes no desenvolvimento da Escola de Aprendizes Artífices, um outro aspecto merece aprofundamento.

Se o intuito da escola era qualificar profissionais, seja na área técnica, como encardenedores, tipógrafos, desenhistas industriais ou mesmo nos cursos de carpintaria da ribeira, ferraria e serralheria mecânica, significava que havia não só trabalhadores para preencher as vagas, como demanda por parte do mercado de trabalho. Neste sentido, pode-se dizer que formar “bons trabalhadores” se configurou numa preocupação que vem até os dias atuais, isso porque a situação brasileira caracteriza-se pela expansão e qualificação do trabalho, bem como do processo educativo que visava formar bons trabalhadores.⁴⁶

Ao analisar o histórico da Escola de Aprendizes Artífices, percebe-se um intenso programa, onde os discursos ressaltam a importância da formação e qualificação dos trabalhadores:

Era um novo sol que ia despontar iluminando nova trilha as nossas industrias futuras e pondo a descoberto essa abençoada senda a ser seguida pela infância pobre das nossas classes proletárias, que se viam como que desamparadas até então, nessa humanitária tarefa da

⁴⁵ Entrevista com Sr Doralécio Soares, 83 anos, em janeiro de 2000

⁴⁶ CATTANI, Antonio David. *Trabalho e Autonomia*. RJ: Vozes, 1996

*educação pratica, fornecendo-lhes os meios de se poderem preparar para as lutas da vida com inteligência e honestidade(...)*⁴⁷

Pelo histórico da escola já se percebe que o intuito era ter uma educação prática voltada para a classe proletária, sobretudo porque essa precisava entender que para ser um sujeito útil era necessário estar qualificado para o trabalho. Neste sentido, pode-se dizer que essa escola tinha outros objetivos, ainda que implícitos em sua organização, que eram, além de educar para o trabalho, levar adiante o projeto republicano, ou melhor, de estender a importância do trabalho para “um homem de bem”.

Ao contrário da Escola de Artificies, bem como de outros estabelecimentos de trabalho, havia grande parte do contingente de trabalhadores e trabalhadoras em Florianópolis que vivia de expedientes esporádicos, do comércio ambulante. Porém, eram constantemente “vigiados” pelos médicos higienistas, pelos governantes, pela polícia, pelas elites, os quais buscavam intervir em suas práticas. Como percebi nos jornais, havia algumas segregações aos trabalhadores, bem como aos produtos que deveriam ser vendidos no centro da cidade:

De ordem do Sr Superientendente Municipal, faço público aos quitandeiros que a licença de quitanda somente dá direito a venda de verduras e legumes, frutas, louças de barro, côcos, aves de alimentação, peneiras, esteiras, ovos, condimentos (nos quais incluem-se pimenta, alho e cebola) abano, colheres e gamelas de pau e lenha. As quitandas que vendem cereais e gêneros, bebidas, cigarros, fósforos, etc são classificados como tavernas e

⁴⁷ Ministério da Agricultura. Escola de Aprendizes Artificies de Santa Catarina. Resenha Histórica. 1910-1922. Organizada por ordem do Sr Diretor Geral da Indústria e Comércio, Dr Raymundo de Araújo Castro pelo agrimensor João Cândido da Silva Muricy.

*assim ficam sujeitas ao imposto de aferição. Para evitar-lhe multas além do pagamento do imposto aludido, convido os ao referido pagamento afim de não fazerem de tavernas, que pagam aferição ou deixarem de expor imediatamente a venda, os gêneros ou artigo excedentes da relação supra*⁴⁸

A intervenção do poder público sobre as formas de venda de produtos nas quitandas dava-se, principalmente, como mostra essa notícia, através da cobrança de impostos. Quanto aos quitandeiros, trabalhavam homens e mulheres nesse tipo de comércio, sendo largamente utilizado pela população pobre. Assim, o pequeno comércio ambulante, sobretudo de alimentos e produtos fundamentais à rotina doméstica, representava a alternativa de trabalho que acomodava inúmeros trabalhadores desocupados.⁴⁹

O controle que se instaurou na cidade tinha como princípio básico regulamentar as práticas dos trabalhadores e trabalhadoras informais, ou seja, talvez como uma forma de estabelecer o que deveria ser vendido, em que condições, de modo que tornasse o espaço público higienizado e, em nome da saúde da população, controlasse a venda de produtos:

*Designai dois guardas para juntamente com o Sr José Feliz do Carmo procederem a uma rigorosa fiscalização nas casas de frutas, quitandas, etc. verificando se as mesmas vendem clandestinamente gêneros fora da tabela de gêneros para as mesmas, aplicando multa aqueles que estiverem transgredindo as disposições em vigor*⁵⁰

⁴⁸ Jornal *A República* 17-01-1920. Quitanda

⁴⁹ PINTO, 1994, *ibidem* p 123.

⁵⁰ Jornal *República* 28-01-1919 Portaria da Superintendencia Municipal

A fiscalização talvez tenha se dado pelo fato de constarem algumas reclamações, já que as quitandas, ou mesmo os vendedores, tinham seus produtos controlados. Assim, os fiscais representantes do governo poderiam delimitar o que vender, como vender, etc. Logo, não era só a qualidade dos produtos que estava em questão, mas sim aqueles sujeitos que trabalhavam nas quitandas, estes eram o principal motivo do controle.

A preocupação com o que se vendia e como vendiam foi se intensificando, tanto que havia constantemente nos jornais a preocupação com o comércio nas quitandas, casas de frutas, recorrendo, entre outras coisas, sobre o aluguel de casas no mercado:

De ordem do sr superintendente municipal, faço público que a lei orçamentária para o exercício de 1919, estipulou o aluguel anual de R\$ 50000 para cada uma das 8 casinhas do mercado, nas quais é exposta a carne seca ao consumo(...) o prazo do aluguel será de um ano, ficando o alugador preferido obrigado ao imposto de 3% ao assinar o contrato e ao marchante de gado abatido em duas prestações..⁵¹.

Essa lei é apenas uma dentre algumas que foram sendo inseridas sobre a venda de produtos e sobre aqueles que vendiam, com o intuito de arrecadar fundos e, principalmente, controlar as atividades, os espaços, os trabalhadores e trabalhadoras.

O que as evidências mostram, seja pelos jornais, pelas lembranças, ou mesmo pelo histórico da Escola de Aprendizes Artífices, é que os discursos de que Florianópolis seria uma cidade exclusivamente político-administrativa não conferem, principalmente quando se toma algumas dessas referências que deixam transparecer a preocupação em formar, qualificar, aumentar o número de trabalhadores e trabalhadoras.

Deste modo, pode-se dizer que na cidade coexistiam várias formas de trabalho e se de um lado havia um grande número de funcionários públicos, por outro lado havia toda uma gama de trabalhadores e trabalhadoras do setor formal e informal. Os jornais, os relatórios, as falas dos trabalhadores e trabalhadoras mostram a utilidade das carrocinhas que vendiam vários produtos, do fluxo diário nas ruas do centro da cidade, da entrega das roupas lavadas, do feitiço dos vestidos, etc.

Nesse sentido, quando se recupera a trajetória de trabalhadores como os marítimos ou estivadores, percebe-se que alguns apareciam nos discursos dos relatórios ou nos jornais sempre ligados à desordem. No entanto, nas lembranças como a do Sr Assis, os marítimos compunham um quadro de trabalhadores que convivia com inúmeros outros sem problemas. Apesar de não ser marítimo, lembra que a convivência não era difícil:

Às vezes quando tinha que carregar madeira cedo para o porto, a gente ia trabalhava, descarregava. Os estivadores terrestres levavam do trapiche até o cais, para dentro do navio eram os estivadores marítimos. Depois de trabalhar a gente ia no bar, ali perto e tomava um café, quentinho, com pão.⁵²

Essas notícias, bem como as lembranças, trazem a presença dos trabalhadores do porto, marítimos, ou estivadores, como um dos sujeitos que estavam interagindo no dia a dia da cidade. Mas, não eram só os marítimos que estavam sendo alvos das chefaturas de polícia; outras categoria de trabalho passavam por situações parecidas, pois também se configuravam em elementos que não eram almejados nos “novos” contornos da

⁵¹ Jornal República 13-12-1918

⁵² Entrevista Sr Eidi de Assis Correa, 76 anos, em setembro de 1999

cidade, comprometendo a sua remodelação. Esses sujeitos eram componentes das classes pobres, as quais eram vistas como um perigo.

Entretanto, apesar de todos os discursos e de todas as ações repressivas, no interior da ilha mantiveram-se, ainda por muito tempo, as noções tradicionais de trabalho. Como esclarece Maria Bernardete Flores, em seu estudo sobre a farra do boi:

Os pobres, no afã da subsistência, se viravam como podiam o ano todo, com uma diversidade imensa de atividades. Ora na apanha do café, ora na farinhada, ora na pesca, dependendo da ocasião. Durante o dia, a lavrar um pedacinho de terra para subsistência; no cair da noite, a pescaria de tarrafa para trazer os peixes para o caldo da ceia⁵³

Em suma, pode-se dizer que apesar dos incessantes discursos de uma noção de trabalho pautada pelo regime capitalista, alguns homens e mulheres ainda trabalhavam regidos pelo “tempo da natureza”. O “tempo da natureza” começava a ser substituído pela mediação do “relógio”, uma das muitas mudanças advindas com o redimensionamento da noção de trabalho.

⁵³ FLORES, Maria Bernardete R. A Farra do boi. Palavras, sentidos, ficções.FPOLIS, ED:UFSC,1997 p 159

2.3. Outras práticas de trabalho: as mulheres trabalhadoras

Considero necessário destacar, nessa parte do estudo, as atividades exercidas pelas trabalhadoras, já que grande parcela dessas mulheres raramente são mencionadas, e quando ganham destaque são tratadas de forma pejorativa, folclórica. Nesse sentido, entendendo que tanto os trabalhadores quanto as trabalhadoras merecem visibilidade por suas atividades desenvolvidas na cidade, entrevistei algumas mulheres que exerciam as atividades de costureiras, vendedoras, lavadeiras. A partir de suas narrativas foi possível perceber as dificuldades enfrentadas nas relações de trabalho, os laços de solidariedade entre as mulheres, enfim, foi possível perceber que o cotidiano das mulheres apresentava uma jornada de trabalho ainda mais extenuante do que a dos homens. Pois, em suas narrativas, argumentavam que se dividiam entre o trabalho de casa e o fora dela.

Desta forma, é necessário trazer, além das questões imersas no cotidiano dos trabalhadores, as vivências das trabalhadoras, os conflitos, as resistências, as dificuldades, enfim, suscitando a heterogeneidade das formas de viver e trabalhar, isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e significação ou à importância de nossos tipos de atividades⁵⁴

Deste modo, através do cotidiano tenta-se recompor como os trabalhadores e trabalhadoras mantinham ou modificavam seus elementos culturais em meio às transformações ocorridas na cidade, mas sobretudo como, através do cotidiano, compunham suas experiências de vida e trabalho. O cotidiano se configura, então, como espaço de lutas, conflitos, pois, através do esmiuçar das mediações sociais, possibilita a inserção de sujeitos históricos concretos, homens e mulheres, no contexto mais amplo

da sociedade em que viveram⁵⁵. Deste modo, emergem no cotidiano múltiplas ações e relações, continuidades e rupturas, os quais mostram a heterogeneidade dos modos de trabalhar, de viver, tanto de homens, como das mulheres.

Neste sentido, as pistas que procurei para vislumbrar o cotidiano dos trabalhadores apontaram para algumas questões, com certas evidências que mostram que as experiências dos homens faziam-se presentes na cidade. Entretanto, o mesmo não acontece com o trabalho das mulheres, pois, mesmo inseridas no cotidiano da cidade, na relação direta seja com outros sujeitos, ou mesmo no desempenho de suas atividades, sequer aparecem nos discursos documentados nos jornais e relatórios. Apenas raramente tem-se algum indício oficial deste trabalho, como ocorria, por exemplo, por ocasião da prisão de uma mulher.

Os relatórios do chefe de polícia, de 1916, mencionam as mulheres presas, algumas sem profissão, como Maria Manoela, sem instrução e presa por desordem, ou Anna Maria, que era cozinheira e foi presa como “vagabunda”. Em suma, essas mulheres, umas cozinheiras, outras lavadeiras, domésticas, na sua maioria sem instrução, muitas vezes eram presas por embriaguez, desordem, ou até mesmo por serem qualificadas como “vagabundas”.

Essas qualificações, ou melhor desqualificações, relacionadas às mulheres fazem parte de uma série de discursos que viam as “boas mulheres” como restritas ao espaço doméstico. Mas o que percebi diante das lembranças de mulheres que trabalhavam na cidade, e mesmo daquelas que não trabalhavam fora do âmbito doméstico, é que estas circulavam pelo espaço urbano, tendo domínio de suas ações, bem como mantinham muitas vezes o sustento da família. Como é o caso de D. Hercília, a qual reafirma várias vezes, que, *gostasse ou não gostasse, tinha que trabalhar, porque tinha que ajudar a*

⁵⁴ HELLER, Agnês. *O cotidiano e a História*. RJ: Paz e Terra, 4ª edição, 1992 p 18

*dar estudos para as filhas. Eu não escolhi nada, porque a minha profissão era aquela*⁵⁶.

A memória de D Hercília sobre o seu trabalho, o de lavadeira, que durante muito tempo manteve o sustento de seus filhos, bem como a manutenção de sua casa, denota a importância de se recuperar as experiências de trabalho das mulheres em Florianópolis nas décadas iniciais do século XX. D. Hercília lembra que não teve oportunidade de escolher em que trabalhar e, aos poucos, nos familiariza com suas palavras, seu cotidiano de vida e de trabalho, de forma que se pode perceber que a escolha, no caso das mulheres das camadas populares, era algo distante de sua realidade. O que marcava suas experiências era a busca pela sobrevivência:

*Eu não tinha tempo de notar a cidade, ia buscar a roupa.(...) Eles mandavam a roupa com sabão, eu tinha uma que me ajudava a passar, porque eu não gostava de passar. Eu tinha que lavar, passar, mas era muita roupa. Naquele tempo tinha marido trabalhando, tinha que cuidar dos filhos, estudando, tudo isso a gente precisava cuidar. Sabendo trabalhar, dava tudo certo. Pegava só a quantidade que pudesse trabalhar. Eu sozinha, mais Deus. Pagavam bem não, já viu lavadeira ganhar bem. Eu dizia para minhas filhas, Deus há de ajudar vocês, que essa cruz há de sair, porque assim que vocês se formarem, a gente para com isso.*⁵⁷.

⁵⁵ SILVA, Maria Odila L. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea In: Projeto História*. PUC-SP, Educ, 1981 p 232

⁵⁶ Entrevista com Hercília, 89 anos, em novembro de 1999

⁵⁷ Entrevista com Hercília, 89 anos em Novembro de 1999



Fonte: FOSSARI, Domingos. Florianópolis de Ontem. UDESC, 1978

A narrativa de D.Hercília sobre suas experiências de trabalho, vai ao encontro de algumas representações sobre a cidade, em que são destacadas algumas “pessoas” para compor o cenário de casarios, museus, praças. Na gravura que segue, percebe-se a presença do sujeito social, imerso no cotidiano da cidade.

Assim, emerge a preocupação em recuperar, através das memórias das mulheres trabalhadoras, os inúmeros elementos que compunham o seu cotidiano de trabalho, já que por muito tempo a historiografia local, foco de minha análise, relegou não só o trabalho das mulheres, como todos os demais acontecimentos que denotassem sua

presença. Neste sentido, busco, a partir do exercício de suas atividades, recuperar fragmentos, vivências, tristezas, ansiedades nos modos de vida dessas mulheres.

Num cotidiano em que as atividades públicas eram de domínio masculino, as memórias das mulheres muitas vezes podem trazer as experiências no âmbito privado. Pois aos homens ficava estabelecido o trânsito pela vida pública da cidade, pelos eventos, pelo caminho para o trabalho. Sobre o cotidiano, o nascimento, a morte, a vida familiar, pergunte às mulheres.⁵⁸ Mas, na situação que analiso, as mulheres das camadas populares burlavam essa regra, transitando entre o público e o privado.

Entendo que, a partir da análise do trabalho emergem outras questões, pois, como destaca Ecléa Bosi, *a memória do trabalho é tão viva e tão presente que se transforma no desejo de repetir o gesto com as mãos e ensinar o ofício a quem escuta.*⁵⁹

Busco nas memórias das mulheres relacionar a importância do trabalho em suas vidas, de forma que a cada reconstituição do exercício de alguma atividade, como lembra D. Irene:

*Eu trabalhei de vendedora de flores, no centro da cidade. Eu acordava cedo, quase toda a noite estava acordada, se usava dar comida para as crianças, mamadeira de noite, na época não tinha geladeira, era difícil, só gente rica. Então eu tinha fogareiro para fazer a mamadeira para aqueles que estavam chorando, vida de casada é bom, mas de solteira é melhor. Eu fui criada pelos meus padrinhos, ali na rua Tiradentes. Hoje é uma floricultura, dali saí casada.*⁶⁰

As falas de D Irene mostram como se pode selecionar na memória o que se quer ou não lembrar. Dificilmente ela lembra do cotidiano de trabalho e centra sua narrativa

⁵⁸ PERROT, Michele. Práticas da Memória Feminina IN: *Revista de História Brasileira*. 18 A mulher no espaço público. SP. ANPUH-Marco Zero. 1989 p 17

nos afazeres domésticos, nas relações de amizade com os vizinhos, com a preocupação na educação dos filhos. Enfim, recusa-se a lembrar, mas até mesmo com sua recusa permite compor sua trajetória de trabalho, fornecendo alguns indícios de que não era feliz com a condição de “mulher, esposa, dona-de-casa”.

Joana Maria Pedro em seu estudo sobre as mulheres em Desterro-Florianópolis, ao fornecer elementos para a análise da condição das mulheres nessa cidade, salienta as diferenças não só quando se fala da visibilidade na sociedade, como também das atividades culturais, de trabalho. Nas imagens veiculadas pelos jornais aparecem as mulheres da camada média e da elite, as quais frequentavam os espaços públicos, entendendo esses espaços não como espaço de trabalho, mas sim de sociabilidade.

Já no caso das mulheres das camadas populares, a situação difere bastante daquelas das camadas média e da elite, pois não só as lembranças denotam que sempre trabalharam, mas também em alguns estudos percebe-se que cotidianamente buscavam suprir suas necessidades. As mulheres das camadas populares nunca haviam se afastado do trabalho fora dos lares, e também dentro deles, independentemente de qualquer discurso da elite intelectual da época⁶¹.

Ao analisar o cotidiano de trabalho em Florianópolis é necessário remeter-se às inúmeras diferenças que constituem o viver e o trabalho das mulheres, não podendo estabelecer os mesmo parâmetros de análise, já que havia uma multiplicidade de questões a serem suscitadas. Devido a isso, se as mulheres foram, em um certo momento da história da cidade, “invisíveis” através das memórias das trabalhadoras, percebe-se a importância de seu trabalho no cotidiano de Florianópolis, independente

⁵⁹ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. SP: Tac-EDUSP, 1987 p393

⁶⁰ Entrevista com D Irene Maria da Silva, 91 anos em novembro de 1999

⁶¹ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e mulheres faladas: Uma questão de classe*. Tese de Doutorado USP, 1992 p 141

da camada social. Pois, como lembra Michele Perrot, *a memória é um prolongamento da existência, sendo ambas formas de relação no tempo e no espaço*⁶²

Percebe-se, então, que o espaço do lar servia muitas vezes também como espaço de atividades que contribuíram na renda familiar. Assim, muitas mulheres das camadas populares exerciam atividades remuneradas, seja dentro do lar, como as rendeiras, costureiras, ou mesmo fora, como as vendedoras e operárias. Desse modo, costurar, fazer renda, vender produtos, lecionar eram algumas tarefas presentes no cotidiano da cidade e exercidas pelas mulheres, para quem a ociosidade era uma palavra e um comportamento "desconhecido" e, principalmente, onde o trabalho informal prevalecia:

*Esta precariedade do mercado de trabalho formal impediu a constituição de pápeis sexuais. Nas visões de mundo das camadas populares, as mulheres continuaram mantendo uma importância que extrapolava os pápeis de esposa e mãe*⁶³.

Isso fica mais claro quando se traz à tona as lembranças das trabalhadoras como D. Hercília, lavadeira que, antes de buscar as roupas das clientes, fazia todo o trabalho doméstico: *a casa, a semana inteira a gente fazia limpeza, a gente era pobre, gostava de limpeza, deixava tudo limpo, porque a semana toda era para lavar a roupa*.⁶⁴ Desta maneira, pode-se dizer que para as mulheres das camadas populares não havia uma separação entre o trabalho no lar e fora dele.

Além das narrativas, busquei perceber a forma como as mulheres trabalhadoras aparecem nas notícias dos jornais, muitas vezes acompanhadas de tons pejorativos ou, então, quando destacam problemas no trabalho:

⁶² PERROT, Michele op cit p 27

⁶³ PEDRO, op cit p 247

⁶⁴ Entrevista com Hercília, 89 anos, em novembro de 1999

*Noticiamos ontem, sob a responsabilidade do Sr. Horacio Antonio de Maria que o Sr João Mahler, empregado da fabrica de bordados, desta capital, estava perseguindo as operárias brasileiras que no referido estabelecimento mourejavam desde a sua fundação. Entretanto temos hoje o prazer de asseverar que asserções do referido Sr não merecem nenhum credito, visto terem sido elas nascidas apenas de certas prevenções particulares que nos furtamos de comentá-las. Nunca tivemos nem de leve a intenção de acusar injustamente a quem quer que seja; e tanto assim é que sempre damos publicidade a certos fatos, dos quais não temos inteira convicção sob a responsabilidade do nosso informante(...)*⁶⁵

Se a perseguição era verdadeira ou não, dificilmente se poderá dizer, mas uma questão chama a atenção quando se lê essa notícia, primeiro porque já havia sido destacada antes, depois porque incluía um número significativo de operárias. Quando o jornal tenta se redimir não o faz em nome das operárias, mas somente do Sr que foi ofendido por ter seu nome vinculado a uma notícia que supostamente não teria acontecido.

No entanto, notícias como essas são muito comuns, porque trazem sempre as trabalhadoras ligadas a problemas, mesmo que não tenha ficado explícito o tipo de perseguição. Pode-se supor que, mesmo que a perseguição estivesse acontecendo, as operárias dificilmente reclamariam publicamente, até porque corriam o risco de perder seu trabalho.

Uma outra nota da revista O Olho de 13 de maio de 1915, refere-se ao trabalho das mulheres, mas trata-as com tom que se situa entre o pejorativo e o folclórico:

Florianópolis tem uma velha instituição interessante e útil: as lanterninhas das doceiras. Encha-se a cidade de luz; rosários de bicos elétricos expiêm; clareando as ruas; seja ela possuída pelo progresso, reformada, modernizada...as lanternetas hão de continuar na sua missão utilitária de instituição modesta(...)

E quem delas se aproximar tem de refletir sobre os apetrechos que formam a instalação das vendedoras de doces: o baú, o mais das vezes sem cor definida, descascado quase sempre e sempre de limpeza duvidosa, a lata de torrãozinho, cheia de amendoim(...) a balaiazinha enegrecida pelo uso onde as doceiras guardam: um lenço grande berrando nas cores, uma caixa de fósforos, um toco de vela, uns vintens⁶⁶

A preocupação com a higiene era um fator que ganhava imensas proporções nas décadas iniciais do século XX em Florianópolis. Neste sentido, as vendedoras, as quitandeiras, os pombeiros, os vendedores ambulantes, entre outros trabalhadores e trabalhadoras que lutavam pela sua sobrevivência, passaram por intensas intervenções do poder público. No que se refere às vendedoras, a notícia é bem clara em seus propósitos, pois desqualifica a forma como vende os doces, bem como os apetrechos que utiliza. Quando afirma ser as “lanterninhas das doceiras” uma instituição útil, pode-se dizer que satiriza as lanterninhas, isso porque, em meio à cidade modernizada, elas ainda subsistem. O que não é mencionado nessa notícia é que essas mulheres buscavam formas de garantir a sua sobrevivência, ou mesmo, ao realizar pequenos

⁶⁵ Jornal A Opinião 21-12-1917 n 847 Na fabrica de bordados 70 operárias brasileiras que protestam contra as acusações do Sr Horácio Antonio de Maria

⁶⁶ BPE Revista O Olho Florianópolis, 13-05-1916

trabalhos ocasionais e procurar ganhar algum dinheiro extra, elas contribuíram para a sobrevivência de suas famílias⁶⁷

Desta forma, por mais que a historiografia relegue-as ao silêncio, ou quando muito ao espaço doméstico, pode-se, mesmo assim, recuperar, através das memórias, as inúmeras atividades relacionadas ao viver dessas mulheres trabalhadoras. Além disso, através das lembranças torna-se perceptível o fato de que estas constituíram-se numa importante parcela da força de trabalho em Florianópolis.

Nos jornais, percebe-se uma lacuna quando se fala do cotidiano da cidade, sendo que as mulheres ganham relevância nas notícias apenas em alguns eventos, ou em divertimentos, sempre destacando-se como integrantes de uma camada social. Assim, se as mulheres das camadas populares têm sua história entrelaçada aos aparatos policiais, na proibição de vender produtos, nas atividades diárias, as mulheres pertencentes às elites despontam no cenário público, relacionadas a eventos sociais:

*O dia de amanhã é o 1º dia de carnaval. Não bastasse a grande crise financeira que se faz notar em todas as classes sociais, estamos certas que momo se manifestará como sempre, com toda a sua grandeza faustosa. Em toda parte de nossa urbs há de se notar enorme profusão de bandos alacres de senhoritas, meninas e jovens fantasiadas entregues aos lirismos do contentamento, entoando hinos sublimes em homenagem ao Deus folia(...)*⁶⁸

Essa notícia dá uma idéia de que o carnaval aglutinava várias classes sociais, mas destaca apenas uma parte da sociedade, ou seja, senhoritas, meninas e jovens, como se esses fossem os únicos a participarem do carnaval. A notícia mostra o lado segregador do carnaval quando destaca o baile a ser realizado no clube 12 de agosto,

⁶⁷ PINTO, Maria Inês Borges. *Cotidiano e Sobrevivência* SP: Edusp, 1994 p 176

onde várias mulheres da “*flor da nossa sociedade*”⁶⁹ representariam os jornais O Estado, A opinião, A época, A vanguarda, O Catarinense, A gazeta, A folha do sul, O lageano, O novidades. Essa notícia também mostra a intrínseca relação dos jornais com a elite da cidade, a tal ponto que o baile seria em homenagem aos referidos jornais. Deste modo, mais do que representar um jornal, essas mulheres representariam um discurso político.

De certa maneira, percebe-se, através das memórias das trabalhadoras, que transitar pelo centro da cidade destinava-se à realização das atividades produtivas e, no vaivém para o trabalho, muitas vezes não tinham tempo de prestar atenção nas mudanças da cidade. Neste sentido, pode-se dizer que essas mulheres sempre às voltas com o desempenho de várias atividades, sobreviviam às modificações do espaço urbano, mantendo, muitas vezes, os traços culturais que cultivavam. No entanto, cabe destacar que não se pode falar de uma cultura, mas de culturas, como salienta Raymond Williams: a idéia de um processo social fundamental que modela “modos de vida” específicos e distintos é a origem efetiva do sentido social comparativo de “cultura” e de seu plural, já agora necessário, de “culturas”.⁷⁰

Logo, não se pode falar que o cotidiano das mulheres trabalhadoras eram regidos da mesma forma que o dos homens, isso porque se deve dar vazão às peculiaridades de cada experiência e, de certa forma, entender como destaca o autor acima, que não se pode falar em uma cultura, mas sim numa multiplicidade de relações e de culturas, sempre buscando privilegiar a alteridade.

Em suma, ao trazer os discursos presentes na cidade, perpassados por inúmeras mudanças nas paisagens, transformações dos modos de vida, busca-se perceber a multiplicidade de relações presentes no cotidiano de trabalho.

⁶⁸ Jornal A Opinião 09-02-1918

⁶⁹ Jornal A Opinião 09-02-1918

Nos anos 20, em Florianópolis, as inúmeras atividades presentes na cidade, seja no interior da ilha como no centro, tornam possível perceber que havia uma gama de vendedores ambulantes, de lavadeiras, costureiras, marítimos, operários e operárias, funcionários públicos, comerciários, ambulantes, enfim, homens e mulheres que tinham suas vidas marcadas pelo trabalho. Por isso, devo esclarecer que não busco fazer apologia aos trabalhadores e trabalhadoras, mas sim suscitar as várias formas de trabalho existentes na cidade. Florianópolis sempre é lembrada como cidade político-administrativa, mas o que tento explicitar é que existiam outras atividades, não sendo unicamente administrativas, nem somente de expedientes esporádicos. Coexistiam na cidade várias categorias de trabalho, no setor informal, no setor formal. Enfim, havia na cidade de Florianópolis, nas décadas iniciais do século XX, várias experiências de trabalho.

De certa forma, busco através das falas dos trabalhadores e trabalhadoras, reconstruir não somente a experiência do trabalho de cada um, mas entender como se dimensionava no cotidiano as várias trajetórias de trabalho. Suscitar as lembranças de mulheres e homens permite conhecer algumas curiosidades da cidade, as dificuldades de trabalho, as restrições, as diferenças de modos de viver e trabalhar. Permite adentrar num lado da história que não foi focalizado e, de certo modo, apreender algumas experiências, bem como contribuir para transmitir as trajetórias de trabalho.

Desse modo, as experiências das várias categorias de trabalho foram relatadas nesse momento. Foram ouvidos trabalhadores e trabalhadoras do setor formal e informal, até porque suas lembranças contribuem para que se possa vislumbrar muitas “histórias” contidas na “história da cidade”.

⁷⁰ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. RJ: Zahar, 1979 p 23

III CAPÍTULO: NARRAR, MANTER-SE VIVO

Os antigos gregos consideravam a memória uma identidade sobrenatural ou divina: era a deusa Mnemosyne, mãe das musas que produzem as artes e a história. A deusa memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade.¹

Lembrar para a coletividade é antes de mais nada o que me levou a suscitar as memórias de trabalhadores e trabalhadoras em Florianópolis. Assim, suscitar as questões que permeavam o cotidiano de trabalho de homens e mulheres se torna importante, porque não são somente lembranças isoladas de um trabalho, individual, determinado. Mas, principalmente, porque tornam as narrativas mais próximas do presente, mostrando que algumas situações são experimentadas por grupos, ou seja, são lembranças que denotam as interpretações que esses sujeitos adotam sobre suas trajetórias.

As lembranças pessoais introduzem outras lembranças, as sociais. Ou seja, a partir de suas experiências pessoais, os depoentes vão reconstruindo sua inserção no convívio da cidade. Apontando as relações das vivências do passado com as do presente, eles trazem outras *reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifesta-se já bem alterada.*²

Assim, as lembranças positivas e negativas do passado ganham novas conotações no presente, mesmo assim resguardam certos fatos, seja como D. Hercília

¹ CHAUI, Marilena. *Convite a Filosofia*. SP: Ed Ática, 1994 p 126

² HALBWACHS, Maurice *A memória Coletiva*. SP: Ed vértice, 1990 p 77

que, vivendo num asilo, parece desconfiar das pessoas, negando-se a falar de acontecimentos no seu cotidiano de trabalho, de sua relação com a família, do marido. Ou no caso do Sr Alcides, que recorda sua vida em família, parecendo não querer lembrar de alguns momentos de relacionamento com seu pai. Já nas lembranças do Sr Francisco, sua preocupação era ser um “*bom trabalhador*”. Porém, percebe-se sua insatisfação em relação ao trabalho, já que lembra não ter sido valorizado pela empresa. Por outro lado, tem-se a emoção do Sr Nicolau, quando narra a importância do trabalho. Trabalhar é estar vivo, ativo. Não trabalhar é como morrer aos poucos, é a tristeza. Há também, o Sr Mário, que a todo momento salienta que trabalhava desde cedo, mas que nunca ganhou bem: “*eu sempre fui pobre e hoje ainda sou pobre*”.

Entre as lembranças das experiências de trabalho, os entrevistados destacam aqueles fatos que se tornaram marcantes em suas vidas, mas devo esclarecer que também, muitas vezes, existem, nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, “*não ditos*”.³ Imersas num tempo múltiplo, as lembranças evocam inúmeras relações, seja de trabalho, de vida, de amizade, de companheirismo e, com particular significação, *iniciativas de definição de um padrão cultural de identidades que caracterizavam o período*.⁴

Desta forma, considero necessário trazer as falas e trajetórias dos trabalhadores e trabalhadoras, de modo que o leitor possa interpretar, assim como eu, os inúmeros elementos que emergem nas lembranças desses homens e mulheres.

Escolhi, desta maneira, algumas das entrevistas, procurando mostrar especialmente as memórias que dizem respeito aos trabalhos exercidos por cada trabalhador e trabalhadora. Mas, mesmo que certas experiências se repitam, trarei algumas falas que darão uma dimensão das trajetórias de trabalho. Entretanto, em todo

³ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, Silêncio. In *Estudos Históricos*, vol 5, nº 10, 1992 p 06

o estudo suas falas trouxeram importantes contribuições para a compreensão da dinâmica do cotidiano no início do século XX. Por isso, as entrevistas de Laurita, Assis, Doralécio, Elza, Zezinho e Paulo Augusto foram utilizadas, mesmo que não sejam descritas detalhadamente neste capítulo.

As falas de Nicolau, Francisco, Alcides, Mário, Irene e Hercília compõem um mosaico de experiências de trabalho, já que estes exerciam atividades diferentes no cenário da cidade, desde atividades ligadas ao rural até aquelas desenvolvidas no espaço urbano. Tentando recuperar a heterogeneidade presente no cotidiano de trabalho, optei por focar entrevistas de diferentes sujeitos: homens e mulheres, operários, encarregados, lavadeiras, pescadores.

Nas palavras de cada trabalhador e trabalhadora aparecem suas experiências de trabalho, figuradas através das amarguras, dificuldades, alegrias, sonhos. Isso porque, mesmo imersos no cotidiano múltiplo, plural, que muda e se transfigura, somente cada pessoa vivencia as transformações em sua vida. Cada sujeito recebe e repassa as mudanças de uma forma peculiar e, ao final, é como se fosse preciso agrupar cada sentimento individual, cada pedaço que se perdeu, que se ganhou ao todo que identifica cada sujeito. A memória é a construção da identidade e a partir de uma interpretação própria dos acontecimentos

D. Elza lembra da mudança de vida quando casou. Já que foi morar longe dos pais, não ajudaria mais a mãe nas costuras e teria que costurar sozinha, cuidar da casa, do marido. D. Hercília, lavadeira, e D. Laurita, costureira, prendem suas lembranças na educação dos filhos; o Sr Francisco centra suas lembranças nas conquistas de trabalho; o Sr Nicolau, no relacionamento e companheirismo de sua esposa; o Sr Doralécio, na mudança cultural; o Sr Alcides, na mudança da cidade. Enfim, por mais que o trabalho

⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático da Metrópole: São Paulo, Sociedade e cultura nos frementes anos 20*. SP: Cia das letras, 1992 . p 18

fosse necessário em suas vidas, através das narrativas, elegem algo para impulsionar suas lembranças. *Isso porque, na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes e imutáveis.*⁵ O trabalho para as mulheres era como alimento, que ajudava a mantê-las vivas. Levantavam cedo, como no caso de D. Hercília, que andava do bairro Estreito até o centro da cidade, passando pela ponte Hercílio Luz para buscar as “trouxas” de roupa nas casas das clientes. Voltando para casa, fazia o trabalho doméstico e, concomitantemente, lavava e passava as roupas. Com essa descrição pode-se perceber que mais do que pela necessidade, o trabalho era impulsionador de sua vida, pois não tinha um horário para trabalhar, seja dentro ou fora de casa.

Percebe-se, então, que não só D. Hercília, mas também D. Elza e D. Laurita, costureiras, vão descortinando entre retalhos, bordados, pequenos detalhes que aos poucos vão compondo o emaranhado de funções que coordenavam suas experiências. D. Elza lembra sobre o trabalho de sua mãe, também costureira, mais do que sobre o seu. Parece querer exaltar um tempo em que aquela profissão tornava sua mãe uma pessoa de destaque, já que durante muito tempo costurou para as elites da cidade. Como D. Elza, D. Laurita relembra que, vendo sua mãe costurar, foi aos poucos aprendendo a costurar. E que depois de perder o marido, toda a responsabilidade do sustento da casa recaiu sobre ela.

Essas mulheres trabalhadoras não tinham horário estabelecido para desempenhar suas funções, entretanto, havia aqueles trabalhadores que seguiam horários fixos de trabalho, como lembra o Sr Francisco, que trabalhou na firma Hoepcke. Ele começava a trabalhar às 8 hs e saía às 17 hs, sendo o único entrevistado que tinha uma jornada de trabalho estabelecida. Lembra que seu trabalho, de conferidor

⁵ POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. RJ, vol 2, nº 3, 1989

de carga, era muito metódico, pois a empresa era constituída de vários setores: *seção de fazendas, de máquinas, de drogas, de ferragens, etc*⁶.

Vejamos, então ,como cada um dos trabalhadores e trabalhadoras entrevistados construiu sua interpretação sobre sua forma de trabalho.

⁶ Entrevista com Sr Francisco, 89 anos, em setembro de 1999

NICOLAU

O Sr Nicolau Tolentino Martins, 99 anos, desde criança aprendeu a pescar e exerceu várias atividades ligadas ao mar. Ao dar a entrevista, lembra com tristeza por hoje, na velhice, morar longe do mar. Seus olhos percorrem a casa da filha na busca por referenciais e me mostra, num canto do quarto, uma rede de pesca. Mais do que símbolo do trabalho, ela repressa para esse trabalhador um pedaço de sua história.

Atualmente morando em Forquilha, São José, na casa de sua filha mais velha, às vezes se negava a lembrar. Outras vezes dizia que não lembrava, mas aos poucos, incentivado pela filha, ia descortinando seu “mundo de trabalho”. Como a maioria dos “velhos” no Brasil, o Sr Nicolau reclama de ter trabalhado durante toda a vida e receber um salário mínimo de aposentadoria, a ponto de viver de favores. Demonstra alegria apenas quando lembra de seu passado de trabalho, principalmente de quando ia para o mar. Logo, em suas lembranças estão presentes a alegria de ser “útil” e a tristeza de “depende” das outras pessoas. Da história à memória, talvez se configure, assim, o espaço de uma poética que insiste na abordagem dos tempo idos, constituídos individualmente, mas revelados com a textura do coletivo.⁷

Quando se recupera as trajetórias de trabalho em Florianópolis, deve-se suscitar a criatividade dos trabalhadores e trabalhadoras em buscar formas de sobrevivência, isso porque mesmo com um mercado de trabalho escasso, buscavam outras formas de trabalho. Como destaca Roselane Neckel Kupka, *grande parte dos habitantes vivia através de expedientes improvisados como biscateiros, ambulantes diversos, carregadores, dedicando-se a quaisquer atividades que lhes garantissem melhores condições de vida*⁸. O trabalhador mostra, então, toda a sua criatividade para sobreviver

⁷ PINTO, J. Os muitos tempos da Memória In: *Projeto História*. PUC. SP: n° 17, 1998 p 205

⁸ KUPKA, Roselane Neckel. *Tensões e Imagens do viver urbano em Florianópolis. 1910-1930*. Dissertação de Mestrado. PUC/SP 1993

em condições sociais, *no caso a situação do trabalho, que tenta dele extrair as suas forças de vida para reduzi-lo a força física, produtiva.*⁹

A busca pela sobrevivência era algo latente e percebe-se, então, que o tempo de trabalho tinha conotações diferentes para cada trabalhador e trabalhadora. Sendo assim, tinham um “tempo próprio” de trabalho.

Nasci em Paulo Lopes, vim para Florianópolis com 7 anos, com meus pais. A vida lá era pesada. A nossa cidade (Florianópolis) era mais bonita, as águas penetravam mais, depois foram tirando as belezas. Até que veio a ligação através da ponte, aquilo foi um passo bom, mas depois piorou. Veio mais duas. Aquela é especial, que é a ponte Hercílio Luz, está lá quase para cair, dinheiro do povo empregado ali. Parou, devia estar continuando. Só tiraram a beleza da cidade, as águas vinham até a Alfândega, o Mercado Público, nós vendia o peixe ali, que coisa boa.

Eu perdia noite, eu trabalhava de dia no cal, chegava em casa nem tomava banho, porque eu ia para o mar, pescar. Eu vinha do cal de trabalhar, a patroa cozinhava no fogão de lenha, não tinha banheiro, era quarto de banho, mas era em gamelão, aquelas latas grandes. Então, ela botava aquela água nas latas, deixava pronto até que voltasse do mar. Eu comia e saía para o mar, quando estava escurecendo, voltava a uma hora da madrugada, pescava peixe, camarão.

Vendia o peixe e tirava um pouco para comer. Eu tinha um companheiro que pescava comigo de canoa, nós tirava um pouco para comer, para mim e para ele, ia embora, dormia um pouco. A minha mulher era minha companheira de confiança, dizia: pode dormir que eu te acordo, tu não vai perder a hora.

No outro dia, saía de casa às 6 horas da manhã, andava quase 2 quilômetros a pé, trabalhava o dia todo. Tocava fogo no caixote, pegava lenha, queimava. Daí batia com água para dissolver o cal. Era um trabalho importante, o cal lindo, branco que era

⁹ ROSA, Maria Inês. *Trabalho, Subjetividade e poder*. SP: Edusp, 1994 p 69

uma beleza, aquele berbigão queimado. A casca era lavada para tirar a areia, um tal de João Pereira trazia as cascas de berbigão, ostras a 200 réis o caixote. Ele era dono do carro de boi; ele ia buscar e levar as cascas.

Nós fazia e levava para a cidade, em canoa. Fazia tudo. Na capitania dos portos é que era o depósito, que a gente colocava o cal. Eles pegavam e levavam para as obras, nós construímos diversas obras, como a Escola Normal. Trabalhava muito, mais com muita alegria, tinha saúde. Fiquei dez anos trabalhando no cal. Acabou o material, ninguém mais queria trabalhar, a fábrica era registrada na prefeitura, pagava imposto, tudo.

Eu conheci minha mulher no Ribeirão da Ilha. Ela era rendeira. Casei com 20 anos, fomos morar na Costeira. Continuei trabalhando no cal, com meu primo, que já morreu, morreu tudo, tio, primo, filho, mulher...

Eu também fazia canoa, ia para o mato semanas inteiras, cortando árvore para fazer canoa, garapuvu, cedro, figueira, louro. Aprendi com 12 anos, meu pai já fazia e meu irmão me ensinou. Ia no mato, cortava a árvore na raiz, depois fazia os cortes, com machado. Arranjava os bois para tirar, levava para terminar. Com 90 anos fiz minha última canoa, que chamei de “duvidosa”, porque as pessoas da região achavam que eu não tinha coragem para fazer.

Trabalhei na capitania dos portos, ia a pé da Costeira até o centro, o ônibus custava 300 reis, fazia falta se fosse pagar. Levamos uns 3 meses trabalhando lá, eu e o Pedro, que era o mestre da obra, ensinou a muitos, ele já tinha carta branca e todo o serviço da marinha era dele. E tinha meu irmão que ele também chamava para trabalhar, mas ele era diferente.

Nós colocava no esquadro, media, cortava e estava sempre bom. Ah! Hoje, eu tenho uma pena de não poder mais trabalhar, às vezes eu choro. Porque na Ilha tem

grande trabalhador. Essas repartições tem muito trabalhador, sim trabalhador, está aí também o peixe fresquinho no mercado. Eu pesquei até 92 anos, no Sambaqui. Tive 6 filhos homens e 3 mulheres.

O trabalho na ponte era diferente, tinha quem controlava, os apontadores estavam tudo ali. Marcavam, anotavam e se passasse 5 minutos da hora de entrar, não entrava mais. Tinha um caderninho, se entrava de manhã fazia um risquinho, ele fazia. Quando chegava 9 horas, ele fazia outro, aí ganhava 2-4 já, quando era 11 horas da manhã, era hora do almoço, ele fazia mais um risco. Quando arriava ele fechava o quadro, quatro riscos num dia. Ele controlava a turma, o apontador geral, o Joventino, conhecia todos os operários, era acostumado a trabalhar em estradas.

Morei durante muito tempo na Ilha de Ratonés, lá paravam os navios estrangeiros, tinha 100 braços de fundura, tinha a licença para exercer a função de vigia, zelador, sem direito a indenização, porque eles diziam que não havia verba.

Eu falei com o Aderbal, que foi eleito governador, porque falaram que a ilha era da casa Hoepke, ele era casado com a neta dele, a Ruth. Então, o Sr Raul Lisboa, e eu pedi para morar na ilha para plantar uma roça de feijão, ele disse se quiser vá. Fiquei lá 5 anos. Construí um ranchinho, com pé de coqueiros, dava para morar. Lá não tinha problema de ladrão.

Depois fui para Santo Antônio de Lisboa, pescava e fazia canoa. Eu estimo o mar, o mar é meu berço, ele sempre me embalava. “és forte, lute e vence”. Eu estava acostumado, nasci naquela profissão. Eu me sentia bem no mar, por mim trabalhava só no mar. Mas é o capital que manda no país, às vezes eu canto uma música: “Tira, tira, tirana. Tirana que dê o meu bem, lá no céu entra quem pode, na terra vale quem tem”.

Quando trabalhei na construção da ponte, saíam e entravam muitos trabalhadores, nós não, a nossa turma era boa. Pegamos na parte de baixo, perto da

fábrica de bordados, trabalhava ali cavando, tirando pedra. A maioria dos que trabalhavam eram de Saco Grande, Santo Antônio, Costeira, Ribeirão da ilha. Era mais de 1000 pessoas no serviço da ponte. Quem era do trabalho, ia para casa, para pescar que era só o que podia fazer, porque chegava a noite.

Durante o tempo de serviço nunca perdi um dia, só quando chovia mesmo. A quinzena sempre tirava inteira. Antônio Donato, o encarregado dizia: “ olha trabalhador é isso aí, nunca perde um dia da quinzena, isso é que é trabalhador. Agora lá morreu muita gente, foi uma grande obra.

Eu trabalhava 9 horas por dia, saía da Costeira às 5 horas, para chegar no serviço na hora certa. Pegava às 7 horas, levava 1:30 horas um pouco mais, chegava um pouquinho antes, já tinha trabalhador lá. Tinham botado água no fogo para fazer um cafezinho. Nós fazia o cafezinho, já trazia pão, bolacha, biscoito, bolo de casa e pegava as 7 horas. Nós ganhava 3,500 réis por dia. Naquele tempo tudo era barato. E depois quando eu já estava para sair a pescaria melhorou, ganhava mais. Eu era operário, trabalhava de pá e picareta, cavando na tirada do cemitério.

Eu comecei na rua, alargando a rua que era estreita. Na frente da Conselheiro Mafra, foram encaixotando aquilo, botavam no necrotério, para o cemitério do Itacorubi. Eu trabalhei seis meses na construção da ponte, era um pessoal muito bom, mas ficou muito serviço, muita coisa para fazer. Ali onde está o departamento de saúde, era uma covanca, o aterro veio de cima do cemitério, que era a cabeceira da ponte, de caçamba de ferro, a pé de pau, porque aquela prancha de segurar, de fincar, vinha lá de cima, passava ali na rua, na frente da fábrica de bordados. Acontece que quando o Getúlio ganhou a Revolução, daí o Nereu foi o interventor, o terreno já estava aterrado. O Nereu aproveitou como interventor e fez o departamento de saúde. Na ponte só entrava os engenheiros, depois de assoalhada, para continuar vieram os

carpinteiros, de São Paulo, do Rio de Janeiro, daqui também. Ali morreram muitos, ninguém sabia. Naquelas quatro colunas morreu muita gente.

Depois fui trabalhar de pescador, porque o pescador era dono do horário. Quando chegava Domingo, eu e meu irmão íamos para o mato cortar Garapuvu lá no Rio Tavares, Cachoeira, Canto da Lagoa para fazer canoa. Trazia de carro de boi, fazia só quando tinha encomenda. Os pescadores encomendavam, eu sempre dizia que fazia canoas, nem bonita, nem boa no pano, eu faço firme e forte. Se querem, porque comigo era assim, fazia firme e forte. Eu entregava, está boa, e me davam a gratificação.

Quando saía nos fins de semana, ia nos bailes. A gente entrava no clube, tinha um buffet de cerveja, ali tomavam. Às vezes, o dono do boteco já tinha uma garrafa de cachaça, para o cara que queria tomar uma cachacinha. Aí dava briga. Certa vez, tinha uma festa em Sambaqui. Tinha uma moça séria, muito bonita. Estavam todos no baile, tinha uma varanda grande, estavam tomando cerveja. De repente, a moça saiu chorando, a orquestra parou. Aí o comandante Alexandrino veio e perguntou o que houve. Aí ela disse que um tenente beijou, estava dançando com ela e beijou.

Então entrou tudo quanto era oficial para dentro do salão. Ele falou: agora você diga qual é o moço que te beijou, ela mostrou. Daí ele chamou dois e disse: leva e encarcera na solitária a pão e água, por 21 dias.

Eu ia em muito baile em Santo Antônio de Lisboa, dancei muito lá, fui presidente do clube Avante. Ajudei a levantar o clube. Minha mulher ia junto, mas depois que veio a filha, ela parou de ir, primeiro era cuidar da filha, a Nicolina. Quando eu era solteiro, eu era esquisito, mas tinha bastante namoradas. Tinha uma amizade muito grande, eu sabia me prestar muito bem. Chegava no Ribeirão não faltava casa para dormir. Tinha um senhor que era carpinteiro, chegava na praia,

descia da canoa e dizia, olha pode botar a canoa aí dentro, me dava um quarto para eu ficar. Eu levava um baú com roupa, de linho, passadinha, gravatinha. Minha mulher era filha de Maria, ela e as duas irmãs, um dia eu perguntei onde ela morava, e pedi para acompanhar até em casa, Depois, pedi para o pai dela para poder namorar.

Por isso, eu digo que a cidade era uma coisa linda e acabou-se a beleza dela. E agora temos que esperar a destruição total, porque se a ponte cair vai ser um desastre. Governadores são culpados, só se vê a interrupção deles na vida da cidade, roubando, avançando no dinheiro. Essa pobreza, a pobreza é a bandeira do Brasil, trabalhador braçal... Dá para ferir o coração, dá quase para a gente chorar.

As memórias do Sr Nicolau, trazem a história de um homem que trabalhou desde muito novo, ainda uma criança, e que aprendeu várias atividades, mas onde a pesca sempre teve um significado muito forte em sua vida, “ *eu estimo o mar, o mar é meu berço. Ele sempre me embalava*”. Percebe-se, em suas lembranças que a pesca era importante não só economicamente, mas também enquanto espaço em que aliviava as tensões do dia-a-dia de trabalho. Dela tirava o peixe para a alimentação da família, vendendo o excedente no mercado. Apesar da baixa remuneração e das dificuldades, este era o trabalho que exercia com maior desprendimento.

A pesca, por mais que contribuisse para a renda familiar, possivelmente poderia ser entendida como uma forma de “exorcizar” os problemas pelos quais tivesse passado durante o dia. Em certos momentos, o Sr Nicolau ressalta que a maioria dos pescadores eram pobres e trabalhavam em outras atividades como ele. Numa canção parece querer sintetizar essa situação. *Tira, tira, tirana, tirana que dê o meu bem, lá no céu entra quem pode, na terra vale quem tem.*

Essa canção denota o que muitos trabalhadores e trabalhadoras passavam na época, já que mantinham expedientes esporádicos, mas tinham a pesca como elemento

central em suas vidas. E se na terra vale quem tem, isso representa na fala desse trabalhador que a maioria deles não valiam muito nessa terra. Percebe-se um certo descontentamento do Sr Nicolau com a sua trajetória de trabalho.

Através da fala do Sr Nicolau percebe-se a heterogeneidade nas formas de trabalho. Sua vida foi sempre marcada pelo que fazer. Nunca parou de trabalhar, mas suas atividades tinham uma ligação com o mar, até mesmo no caso da construção da ponte. Além disso, a sazonalidade em relação à moradia parece ser um fato constante na vida dos trabalhadores de Florianópolis no início do século XX. Quando havia dificuldades para manter a sobrevivência da família, mudava de bairro. Em suma, em sua trajetória de trabalho percebe-se que, mesmo passando dificuldades financeiras, arranjava formas de improvisação.

FRANCISCO

O Sr Francisco Althoff, 89 anos, hoje mora com sua esposa no centro de Florianópolis. Sua lembranças trazem momentos peculiares da cidade. As tristezas desaparecem em suas falas, apesar de muitas vezes não conseguir lembrar, ou de repetir-se, sempre se mostra pronto a tentar lembrar. Conta com o auxílio de D Elza, sua esposa, para relembra algumas questões, mas compartilha com ela as recordações. Entre fotos, livros, vestidos, casacos vão relembando o tempo em que o Sr Francisco era conferidor de carga e D Elza era costureira, denotando de um lado um saudosismo e, de outro, uma alegria por poder lembrar.

O casal se envolveu tanto com as narrativas que numa das últimas entrevistas, o Sr Francisco disse estar consultando um médico *“para ajudar na memória”*. Ele sempre trabalhou em empresas ligadas ao setor formal. Depois de trabalhar até se aposentar na empresa Hoepcke, foi trabalhar no Instituto Estadual de Educação. Um dos fatores que o diferencia dos demais entrevistados é a condição financeira. Hoje pode ser considerado pertencente a uma família de elite.

Pode-se até considerar que suas trajetórias estão destoando dos demais, principalmente por sempre trabalhar no setor formal. Mas resolvi trazer suas falas, como uma maneira de contrapor em relação aos outros trabalhadores e trabalhadoras, e também porque tanto o Sr Francisco como D. Elza recordam as sucessivas mudanças no espaço urbano de Florianópolis. Desde a forma de pegar um ônibus, os quais vinham buscar em casa, até o calçamento das ruas de chão batido. Por isso, a memória, no caso

deste casal e mais precisamente do Sr Francisco, se dá como lugar de persistência, de continuidade, de capacidade de viver o hoje inexistente.¹⁰

Meu pai chamava-se Pedro Althoff, morava em Santo Amaro da Imperatriz. Ele e minha mãe tinham uma loja de armarinhos, secos e molhados. E o meu pai era um exímio seleiro, foi convidado a fazer um selim para ser exposto. Quando vínhamos fazer compras em Florianópolis, nós pegávamos a lancha no Estreito. Quando aportava no trapiche que tinha nas imediações do mercado, pagava 200 réis na época, pela passagem. Mas se fosse uma lancha mais bonita, ela atracava no Miramar, ficava na praça XV, onde tem uma estátua de Fernando Machado. Um pedaço ficava mar a dentro era chamado Miramar.

Com 18 anos eu saí de casa e fui trabalhar em Alfredo Wagner como balconista na loja de Nicolau Kretzer. Trabalhei um ano e quatro meses. Depois vim para Florianópolis, comecei a trabalhar na firma Hoepcke. Ela era constituída de vários setores: de fazendas, de máquinas, de drogas, de ferragens. Eu comecei a trabalhar na seção de navegação, eu trabalhava no escritório da navegação. No estaleiro onde eram puxados os navios para fazer reparo. Aquilo posteriormente acabou, porque veio o aterro, houve uma transformação muito grande na cidade de Florianópolis, isso nós podemos avaliar com uma certa clareza, da forma como estou enumerando. Eu passava na rua Arno Hoeschel, tinha umas casas, mas era chão batido, não passava nem carro.

O porto de Florianópolis possuía serviços de dragagem permanente, por causa dos navios do Hoepcke, Ana, Carl e Max. Estes singravam para Itajaí, Santos, Rio de Janeiro, sempre sob o comando de um práctico. Só havia um práctico, aquele que traz o navio quando ele chega em alto mar para o porto onde ele vai aportar, seria aquilo que chamam de rebocador.

¹⁰ PINTO, 1998. Op cit p 207

Eu fazia todo o trabalho da relação de carga. A relação de carga na época era muito complicada, porque havia várias instituições em Florianópolis e exigiam no fim de cada mês o pagamento de uma taxa. Então, essa taxa era cobrada através de várias vias de um documento que constava o nome do embarcador, do recebedor no porto seguinte, depois no mesmo formulário era calculado o frete. Era primeiro o frete líquido, depois vinham 32 taxas. Na época, era complicado, não havia computador, era tudo calculado na máquina de calcular. Eu era responsável, porque a firma Hoepcke era uma empresa que se tem que trabalhar de fato, trabalhar muito.

É fácil entender porque se hoje a gente tem o computador que facilita, naquele tempo não havia nada disso, era tudo na base da “cuca” e do cálculo feito na máquina de calcula. Tudo isso era complicado. Eu trabalhava oito horas por dia. No escritório trabalhavam o chefe, um caixa, dois na contabilidade, eram 7,8 pessoas na navegação, era o serviço comercial da firma. A maioria eram alemães. Tinha o Antônio Bonetti, que era italiano. Eles primavam pela continuação dos alemães, por isso depois passou a ser Carl Hoepcke e Cia Comércio e Indústria.

O serviço tinha que ficar pronto de qualquer forma, a hora de sair os navios era a meia noite até Itajaí quando amanhecia o dia. Uma certa ocasião eu viajei e era considerado gente importante para os tripulantes, o comandante se dava bem comigo. Eu passava todo o serviço de frete, o resto era serviço da estiva, de bordo. A estiva terrestre é aquela que entregava a carga até onde estava atracado o navio. E a estiva marítima era aquela que trabalhava a bordo e recebia a mercadoria, enquanto o navio estava no porto. Posteriormente, quando o navio saía, ficavam os tripulantes, encarregados. Eu tinha contato com os estivadores apenas verbalmente, de conhecer. O meu serviço era apenas burocrático, de escritório, que era tudo entregue ao comandante quando o navio partia.

Eu trabalhei o suficiente na época para me aposentar, cuja instituição era Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos. Tinha a dos industriários, dos transportes e cargas, dos bancários. Depois veio a fusão com o INSS, em 1931.

Trabalhei na Hoepcke 35 anos, fazendo esse trabalho na navegação. Ai tudo mudou, eu tive que pedir demissão para poder me aposentar com todos os direitos da previdência. Depois de estar um pouco afastado, eu precisei conseguir um trabalho, para não ficar ao relento, sem atividade que pudesse continuar uma vida proveitosa. Depois de já estar 2 anos e meio afastado da navegação, eu fui convidado a trabalhar numa instituição que hoje é muito conhecida, o Instituto Estadual de Educação, onde trabalhei 6 anos.

Na época tinha o Instituto de Trabalhadores da Estiva. Se na época Florianópolis tinha o porto, tinha que ter estiva, que são os homens que trabalham. Na minha época, o estaleiro Arataca tinha de 24 a 30 trabalhadores permanentes, mas quando o navio era puxado para bater ferrugem chamavam os “bagrinhos”, que eram aqueles que sabiam bater ferrugem dos navios, era empregado comum, ganhava uma quantia diária, recebia por semana. No fim da semana recebia, enquanto o navio estivesse no porto e tivesse necessidade de bater a ferrugem.

Nos domingos ia no Miramar, se reunia a sociedade de Florianópolis para bailes, reuniões sociais. Eu cheguei a participar dessas reuniões com minha mulher. Tudo isso são coisas do passado muito interessantes. Não era permitido entrar cafajeste, só entrava gente da sociedade, ficava de frente para o mar, mas tinha acesso lateral, a sociedade se reunia, era bacana, era bonito. Música mesmo não tinha, mas era um ambiente social muito simpático, os garçons servindo como gentlemans a todos que estavam ali. Eu ia de terninho branco, de palheta (um tipo de chapéu).

Participava do footing, dava uma volta no jardim da praça XV, depois passou a ser da praça XV até a Deodoro. Voltava, ia para lá e para cá. O footing era o vaivém de senhoras bem trajadas, namorados, casados também porque não dizer. Era muito simpática a cidade na época.

As lembranças do Sr Francisco representam, nesse estudo, uma parcela dos trabalhadores do setor formal da cidade. Tinha horários de trabalho estabelecidos e remuneração fixa. Enfim, entre as várias categorias de trabalho existentes na cidade, sua trajetória diferencia-se, pois trabalhava numa empresa de prestígio.

Mesmo que não recebesse uma boa remuneração, trabalhar na empresa Hoepcke lhe garantia certas regalias e posição social. Como ele mesmo falou: *Quem trabalhava na empresa Hoepcke e no Banco do Brasil era importante*

ALCIDES.

O Sr Alcides da Silva, 89 anos, mora em Canasvieiras. Hoje é negociante. E ao lembrar de quando trabalhava como pescador, faz um paralelo de um tempo de dificuldades com o tempo de hoje. Mora sozinho. Sua mulher já é falecida, mas como tem uma mercearia, segundo ele: *se distrai o dia todo*. Porém, trabalha de Domingo a Domingo, até a noite.

Reticente no início, o Sr Alcides traz em suas narrativas as expectativas de quem viveu em meio a duas realidades diferentes, como mundos a parte. Porque, de um lado trabalhava e vivia em Canasvieiras, conhecendo a todos e sendo conhecido, por outro, esperava com afinho os dias em que se encaminhava ao centro da cidade.

Ser pescador e negociante trouxe-lhe as experiências de duas formas de trabalho diferentes, a extrativista e a comercial. Entretanto, suas narrativas centram-se sobre as experiências de pescador, a solidariedade dos companheiros, as épocas ruins para a pesca, o medo de tempestades, o amor da mulher, enfim, traz a emoção de quem viveu e apreendeu cada momento, aglutinando felicidade e tristeza.

Sempre morei em Canasvieiras, trabalhava na lavoura, pescava e vendia o peixe. Vendia aqui para essas várzeas, levava às vezes pelo mar, naquele tempo não tinha caminhão, era tudo pelo mar.

Meu pai tinha o aparelho de pesca, ele partia ao meio o peixe que viesse, vendia, daí partia ao meio. Ele ganhava uma parte e o outro pessoal que ajudava ganhava a outra parte, aquela parte era dividida entre 10 pessoas.

Eu plantava cebola e pescava. As estradas naquele tempo eram ruim, hoje já tem tudo asfaltado, já é mais fácil, mas naquele tempo era difícil. Era difícil, a gente

botava na embarcação e levava o peixe, às vezes com vento, às vezes com chuva ou às vezes não tinha vento, mas não tinha motor, levava-se tempo para ir a cidade. Ia vender no mercado. Naquele tempo, antigamente, no mercado do peixe era assim por pouquinho, hoje é por peso. Já faz tempo que é por peso, mas naquele tempo não. A cebola, no princípio vendia em resta. Quando sobrava vendia o resto mais barato.

Naquele tempo, a carne tinha pouca aqui. A gente tinha que trazer da cidade, quase não comia carne, muito pouco. Só comia quando ia na cidade e na cidade não se ia todo dia. Sabia que eu fui na cidade de pé. Nós saímos cedo daqui, fomos amanhecer sabe onde, fui eu, meu pai e mais 3 rapazes. Ele ia de cavalo, devagarzinho e nós ia acompanhando. Nós fomos amanhecer no jardim da paz. Sabe o que ele foi fazer com nós, tirar uma caderneta na capitania para poder pescar. Nessa caderneta, eu fui sempre passando o visto e estou aposentado por essa caderneta. Eu era pescador, hoje é que sou negociante.

É... meus pais sempre me ajudaram um pouquinho, não podia, mas sempre ajudaram. Quando casei, ainda me lembro, eu fui só com o dinheiro da minha senhora, que era professora ali em Ratonés. Nós fomos morar lá. Ela era professora e ganhava só 170 mil réis, naquele tempo, ainda às vezes eu dizia, mulher, nós vim para cá para tu ganhar só isso. Ainda que eu vinha de lá para pescar. Às vezes eu vinha de cavalo, às vezes eu vinha de pé. Nos domingos, nos sábados nós vinha aqui, quase nunca ficava.

Naquele tempo, os professores ganhavam uma mixaria, ainda hoje não ganham muita coisa. Depois nós compramos uma aranha (carroça). Todo Sábado nós vinha para cá. A gente comprava nas vendas aqui, às vezes ia para a cidade, trazia da cidade. Era mais barato trazer da cidade. Eu acho que agora é melhor, é tudo mais fácil, naquele tempo quase não havia dinheiro. Ir lá no centro só quando precisava., Hoje, a pessoa quer comprar qualquer coisa vai no centro. Às vezes precisava comprar roupa,

tinha que ir no centro, ternos de linho, de casemira. Aqui eles faziam festa na época que o pessoal colhia cebola, da pesca também, juntava aquele pouquinho de dinheiro ia lá comprava uma camisa, chapéu, sapato. Era a roupa da festa. Quando havia festa do Espírito Santo, o pessoal ficava todo pronto, até eu também, usava gravata, terno.

Cuidava da roça até meio dia e depois ia para a rede, de tarde. E ficava pescando até 7,8 horas. A comida da gente era farinha, a gente botava um pouquinho de água, esquentava, fazia aquele pirão, feijão e comia com peixe, peixe assado, frito ou cozido, agente comia aquilo ali. Fui criado assim, agora hoje a gente come o arroz, macarrão e a minha farinhazinha eu sempre boto um pouquinho em cima do arroz, é assim. Os outros filhos saíram tudo e eu fiquei aqui, saiu muita gente, que foi pescar no Rio Grande do Sul. Aqui quando ficava ruim, ia plantar, mas sempre pouco ou muito sempre dava, lá um dia acertava, era assim.

A gente saía pelas 2 horas da tarde, as vezes meio dia e voltava tarde da noite, ia com rede pescar fora. Quando matava vinha cedo, porque de noite, escuro, não tinha luz, era daquelas pombocas (espécie de lamparina). Aquilo minha mãe usou tanto, depois é que usaram o lampião. Eu tinha uma raiva quando eu era rapaz, que a gente saía aos domingos e a mãe dizia, filho falta querosene, eu dizia: mãe, não me manda comprar querosene aos domingos, o dono da venda não gosta e eu não gosto de comprar. Nas vendas tinham, levava uma garrafinha para comprar, não era barato, depois é que veio a luz, pronto, clareou tudo.

Eu quando chegava do mar, me lavava, trocava de roupa e não saía mais. Naquele tempo não tinha banheiro, ainda peguei banheiras, daquela coisa da gente lavar os pés, de madeira, depois veio aquelas banheiras grandes que a gente se lavava, a gamela. Era assim, ia dormir cedo. Lá na praia já tinha o pessoal que comprava, contava o peixe, às vezes por balaio. Era 20,30,40 às vezes por 100 mil réis, e também

levava para casa. Tinha que trazer, tinha que escamar, deixar só aquele pouquinho fresquinho para comer, passar o dia e o outro botava no sol para secar. Chegava com fome, louco por um cafezinho. Era assim.

Diante da lembrança do Sr Alcides pode-se dizer que, mesmo não trabalhando no centro urbano, mantinha sua forma de trabalho, onde o tempo foi aos poucos se redimensionando, ou seja, não era mais determinado pela natureza, mas sim pela demanda dos produtos. Nesse sentido, pode-se dizer que havia várias temporalidades no que se refere ao desenvolvimento do trabalho na cidade.

Quando se fala em tempo de trabalho é necessário examinar a mudança da noção de tempo. A atenção ao tempo no trabalho depende em grande parte da necessidade de sincronização do trabalho. Quando examinamos cada tarefa mais detalhadamente ficamos surpresos com a multiplicidade de tarefas subsidiárias que o mesmo trabalhador ou grupo de família devia realizar num mesmo espaço.¹¹

Quando Thompson destaca a introdução do ritmo de trabalho em algumas sociedades, contribui para essa análise na medida em que se pode trazer as problematizações sobre o tempo de trabalho na cidade de Florianópolis, que vai se modificando e, deste modo, vão surgindo múltiplas formas de trabalho, sejam nas casas, nas pequenas fábricas ou mesmo nas ruas.

Constata-se, nas memórias dos trabalhadores e trabalhadoras, como as do Sr. Alcides, as profundas modificações que foram perpassando o cotidiano, onde os lugares foram sendo redimensionados e, conseqüentemente, as práticas, os valores, os costumes foram modificados em prol da unidade de padrões, sem levar em conta a heterogeneidade das práticas.

¹¹ THOMPSON, E.P Tempo, Disciplina de trabalho e capitalismo industrial IN : *Costumes em Comum*. SP: Cia das Letras, 1998 p 280

MÁRIO

O Sr Mário Souza, 89 anos, mora sozinho. Mas é uma pessoa muito tímida, quase não quer falar, quando fala é muito pouco, e num tom de voz muito baixo.

Lembra principalmente dos momentos de diversão, como se quisesse esquecer do tempo em que trabalhava. Sua vida de trabalho começou muito cedo, talvez por isso resista ao ser indagado sobre as dificuldades enfrentadas no dia a dia. As dificuldades financeiras estão presentes em sua fala, ressaltando que *era e ainda é pobre*.

Eu nasci nos fundos da Avenida Mauro Ramos, numa casa grande com um pé de coqueiro grande, no dia 26 de junho de 1911. Vivi toda a minha vida aqui em Florianópolis. As crianças brincavam na rua naquele tempo, era muito bom. Eu trabalhava na loja Paraíso, ficava na Rua Trajano, na loja vendia de tudo, roupa, sapato. Trabalhei lá bastante tempo, não me recordo quando comecei, mas era moço, tinha 13, 14 anos.

Eu não frequentava bares. No Miramar eu nunca fui, era caro. Havia alguns bares para pessoas mais pobres, mas eu não ia porque quase não saía. Em bailes eu não ia, gostava de carnaval, eu trabalhava para o meu patrão, vendia confete, serpentina, lança perfume, não era proibido. O carnaval de rua era aquela farra, bebia-se muito e dava muita briga.

Eu não fui para a guerra porque minha idade não dava. Na cidade o pessoal saía de casa porque ficou com medo. Por mim essas coisas não afetavam, só a morte do meu pai que mudou minha vida. Eu trabalhava no comércio, na loja e ia para casa. Nem todas as ruas da cidade eram iluminadas naquela época.

O pessoal reclamava muito naquela época, mas ainda é assim até hoje, sempre reclamam, se tão trabalhando e ganhando bem não dizem nada. Eu nunca ganhei bem.

Tive só uma filha. Era muito bonita, mas morreu mocinha, eu não sei do que ela morreu. Minha esposa também já morreu. Na época dos navios havia muita briga no cais, tinham alguns homens que mais pareciam doidos. Era homem com homem, mulher com homem, dava de tudo ali.

Hoje a cidade melhorou, as coisas são mais fáceis. Eu trabalhava no comércio e muita gente gostava de mim. Eu ia às festinhas de igreja, tinha muitos prêmios, jogo de colher, de garfo, faca, mas eu não gostava muito não. Os ricos não iam muito e os pretos também não, porque os brancos não gostavam de pretos. Eu não gostava e não gosto.

Eu tive um serviço que o meu patrão reconheceu que eu ganhava mal, porque ele botava empregado e daí eles roubavam. Por um tempo as mercadorias da loja vinham de navio, daí isso acabou e elas passaram a vir via terrestre.

Do footing eu me lembro. Eu não ia porque era para gente grande, eu sempre fui pobre e hoje ainda sou pobre.

Pode-se dizer que cada trabalhador absorve as mudanças sejam do cenário urbano, ou de suas vidas, de forma diferenciada. No caso do Sr Mário, sente-se triste pelas ausências da mulher e da filha. Em vários momentos, o silêncio perdura em sua narrativa, de forma que representa os fatos de sua vida como algo sempre difícil.

Assim, seja nos vazios ou nos elementos que passaram a compor o cenário urbano, cada trabalhador e trabalhadora traz momentos, sentimentos, lugares, edificações que marcaram sua trajetória pessoal ou mesmo as trajetórias da cidade.

Muitos dos trabalhadores e trabalhadoras, como o Sr Mário, lembram do footing, alguns que participavam, outros não. Neste sentido, não só o footing, mas também as festas religiosas, os cinemas e o teatro representariam o tempo livre desses homens e mulheres.

No caso do footing, percebe-se que era um divertimento frequentado também em outros lugares, como destaca Sevcenko, ao analisar as mudanças no cotidiano em São Paulo. A partir das 16 hs se estabelecia o “footing” no circuito das lojas finas do triângulo, cujo ápice era o chá das cinco nos salões do Mappin Stores e o refluxo, o “rush” das seis.¹²

Em Florianópolis, assim como em São Paulo, o footing tinha sua importância como divertimento, mas percebe-se certas peculiaridades quando se analisa as falas dos trabalhadores e trabalhadoras. Pois, se para o Sr Francisco, que se considerava como membro da “ sociedade”, o footing era um dos divertimentos mais frequentados, para o Sr Mário como ele era pobre não poderia frequentar.

As lembranças do Sr Mário são pautadas pela amargura, pelas palavras tristes, e que denotam sempre um certo pessimismo em relação à vida, em relação à cidade. Pelas dificuldades enfrentadas mostra que nunca teve grandes perspectivas de vida e, mesmo trabalhando muito, hoje vive numa casa simples e sozinho.

¹² SEVCENKO, op cit p 51

IRENE

D. Irene Maria da Silva Pires, 91 anos, vive hoje num asilo em São José. Em suas lembranças sobressaem as amarguras, tristezas, principalmente pelo fato de criar seus filhos com tanto esforço e hoje viver no asilo.

No entanto, mesmo que às vezes estivesse triste, exaltava o “*seu tempo*”, onde para ela as coisas eram melhores, a cidade mais bonita. Ao lembrar de seu cotidiano, mesclam-se risos e choros. Dentro do asilo parece perder a noção do tempo, pois sempre questiona sobre o “*mundo lá fora*”.

As trajetórias de trabalho das mulheres entrevistadas trazem inúmeras diferenças do que os homens lembram, pois além de lembrar das atividades, recuperam os momentos em família, a criação dos filhos, os laços de solidariedade entre os vizinhos, enfim, há uma gama de lembranças que envolvem suas vidas.

Em alguns momentos demonstram um sentimento de perda com as mudanças que foram realizadas na cidade, de uma maneira que parecem perder certos referenciais de vida com a destruição de casas, com o aterro de ruas. É como se suas trajetórias estivessem intrinsecamente relacionadas com os rumos que a cidade tomava. De certa forma, isso acontece porque o sujeito que pode se auto reconhecer em lugares familiares que o situem preserva o seu eu, vale dizer, protege-se da sensação de isolamento, de anonimato, de abandono, construindo seu próprio aconchego¹³

Quando me casei tinha 15 anos e o meu marido 27, aqui agora parece que tiraram o nome, Praia de Fora, não sei se você conhece, dizem que trocaram o nome.

¹³ D'ALESSIO, Marcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. In: *Revista Projeto História*. PUC/SP. n° 17, 1998 p 274

Ali tinha uma fábrica de madeira e uma parte de café, pó de café. Ele trabalhava ali, no escritório. E ali depois tudo acabou, teve uma casa de fruta e um empório, que ainda tem, tem pão, negócio de doce. O João Sabino, que tinha madeireira, depois ele botou uma partezinha de fruta, ia fazendo pão, ia vendendo, depois meus filhos foram crescendo. Com 8 anos os meus três filhos mais velhos, o Valter, o Valmor e o Vilson foram trabalhar. Naquela época não precisava dessas coisas de carteira, de documento nada, só o pai levava, indicava a eles o que tinha que fazer. Mas depois aborreceram e ele vendeu para outro.

Da inauguração da ponte eu não lembro, mas quando era mocinha, tinha aquelas coleguinhas de escola, nós vinha de tamanco, na época se usava muito tamanco, nós vinha de cá para lá, para ver eles fazer a ponte, eles botavam umas coisas no mar, outros traziam ferro, vi eles tirarem, de longe, o cemitério. Os operários era americanos, tinha inglês, português, tinha os nossos brasileiros, tinha gente para dedeu.

Nós ia no trapiche que era de madeira, mas na época era tudo bem feito, ali tinha regata. E a gente fazia a maior festa. No Rita Maria, ali tinha fábricas, as vezes quando passo lá eu lembro, tinha fábrica de sabão, de arame, de gelo, até eu tinha um concunhado que trabalhava na fábrica de gelo e tinha uma fábrica de peixe, parece que ainda tem. Tinha aquelas fábricas grandes, tinham gente assim, como tinha homem para trabalhar lá, trabalhavam o dia inteirinho.

Eu morava na rua Menino Deus, que é bem em cima e no Largo 13 de Maio, tive dois filhos que nasceram quando morava lá, depois eu passei para a rua Duarte Schutel, perto do Departamento de Saúde, ali eu morei um tempão. Na época era mais difícil, nós comia muita carne seca, era 3 mil réis por 1 kg de carne seca, cheirosa, aí a gente ferventava, fazia carne assada, ensopada. Eu acho o meu tempo melhor que hoje.

Quando queria comprar comida, tinha o Juvenal, eu dava o dinheiro a ele e a lista, ele fazia as compras do mercado para mim e para uma vizinha, porque eu não podia, tinha muita criança, tinha que botar os mais velhos para a escola, os outros ficavam agarrados no vestido e às vezes já tinha um na barriga. Então a gente pagava 600 réis e aquilo era um dinheirão, tinha lavadeira. A minha roupa vinha da lavadeira já passada, engomada. Pagava 200 réis, 300 réis. Elas vinham buscar de carrinho de mão ou então com um filho mais velho, ela tinham cinco lavações no mesmo dia, lavavam tudo, era tudo marcadinho. Tal dia para levar, tal dia para trazer. Quando chovia atrasava a roupa. O leite a gente comprava na porta, vinha um homem com um pau nas costas, com duas latas na frente e duas atrás, esses latão grande e já trazia a medida, uma caneca de alumínio. Comprava dois litros, outra comprava um litro, outra meio. Aquele leite gostoso, bom, hoje não tem mais.

Vendiam frutas, eles paravam na frente das casas e tinha um negócio de boi, gritavam e a gente já sabia, comprava laranja, cebola. Tinha um armazém forte na rua Tiradentes, que era de um português, os Faraco. E ali a gente ia comprar as coisas, porque de comer, só de venda era para quebrar o galho. Mas fazer uma comprinha melhorzinha a gente ia nos Faraco. Meu pai também era português, minha mãe não. Se conheceram aqui.

Eu trabalhei de vendedora. Eu acordava cedo, quase toda a noite estava acordada, se usava dar comida, mamadeira de noite, na época não tinha geladeira, difícil só gente rica. Então eu tinha fogareiro para fazer a mamadeira para aqueles que estavam chorando, vida de casada é bom, mas de solteira é melhor. Mas se eu quisesse até com 10 anos eu tinha casado, mas quando meu pai morreu eu tinha 13 anos, e a minha mãe tinha mais idade, depois ela faleceu. Eu fui criada pelos meus padrinhos, ali na rua Tiradentes. Hoje é uma floricultura, dali sai casada.

A minha madrinha me ensinou a trabalhar, porque amanhã tu estás uma moça, sabe fazer as coisas e eu não preciso aprender, porque eu já sei. Mandou fazer um banquinho para eu subir, poder lavar a louça, ela me ensinava, faz assim, bota ali e eu levava muito tempo, mas fazia. Hoje eu sei fazer de tudo, numa cozinha ninguém me ensina a fazer nada. Eles aqui (no asilo) não deixam fazer, mas se deixassem eu ia preparar um peixe, fazer uma comida, mas não dá.

Quando eu era moça dancei muito no José Mendes, não sei se a casa ainda existe, dum alemão, o Adolfo, que comprou um salão de baile e nos sábados eles deixavam as meninas dançar. Ia à festa de Igreja, que eu ia muito era do Senhor do Passos e hoje as vezes não sei nem quando é a festa, tem a do São Sebastião, que vinha da Praia de Fora para a catedral. Eram duas procissões que eu ia muito, acompanhada, às vezes fazia uma promessazinha.

No footing a gente arranjava namorado, para lá e para cá. A gente sentava na grama, muito bom a antiguidade, sabe, melhor que hoje. E ali o Largo 13 de Maio era tão bonito, aquelas árvores enfileiradas, as casas todas de um lado só, do outro era o mar. Hoje em dia esta tudo entupido, as águas todas encalhadas no Saco dos Limões, a gente passeava de tamanco, ia para a escola tudo de tamanco, solinha de madeira. Tem muito tempo que eu não vou no centro da cidade, fico o tempo todo no asilo, eu se pudesse andar direito, com outra pessoa eu ia lá ver como está.

Nas lembranças de D Irene, vendedora, percebe-se que a todo momento relega as lembranças do trabalho fora de casa em detrimento do trabalho doméstico. Neste sentido, mesmo que não seja esse o enfoque no momento, o trabalho doméstico deve ser problematizado, na medida em algumas lembranças são pautadas a partir desse trabalho.

O trabalho doméstico, apesar de não remunerado, se configura como espaço em que executa várias atividades durante o dia. Assim, busca-se nesse momento, quando se

analisa a relação do trabalho doméstico com o trabalho de vendedora, as diferenças das formas de trabalho e suas manifestações na vida das mulheres. Pois, *o trabalho doméstico distingue-se dos outros por ser auto definido, auto regulado e por ser privado, confundindo-se com o papel da mulher na família*¹⁴

Mesmo sendo auto definido, nas lembranças das mulheres o trabalho doméstico e o trabalho fora do lar se complementam, o que leva a perceber que ao sair para a rua a fim de exercer alguma atividade remunerada, o privado vai se entrecruzando com o público. Deste modo, a fronteira entre o público e o privado é variável, sinuosa e atravessa até mesmo o micro-espço doméstico.¹⁵ Logo, não se pode separar as duas atividades, até porque há uma relação implícita entre elas.

D. Irene lembra principalmente do cotidiano de trabalho doméstico, onde cuidava da casa, dos filhos. *Acordava cedo, quase toda noite estava acordada, se usava dar comida, mamadeira de noite.(...) eu não podia sair porque tinha a casa, tinha que botar os mais velhos para a escola, os outros ficavam agarrados no vestido, e às vezes tinha um na barriga.* Essas palavras de D Irene mostram as inúmeras dificuldades enfrentadas pelas mulheres seja no trabalho doméstico, nas relações no interior da família, com uma sobrecarga de trabalho. Entretanto, cabe destacar, também, que é a partir das relações familiares que se pode desconstruir os estereótipos ligados a mulher-mãe-esposa. Desse forma, é destinada à mulher uma importância dentro do lar, justamente pelo fato dela ser responsável pela educação, modos de comportamento, valor do trabalho.

¹⁴ PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e Trabalhadoras. Presença feminina na constituição do sistema fabril*. RJ: Paz e Terra, 1981 p79

¹⁵ PERROT, Michele. *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann, RJ: Paz e Terra, 1988 p 180

HERCÍLIA

D. Hercília Oliveira, 89 anos, tem um sonho, sair do asilo onde vive há cinco anos. Suas lembranças são pautadas pela amargura, pelas dificuldades. Quando lembra da família ressalta que com seu trabalho de lavadeira deu estudo para as duas filhas se tornarem professoras e hoje vive no asilo.

Enquanto os outros entrevistados lembram do trabalho como um elo que os liga ao mundo atual, D. Hercília diz não sentir saudades do tempo em que trabalhava. No asilo onde vive representa aquilo que muitos dos que estão lá reforçam: o fato de trabalhar durante toda a vida e na velhice viver cercada de “estranhos”.

Por mais que estejam num espaço onde as ações, vivências sejam coletivas, há particularidades da trajetória de vida que denotam a importância da recuperação da memória dessas pessoas. Pois, se as lembranças de trabalho trazem a vivacidade dessas pessoas, o viver nos asilos encerram uma parte de suas histórias. Por isso, trazer as memórias individuais contribui para reafirmar a identidade dos sujeitos. De toda essa tentativa de explicação resulta ainda uma idéia para um conceito revisitado: identidade é, também, referência, ou seja, aquele conjunto de formas de ser, de valores e de códigos nos quais as pessoas se reconhecem.¹⁶

Eu nasci e morei toda a vida em Capoeiras. Lavava para a cidade, passava a ponte a pé, buscava a roupa uma vez por semana, ia buscar na Segunda-feira, com meu filho e levava na Sexta-feira. Quando chovia eu não ia.

Lavava, dei estudo para os meus filhos tudo com a pedra do lavador. Tinha dois homens e duas mulheres. As filhas mulheres foram professoras, a mais velha foi trabalhar na serra, a mais nova ficou em Canasvieiras. Osvaldina e Ôsmarina, hoje já

estão aposentadas. Eu fiquei viúva cedo. Sempre lavando para dar conforto para eles, dar estudo, roupas. Às vezes eu comprava roupas, às vezes eu mesma fazia, porque tinha máquina, eu mesmo fazia. Costurava calça. Eu já estava acostumada, porque minha mãe era costureira, a gente morava no Estreito, nós pegava costura, com força e saúde que desse, para nós cuidar da costura que a gente pegava.

Eu fazia muito com minha mãe, era calça de homem, a minha mãe fazia o terno e eu fazia a calça. A gente por fim acostumava. De noite a gente não trabalhava, porque também era dona de casa, tinha marido, filhos, tinha que cuidar da casa também.

Eles mandavam a roupa com sabão, eu tinha uma que me ajudava a passar, porque eu não gostava de passar. Eu tinha que lavar, passar, mas era muita roupa. Naquele tempo tinha marido trabalhando, tinha que cuidar dos filhos, estudando, tudo isso a gente precisava cuidar. Sabendo trabalhar, dava tudo certo. Pegava só a quantidade que pudesse trabalhar. Eu sozinha, mais Deus. Pagavam bem não, já viu lavadeira ganhar bem. Eu dizia para minhas filhas, Deus há de ajudar vocês, que essa cruz há de sair, porque assim que vocês se formarem, a gente para com isso. Porque gostasse ou não gostasse, tinha que trabalhar, porque tinha que dar estudos para elas. Eu não escolhi nada, porque minha profissão era aquela. Eu fazia esse sacrifício só pelas minhas filhas.

Minha festa era o serviço e a casa. Depois quando as filhas casaram acabou-se. Por isso, a gente tem que trabalhar, porque o trabalho não mata ninguém. Sabendo viver, cada um na sua casa, quando precisava ocupava uma vizinha ou outra, graças a Deus não tenho nada a dizer dos vizinhos.

Eu não tinha tempo de notar a cidade, ia buscar a roupa. Chegava no fim da semana, entregava. A gente que trabalha em casa nunca tem hora certa, tem serviço o

¹⁶ D' ALÉSSIO, 1998. op cit p 279

dia todo. A casa a semana inteira a gente fazia limpeza, a gente era pobre, mas gostava da limpeza, deixava tudo limpo, porque a semana toda era para lavar a roupa. A gente não tinha posse para comprar ferro moderno, tinha um ferro bom. Era aquele ferro antigo, agora os modernos eram para quem tinha posse.

Eu não tenho saudade daquela época, saudade de trabalhar, não. Porque hoje o tempo passa e a gente esquece. Os preguiçosos não gostam de trabalhar, mas quem está acostumado sempre trabalha, quem trabalha não tem tempo para andar pela cidade. Dia feliz a gente tem quando não trabalha, para a gente o dia não chegava, para fazer todo o trabalho.

A trajetória de trabalho e de vida de D Hercília, que vive num asilo - lembrando de sua vida, sempre com certa amargura, mas cheia de trabalho e com pouco tempo não só para o lazer, mas para ela mesma- tem suas experiências marcadas pelo abandono. Essa mulher trabalhadora, que diariamente levantava cedo, trabalhava até a noite, cuidava da casa, dos filhos, precisa de outras “vozes” para dizer que o tempo de suas experiências não cessou. Mesmo que desponte entre as sombras, ela estava lá; e é apenas necessário iluminar sua exígua vida para compreender o movimento do tempo.¹⁷

3.1 Das trajetórias permanecem as lembranças.

Em suma, pode-se dizer que as lembranças reproduzem, a todo momento, cada passo de suas atividades, seja o Sr Francisco ensinando como preencher as notas; o Sr Nicolau como fazer a canoa, descrevendo cada etapa, desde o corte da árvore, até a confecção da canoa; a D Irene como cuidar da casa; D Hercília explicando que trabalhar é uma obrigação; o Sr Alcides utilizando palavras amenas para descrever as dificuldades de morar e viver sem água, luz.

Nesse momento de reconstrução, as mãos gesticulam, os olhos brilham, o corpo todo parece envolver-se na descrição das atividades, como se não fosse somente lembrar, mas através do refazer o seu trabalho, mostrar que ainda “são úteis”.¹⁸

Os trabalhadores e trabalhadoras, através das memórias, recuperam fragmentos do passado que aos poucos vão remontando suas experiências. A noção de tempo se mistura e a experiência de trabalho estreita as lembranças, isso porque *a memória gira em torno da relação passado-presente e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado*¹⁹

O tempo do passado e o tempo do presente são como impulsionadores das lembranças dos trabalhadores e trabalhadoras - trazendo o trabalho como alicerce - para mostrar que eram se não felizes, pelo menos úteis. Além disso, determinadas falas deixam claro que no período em que trabalhavam, sentiam-se responsáveis por suas

¹⁷ PENA, op cit p 84

¹⁸ BOSI, Eclea. Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos. SP: T A Queiroz, 1987

¹⁹ THONSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história e as memórias IN: Revista Projeto História-PUC-SP, 1981 p 57

ações e, hoje, os que vivem nos asilos, têm suas ações determinadas por outras pessoas.

Desta forma, seja em relação ao tempo de trabalho como ao tempo livre, as lembranças dos trabalhadores e trabalhadoras traçam certas peculiaridades sobre Florianópolis.

De certo modo, ao analisar o tempo livre em Florianópolis deve-se deixar claro que havia diferenciações na concepção de tempo livre. Durante muito tempo, e em algumas localidades da cidade, de maneira mais presente, a noção de tempo era regida pela vivência cotidiana. Como esclarece Maria Bernardete Ramos Flores, quando analisa as festas religiosas em Desterro-Florianópolis, não há uma demarcação exata do tempo de trabalho e tempo livre, de forma que a produção de subsistência, as diversões, comunicações, os ritos religiosos, o namoro, as trocas de experiências, estão imbricadas na jornada, dada pelo que é necessário fazer, necessidade proveniente do tempo regular das safras e das épocas.²⁰

Assim, essa forma de entender o tempo se torna mais perceptível quando os trabalhadores e trabalhadoras lembram das festas religiosas. O Sr Alcides lembra que conheceu sua esposa numa festa na Capela de Santo Antônio, em Canasvieiras, onde, depois da procissão, ia para o salão dançar.

Como lembra o Sr Nicolau, *nos sábados nós ia para os bailes sim. A gente só queria brincar. Era trabalhadores daqui, tudo açorianos, do estreito também. Em Santo Antônio de Lisboa, sempre dancei lá. Eu fui até presidente de um clube, o Avante.*²¹

Logo, transitar entre o centro da cidade e o interior da ilha, permanecer na Praça XV, ir aos clubes de elite, frequentar os cinemas, para esses homens e mulheres tinha

²⁰ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Memória e Festa In: *Revista-História em Debate: Problemas, Temas e Perspectivas*. RJ: 1991 p 120

²¹ Entrevista com Sr Nicolau, 99 anos, em setembro de 1999

um significado maior do que apenas lazer; era o tempo livre de cada um deles, onde o “não fazer” também estava presente.

Em suma, percebe-se que juntamente com o redimensionamento das práticas de trabalho, o tempo livre e as formas de divertimentos também foram modificados e impulsionados pelas mudanças no cenário urbano.

Logo, percebe-se que, em Florianópolis, o tempo de trabalho e o tempo que tinham livre constantemente se confundem, de tal modo que, muitas vezes, algumas atividades desempenhadas eram de acordo não só com a habilidade do trabalhador e trabalhadora, mas estavam situadas num “tempo próprio”, onde eles faziam as regras, os horários.

Por isso, trazer as falas de alguns trabalhadores e trabalhadoras possibilitou suscitar o “outro lado da história”, histórias de trabalho, mas também histórias de suas experiências, dos relacionamentos, do cotidiano, da vida em família, dos sonhos. Em suma, remontando o mosaico de experiências, percebe-se que essas falas são apenas uma pequena parte das muitas experiências que ainda têm que ser suscitadas.

Logo, diante de certezas e incertezas, remontar esse tempo em que viviam, ou seja, a década de 20, traz consigo inúmeras discussões, isso porque cada trabalhador e trabalhadora se refere a um tempo específico, um tempo seu, mas também buscam situar o seu trabalho no tempo social.

Neste sentido, percebe-se que há diferentes formas de conceber o tempo: o tempo corporal, o tempo social, o tempo cultural,²² o tempo da natureza e a impossibilidade do tempo cronológico dar conta da amplitude das lembranças. Até porque há trabalhadores e trabalhadoras que aproveitam a oportunidade diante do gravador para fazer um balanço de toda sua vida. Se o Sr Francisco sente-se feliz por viver com Dona Elza em sua casa, Dona Hercília e Dona Irene, apesar de terem

trabalhado durante muito tempo, terem filhos, parentes, vivem no asilo. Deste modo, pode-se dizer que, na velhice, esses homens e mulheres convivem com as lembranças de seu trabalho, sentindo um certo “peso” por não serem mais úteis. E além dessa condição de desvalorização perante a sociedade, Dona Hercília e Dona Irene ainda convivem duplamente com essa desvalorização, não só em relação ao trabalho, mas também em relação à vida.

²² BOSI, Alfredo. *O tempo e os tempos* In: *Tempo e História*. SP: Cia das letras, 1992

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, pautado pelo desejo de romper com o silêncio em relação aos trabalhadores e trabalhadoras em Florianópolis, foi possível perceber que havia uma multiplicidade de formas de trabalho, com uma heterogeneidade marcante na cidade. Ao mesmo tempo em que os discursos apontavam para uma nova noção de trabalho, fui percebendo, através das falas de homens e mulheres, que mais do que redimensionar suas práticas, o trabalho inseriu em suas vivências um componente imprescindível, o fato de serem sujeitos atuantes na cidade.

O trabalho insere um significado na vida dessas pessoas, onde na maioria das vezes reintegra-os ao processo social, quando eram cidadãos “úteis”, em que sua preocupação cotidiana era voltada ao tempo do trabalho, ao exercício da atividade, aos locais de trabalho, aos laços de solidariedade, de companheirismo, enfim, quando estavam imersos no cotidiano do trabalho.

A memória contribui substancialmente para compor o cenário onde se processaram as mudanças, já que recuperei lembranças de pessoas que trabalhavam no setor rural, no setor informal e no setor formal.

Os discursos do poder público buscavam, através dos ideais modernos, no sentido de socialmente legitimadas, elementos para a mudança da noção de trabalho em Florianópolis, que com a consolidação da República ganhou maior relevância.

Nesses discursos, o trabalho aparece como um dos pontos na sucessão de modificações e, além disso, no seu conjunto traz outras questões, como a geração de riquezas, maior produtividade, incremento do comércio e, principalmente, a construção de uma cultura do trabalho.

Percebi, então, que por mais que os discursos insistissem em impor certas normas, no cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras despontavam conflitos e resistências a essas imposições.

Meus questionamentos buscaram mostrar que a cidade não era exclusivamente político-administrativa, mas sim que era composta por uma gama de vendedores ambulantes, conferidores de carga, professoras, lavadeiras, operários, pescadores, enfim, inúmeros trabalhadores e trabalhadoras que, mais do que seu trabalho, me mostraram as dificuldades de se viver, se relacionar.

Seja aqueles que durante toda a trajetória de trabalho, de vida conseguiram obter um lar, aqueles que hoje não tem preocupação financeira ou mesmo aqueles que vivem em asilos, procurei dar voz às suas inquietações, de modo que este estudo fosse delineado por suas falas.

Nesse sentido, ao recuperar as lembranças desses homens e mulheres foi possível mapear as diferenças que constituíam o trabalho na cidade, bem como dar visibilidade a algumas atividades que não são lembradas na história oficial.

Desta forma, as delimitações, os confrontos, os discursos, as resistências foram se configurando ao longo do estudo, de maneira que não há uma linearidade quando se analisa as atividades exercidas na cidade. Pelo contrário, em todas as etapas do processo de trabalho, constatei uma variedade, uma criatividade no desempenho das atividades. Mesmo nas memórias daqueles trabalhadores e trabalhadoras que viam o trabalho como “obrigação,” percebi um certo saudosismo da Florianópolis da década de 20.

Logo, trabalhar na construção da Ponte; na empresa Hoepcke, lavando roupas, lecionando, pescando, representava mais do que sobreviver, pois era a referência de que eram sujeitos atuantes na história. E, hoje, ao “olhar para trás” esses sujeitos trazem toda a amargura de terem sido esquecidos pelos filhos, pelos parentes, pelo destino.

Talvez por isso, muitos se emocionem ao lembrar de quando trabalhavam, pois o não trabalhar é como não prestar para mais nada; é ser internado em um asilo, sem receber nenhuma visita dos filhos; é perceber que a memória vai ficando dispersa; é ver todas as pessoas queridas morrerem, em que sua atividade centra-se agora no lembrar.

Em suma, mesmo que muitos desses homens e mulheres tragam inúmeras amarguras em suas experiências, nesse momento, a partir de suas vozes, ecoam entre palavras tristes e alegres a emoção de torná-los os principais sujeitos desse estudo. Isso porque, seja a vida curta, ou não, para além da competitividade, esses homens e mulheres mostraram que é preciso viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Djanira Maria Martins de. *Hercílio Luz: Uma ponte integrando Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1981
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. RJ: FGV, 1996
- ARAUJO, Hermes dos Reis *A Invenção do litoral. Reformas Urbanas e Reajustamento Social em Florianópolis na Primeira República*. Dissertação de Mestrado PUC-SP. 1989
- ARENDT, Hannah. *A condição Humana*. Trad: Roberto Raposo. RJ: Forense Universitária, 1999
- BACKX, Sheila de Souza. A ética do trabalho e a construção social dos trabalhadores urbanos In: *Serviço Social. Reexaminando sua história*. RJ: Ed S.A, 1994
- BECK, Anamaria (coord) *Trabalho Limpo: A renda-de-bilro e a reprodução familiar* Florianópolis: UFSC, 1983
- BENJAMIM, Walter *Magia, técnica, arte e política* In: *Obras escolhidas*. SP: Ed brasiliense, 1994
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. Trad: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. SP: Cia das letras, 1986
- BOSSLE, Ondina P. *História da Industrialização Catarinense*. Das origens à integração no desenvolvimento brasileiro. Florianópolis, FIESC: 1988
- BOSI, Alfredo. *O tempo e os tempos* In: *Tempo e História*. SP: Cia das letras, 1992.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 2ª ed SP: T.A Queiroz, 1987
- BRESCIANNI, Maria Stela M. Metrôpoles: as faces do monstro urbano(as cidades no século XIX) In: *Revista Brasileira de História*. Vol 5, nº 8-9, setembro de 1984- abril de 1985

-
- . Lógica e Dissonância- Sociedade e Trabalho: lei, ciência e resistência operária. In: *Revista Brasileira de História*, vol 6, nº 11- Set-1985- Fev-1986
- CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *Nossa Senhora de Desterro*. Florianópolis: UFSC, 1972. Notícia I e II
-
- . *Nossa Senhora de Desterro*. Florianópolis, UFSC, 1972
-
- Memória I e II
- CARDOSO, Fernando Henrique e IANNI, Otávio. *Cor e Mobilidade Social em Florianópolis. Aspectos das relações entre Negros e Brancos numa comunidade do Brasil Meridional*. SP: CEN, 1960
- CATTANI, Antonio David. *Trabalho e Autonomia*. RJ: Vozes, 1996
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad: Maria de Lourdes Menezes. RJ: Forense Universitária, 1982
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. I As Artes de fazer*. Trad: Ephraim Ferreira Alves. RJ: Vozes, 1994
- CORBIN, Alan. *Saberes e Odores O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Trad. Lígia Watanabe. SP: Cia das Letras, 1987
- CORRÊA, Carlos Humberto *Um Estado entre duas Repúblicas*. Ed : UFSC, 1984
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim*. SP: Brasiliense, 1986
- CHAUÌ, Marilena. *Convite a Filosofia*. SP: Ed Ática, 1994
- D'ALLESSIO, Marcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. In: *Revista Projeto História*. SP, vol 17, novembro de 1998
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo. Sociedade e cultura no início da França Moderna*. Trad: Marilza Corrêa. RJ: Paz e Terra, 1990.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Indústria, Trabalho e Cotidiano*. SP: Atual, 1991
-
- . *A Vida fora das Fábricas. Cotidiano Operário em São Paulo. 1920-1934*. RJ: Paz e Terra, 1987
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. SP: Brasiliense, 1995

- DIAS, Maria Odila L da Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea In: *Projeto História*. PUC-SP, EDUC, 1991
- FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. SP: ed Difel, 1977
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida sampaio. SP: Edições Loyola, 1996
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. Memória e Festa In: *Revista-História em Debate*: Problemas, Temas e Perspectivas. RJ: 1991
-
- _____. *A farra do boi. Palavras, sentido, ficções*. Florianópolis: Ed UFSC, 1997
- GOMES, Angela de Castro. *História e Historiadores*. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1999
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. S.P: Vértice, 1990
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. RJ: Paz e Terra, 4ª edição, 1992
- HUBENER, *O Comércio em Desterro no século XIX*. Florianópolis: UFSC, 1979
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. SP: Martins Fontes, 1992 .
- JUNIOR, Victor Antonio Peluso. Crescimento Populacional de Florianópolis e suas repercussões na Plano e na Estrutura da cidade In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, 3ª fase, n 3, Florianópolis, 1981
- KUPKA, Roselane Neckel. *Tensões e Imagens do Viver Urbano em Florianópolis 1910/1930* Dissertação de Mestrado PUC/SP: 1993
- LOBO, Elisabeth Souza. *A classe operária tem dois sexos. Trabalho, dominação e resistência*. SP: Brasiliense, 1991
- MARX, Karl. *O Capital*. Trad: Reginaldo Sant'anna. 14ª edição, Bertrand Brasil, 1994
- MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral, Caminhos e descaminhos. In: *Revista Brasileira de História*, SP, vol 13, setembro de 92 e agosto de 93
- NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. *Revista Projeto História*, PUC-SP, Dez de 1993
- OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. *Os Filhos da Falha: Assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828- 1887)*. Dissertação de Mestrado, SP: Puc, 1990

- PAOLI, Maria Celia. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros In: LOPES, José Sérgio Leite. *Cultura e Identidade Operária Aspectos da Cultura da classe trabalhadora*. RJ: Marco Zero, 1982
- PEDRO, Joana Maria et al. *Negro em terra de branco: escravidão e preconceito em Santa catarina no século XIX*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988
- _____. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma questão de classe*. SP: USP, Tese de Doutorado, 1992
- _____. *Nas tramas entre o público e o privado. A imprensa em Desterro no século XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.
- PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e Trabalhadoras. Presença feminina na constituição do sistema fabril*. RJ: Paz e Terra, 1981
- PERROT, Michele. Práticas da Memória Feminina In: *Revista de História Brasileira*. 18 A mulher no espaço público. SP. ANPUH-Marco Zero. 1989
- PERROT, Michele. *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann, RJ: Paz e Terra, 1988
- PIAZZA, Maria de Fátima et ali. *A fábrica de Pontas Rita Maria. Um estudo da Arqueologia Industrial*. Florianópolis: Edeme, 1980
- PINTO, Maria Inês Borges. *Cotidiano e Sobrevivência*. S.P: Edusp, 1994
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio In: *Estudos Históricos*, vol 5, nº 10, 1992
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral In: *Revista Projeto História*. PUC-SP, 1981
- _____. Sonhos Ucrônicos. Memórias e Possíveis Mundos dos Trabalhadores. Trad: Maria Therezinha Janine Ribeiro. In: *Revista Projeto História*. SP, vol 10, deaembro de 1993
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. RJ: Paz e Terra, 1985
- RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *Condições de Trabalho na Indústria Têxtil Paulista (1870-1930)* SP: Hucitec, 1988
- ROSA, Maria Inês. *Trabalho, Subjetividade e Poder*. SP: EDUSP, 1994
- SALLES, Inês Galvão. *Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada*. SP: Hucitec, 1986.

- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. SP: Brasiliense, 1983
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático da Metrópole: São Paulo, Sociedade e cultura nos primeiros anos 20*. SP: Cia das letras, 1992
- SILVA, Nivaldo Jorge. *A descoberta do Mercado Público*. Fpolis, 1996
- SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. Trad: Lúcia Haddad. In: *Revista Projeto História*. SP: EDUC, nº 16 fev de 1998
- THOMPSON, E. P. Lucha de clases sin clases In :*Tradicion, Revuelta y consciencia de clase* Trad Eva Rodriguez. Barcelona: Diagrafic, 1984
- _____, *Miséria da Teoria*. RJ: Zahar, 1981
- _____, *Costumes em Comum*. SP: Cia das Letras, 1998
- THONSON, Alistair. Reconpondo a memória: questões sobre a relação entre a história e as memórias In: *Revista Projeto História-PUC-SP*, 1981
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Trad. Waltensir Dutra. RJ: Zahar editores, 1979. P 17-18
- _____. *O campo e a cidade na História e na Literatura*. Trad. Paulo Henrique Britto. SP: Cia das Letras, 1989. P 307.
- WOLFF, Cristina Scheibe. *Historiografia catarinense: uma introdução ao debate* In: Revista Catarinense de História, nº 2, 1994 p 12

FONTES

1 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO

1.1 Ofícios.

Ofícios de Chefes de Polícia para Secretaria Geral de Negócios do Estado. Janeiro a Dezembro de 1911, 1912, 1913, 1914, 1915.

Ofícios de Chefes de Polícia para Secretaria Geral de Negócios do Estado. Janeiro a Dezembro de 1916 a 1921.

1.2 Mensagens e Relatórios.

Mensagem apresentada à Assembléia legislativa em 29-07-1928 pelo Drº Adolfo Konder, Presidente do Estado de Santa Catarina.

Relatórios apresentados ao governador do Estado pelos secretários de negócios do Estado. 1887, 1904, 1907, 1915, 1920, 1928.

Relatório apresentado ao governador Gustavo Richard pelo Dr. Honório Hermeto Carneiro Cunha, secretário geral do Estado em janeiro de 1909.

Relatório apresentada ao Exmo Sr General Drº Felipe Schimdt, governador do Estado pelo Drº Fulvio C. Aducci- secretário geral em 1915.

Relatório apresentado ao governador Hercílio Pedro da Luz pelo Dr Adolfo Konder em maio de 1919.

Relatórios da Secretária da Fazenda. Negócios, exportação, importação, taxas e verbas. 1900-1920

Relatório apresentado ao Dr. Joel Luiz M. Callado, secretário do Interior e Justiça pelo desembargador Antero de Assis, chefe de polícia. Dezembro, 1922

Relatório apresentado ao Dr José Boiteux, secretário do Interior e Justiça, pelo Dr Joaquim David Ferreira. Inspetor de Higiene. Junho de 1919

2. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS.

Recenseamentos no município de Florianópolis. 1900 – 1920.

3. PERIÓDICOS:

O Trabalho. 1910.

A Época. 1911 a 1921

A República. 1900 a 1928

A Opinião 1917 a 1920

O Dia. 1910 a 1926

Diário Catarinense. 1997

4. ENTREVISTAS:

Nome	Idade	Residência.
Nicolau Tolentino Martins	99 anos	Forquilha, São José
Francisco Althoff	89 anos	Centro-Florianópolis
Elza Althoff	74 anos	Centro-Florianópolis.
Alcides da Silva	89 anos	Canasvieiras
Mario Souza	89 anos	Centro-Florianópolis
Irene Maria da Silva Pires	91 anos	Campinas-São José
Hercília Oliveira	88 anos	Campinas- São José
Laurita Vieira	79 anos	Ingleses
Eidi de Assis Côrrea	76 anos	Coqueiros
Paulo José de Souza	93 anos	Centro-Florianópolis.
Doralécio Soares	83 anos	Centro-Florianópolis